



MENINAS E NÃO NOIVAS

Parceria para Eliminação dos Casamentos Prematuros



Levante-se e Alce sua Voz!

Liderança juvenil para abordar o casamento infantil na América Latina e o Caribe

Manual de treinamento

Agradecimientos

Agradecimentos da versão para a América Latina e o Caribe:

Às jovens ativistas que contribuíram com sua experiência para a validação para a América Latina e o Caribe:

Blanca Ketzal'í Sipac Patal - Guatemala
Lídice Laurel Chávez Gammie - Nicarágua
Vanessa Virginia Blanco Mejía - Venezuela
Danha Alejandra Alvarado Jiménez - Guatemala
Lina Maria Cárdenas Castañeda - Colômbia
Cecilia Pérez Diego - México
Katherine Paola Díaz Osorio - Honduras
Daniela López Córdoba - Colômbia
Edith Orestila Martínez Espinal - Honduras
Martina Posadas - Argentina
Raquel Mamani Calzada - Bolívia
María Sofía Quiroga - Argentina
Karla Rax Choc - Guatemala
Nery Margot Chocce Santi - Peru
Cintia Soledad Gerez - Argentina
Valeria Maria Escalante Ávila - México
Rosa Maria de la Cruz de la Cruz - México
Indira Gabriela Khadi - Brasil
Micaela Camacho - Equador
Natalia Barbosa Viana - Brasil
Sasha Dieguez - Uruguai
María Fernanda Quipildor Paz - Bolívia

Para Laura Patricia Villa Torres, autora da versão para a América Latina e o Caribe.

A equipa técnica da *Girls Not Brides*: Gabriela Garcia Patiño, Oficial de Aprendizagem e Operações para a América Latina e Caraíbas, e Eugenia López Uribe, Diretora de Engajamento da América Latina e Caraíbas.

A equipa técnica do UNFPA: Neus Bernabeu, Assessora Regional de Género e Juventude, e José Roberto Luna, Especialista Técnico de Adolescentes e Juventude, Sede do UNFPA/ Programa Global UNFPA-UNICEF para Acabar com o Casamento Infantil

Ao UNFPA e ao Fundo CAMY por seu importante apoio na realização da validação do Manual.

Os textos incluídos nesta publicação não refletem necessariamente as opiniões do UNFPA e do UNICEF. Este documento é para distribuição geral. Os direitos autorais são reservados. Reproduções e traduções são autorizadas, desde que a fonte seja reconhecida. É proibida qualquer utilização deste trabalho, suas reproduções ou traduções para fins comerciais.

IMAGEN DE PORTADA: Duas meninas participando dos programas da GoJoven em Livingston, Guatemala.

Foto: *Girls Not Brides*/Priscilla Mora Flores/Colectivo Nómada.

Diseño: www.alikecreative.com

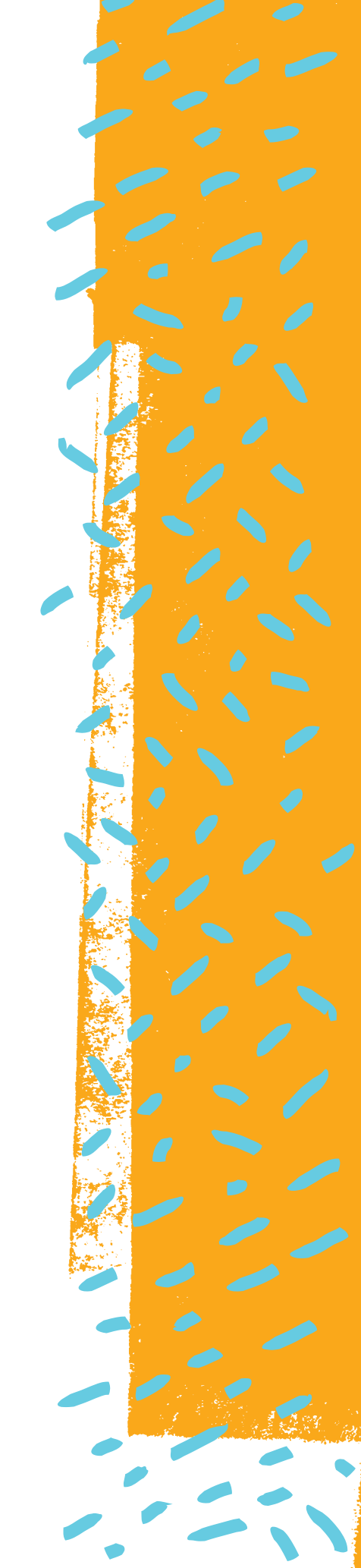
Ilustraciones: de Ariadna Vásquez

1. Sigla em inglês para o Fundo de População das Nações Unidas: <https://www.unfpa.org/>
2. Fundo de juventude do México e América Central: <https://camyfund.org>

Levante-se e Alce sua Voz!

Liderança juvenil para abordar o casamento infantil na América Latina e o Caribe





Vemos cada vez mais grupos de jovens se unindo para alçar sua voz contra situações injustas, pelos direitos humanos, pela igualdade de gênero, pelo fim da pobreza ou por qualquer uma das muitas causas sociais que hoje ocupam os movimentos estudantis, a sociedade civil e, em geral, o ativismo político em todas as áreas. Isto também é verdade em relação ao casamento infantil (CI), uma questão que na região da América Latina parece não ter tanta força, no entanto, estou muito contente em ver que isto está mudando e que a situação das meninas está preocupando cada vez mais pessoas de todas as idades e é ainda mais gratificante saber que as juventudes estão liderando estas mudanças.

Um exemplo claro disso é a recente campanha chamada Jóvenas Latidas, que criamos junto com várias jovens da América Latina para tornar visíveis os efeitos da pandemia do coronavírus (COVID-19) nas meninas, adolescentes e mulheres jovens da região, onde temos construído mensagens sobre o que está acontecendo, quais são os problemas e que soluções poderiam ser propostas. Mas nem tudo fica nisso, há um pano de fundo muito interessante por trás do que estou dizendo e é que este espaço foi formado por um grupo de meninas, jovens e garotas, que vínhamos compartilhando juntas desde 2019 junto com *Girls Not Brides*. Nosso primeiro encontro foi uma consulta para saber o quanto sabíamos sobre CI na região, onde jovens que haviam estado trabalhando em questões de crianças, jovens, direitos sexuais e reprodutivos, aborto, feminismo e outras questões se reuniram para descobrir o quanto estávamos informadas e como poderíamos



ajudar a *Girls Not Brides* com nossos conhecimentos para implementar projetos na região. Em um segundo encontro, pudemos compartilhar e aprender em profundidade sobre o manual que você está lendo, com o qual não só aprendemos muito sobre como usá-lo, mas também pudemos fazer recomendações e colocá-lo em prática entre nós durante vários dias de trabalho intenso, o que garante que é realmente material funcional e que pode ser compreendido por qualquer pessoa, mesmo quem é mais jovem e vive em um contexto diferente.

Estou muito entusiasmada com este manual não só porque participei de sua validação, mas também porque é aquele material com o qual sempre sonhei quando comecei a fazer ativismo e voluntariado, já que estou nisso desde os 15 anos de idade e vi como amigas minhas, filhas de amigas da minha mãe e conhecidas se uniam desde cedo, deixando para trás seus sonhos e oportunidades e não sabia realmente o que fazer. Tinha o conhecimento empírico sobre o que

estava acontecendo, mas ainda havia dúvidas ou não encontrei nada que falasse explicitamente sobre o tema. Além disso, nos lugares onde eu fazia ativismo, falar sobre esta questão nem sempre era uma opção, porque não sabíamos como lidar com ela. Mas agora com esta ferramenta tenho a certeza de que muito mais pessoas serão capazes de combater o medo de falar alto sobre o CI e, o mais importante, elas serão capazes de encontrar em um só lugar ferramentas que lhes permitam aumentar a conscientização entre mais pessoas. Eu não posso deixar de me sentir muito contente em saber que com este manual mais pessoas de todas as idades serão capazes de aumentar a conscientização sobre o CI e mais meninas poderão crescer livres e sem medo; mas isso será um pequeno trabalho de formiga que faremos juntas, então aproveite todas as informações que você encontrará aqui e compartilhe-as.

Vanessa Blanco, Jóvenas Latidas,
Caracas, Venezuela
Outubro, 2020

Conteúdo

I. Apresentação do manual e objetivos	8
II. Esboço do manual	9
III. Preparação para o workshop	14
Apresentações para o grupo	14
Dicas básicas sobre facilitação	15
Dicas básicas para trabalhar com grupos mistos de mulheres e homens jovens	19
Trabalhando com meninas e adolescentes afetadas por o CI	20
O que devo fazer antes de começar?	20
AJUDA! Como devo responder a questões sensíveis?	21
Módulo 1: Introdução	22
Sessão 1.1 Introdução ao workshop	24
Sessão 1.2 Introdução ao CI	27
Módulo 1: Materiais didáticos de apoio	29
Módulo 1: Fichas informativas	30
Módulo 2: Interseccionalidade. As diferentes estruturas de poder que determinam o CI	32
Sessão 2.1 O que é interseccionalidade?	34
Sessão 2.2 O que é gênero?	36
Sessão 2.4 Análise de Gênero e Interseccionalidade do CI	39
Módulo 2: Materiais Didáticos de Apoio	42
Módulo 2: Fichas informativas	44

Módulo 3: Direitos Humanos. A importância de reconhecer como o CI limita os Direitos Humanos de meninas e mulheres	66
Sessão 3.1 O que são os Direitos Humanos?	68
Sessão 3.2 CI e Direitos Humanos	70
Módulo 3: Materiais Didáticos de Apoio	72
Módulo 3: Fichas informativas	74
Módulo 4: Liderança e Participação Juvenil: Ferramentas para Liderar Conversas Comunitárias sobre CI	78
Sessão 4.1 Participação Juvenil	80
Sessão 4.2 Análise socioecológica do CI para identificar níveis de participação e influência política	84
Módulo 4: Materiais Didáticos de Apoio	86
Módulo 5 - Fechamento do workshop	102
Sessão 5.1 Avaliação do Workshop	104
Sessão 5.2 Estabelecendo compromissos	106
Módulo 5: Materiais Didáticos de Apoio	107
Anexo I. Materiais de apoio	108
Atividades para dividir o grupo em pequenas equipes de trabalho	109
Integração e atividades de quebra-gelo	110
Atividades de apoio emocional	111
História de vida extra	114
Anexo II. Tomando medidas: Como desenvolver uma estratégia de advocacy	115
Sessão AII.1 Definindo a mudança que você deseja alcançar	116
Sessão AII.2 Como desenvolver uma estratégia de advocacy	118
Sessão AII.3 Desenvolvimento de mensagens de comunicação eficazes	120
Materiais didático de apoio	122
Recursos externos para consulta:	133

I. Apresentação do manual e objetivos

Qual é a finalidade deste manual?

Este manual visa sensibilizar as jovens ativistas para a questão do casamento infantil (CI) na América Latina e o Caribe (ALC).

Girls Not Brides tem com visão um mundo no qual meninas, adolescentes e jovens disfrutem de igualdade com seus pares masculinos e sejam capazes de alcançar seu pleno potencial em todos os aspectos de suas vidas. O impacto das ações da Aliança Global *Girls Not Brides* será alcançado na medida em que meninas, adolescentes e jovens mulheres possam decidir quando, como e com quem se casar; também procuramos assegurar que meninas e adolescentes casadas ou em uniões levem uma vida saudável e empoderada.

Os quatro pilares da teoria da mudança de *Girls Not Brides* são:

1. O empoderamento de meninas e adolescentes
2. A mobilização de famílias e comunidades para abordar o CI
3. A prestação de serviços para atender as necessidades específicas de meninas e adolescentes, assim como mulheres que experimentaram casamentos ou uniões precoces e forçadas
4. O estabelecimento de leis e políticas que abordem de forma abrangente o CI

Procuramos que as jovens que já são ativistas e líderes em suas comunidades conheçam a realidade do CI e tomem consciência diante do impacto que eles têm na vida de meninas e adolescentes na ALC.

A quem se destina este manual?

Este manual é destinado a jovens ativistas que participam de diferentes movimentos sociais nos países da ALC.

O que aprenderão as pessoas jovens que participem do workshop Levante-se e alce sua voz!?

No final das atividades do manual, as juventudes participantes poderão:

1. Analisar o impacto do CI na vida de meninas, adolescentes e mulheres jovens, a partir de uma perspectiva de Direitos Humanos.
2. Desenvolver uma análise interseccional do CI e como essas uniões afetam, de maneira diferenciada, distintas comunidades, com um foco particular no gênero e na importância de promover modelos igualitários de masculinidade.
3. Discutir a importância da liderança juvenil na abordagem do problema do CI na ALC.
4. Identificar diferentes níveis de ação para integrar o trabalho no CI dentro da estrutura de atividades de advocacy e participação que já são realizadas.

II. Esboço do manual

Este manual contém cinco módulos, cada um incluindo um número diferente de atividades. Além disso, você encontrará dois módulos anexos com atividades

complementares. Aqui mostramos o conteúdo do manual, junto com os anexos, em uma tabela para que você possa dar uma olhada rápida.

Módulo 1 - Introdução: O que é o CI?

Número da sessão	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
1.1 Introdução ao workshop	Que as pessoas facilitadoras e participantes se conheçam	1. Apresentar as pessoas facilitadoras e participantes	15 min	<ul style="list-style-type: none">• Etiquetas autoadesivas• Canetas/marcadores
	Que saibam quais são os objetivos do workshop	2. Apresentar os objetivos e as expectativas do workshop	20 min	<ul style="list-style-type: none">• Objetivos do Workshop• Flipchart em branco• Marcadores
	Que existe um espaço para que expressem suas expectativas	3. Discutir o tratamento de questões sensíveis, aviso de salvaguarda da infância e acordos de convivência	25 min	<ul style="list-style-type: none">• Fita adesiva• Anúncio de salvaguarda da infância• Flipchart em branco• Marcadores
1.2 Introdução ao CI	Que as pessoas participantes conheçam o status do CI no mundo e na América Latina e o Caribe.	1. Tempestade de ideias sobre o CI	15 min	<ul style="list-style-type: none">• Instruções para a tempestade de ideias• Flipchart em branco• Marcadores
		2. Analisar experiências vividas para ajudar a reflexão: a história de Lúcia	30 min	<ul style="list-style-type: none">• Cópias da história de Lúcia• Perguntas para orientar a reflexão
		3. Apresentar a terminologia e estatísticas do CI	15 min	<ul style="list-style-type: none">• Ficha informativa sobre Introdução à situação global e regional do CI

Tempo total para o módulo: 2 horas

Módulo 2: Interseccionalidade. As diferentes estruturas de poder que determinam o CI

Número da sessão	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
2.1 O que é interseccionalidade?	Que a questão da interseccionalidade seja conhecida, incluindo as categorias de raça/etnia, classe, gênero, deficiência, diversidade sexual e status migratório	1. Realizar um exercício de imaginação guiado: um passeio pela praça	20 min	<ul style="list-style-type: none"> • Texto para o exercício e perguntas para discussão
	Refletir sobre as diferentes estruturas sociais e de poder que determinam a vida das pessoas	2. Conduzir o exercício: A intersecção de caminhos	40 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre interseccionalidade • Definições de várias categorias de poder • Folha de trabalho: A intersecção de caminhos
2.2 O que é gênero?	Que as pessoas participantes conheçam o conceito de gênero, especificamente: <ul style="list-style-type: none"> • Diferença entre sexo e gênero • Identidade e expressão de gênero • Sexualidade e diversidade sexual • O Patriarcado e o sistema binário de heteronormatividade como formas de opressão 	1. Tempestade de ideias: sexo ou gênero?	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart • Marcadores
		2. Realizar o exercício: encontre a definição	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Conceitos e definições separadamente • Fita adesiva
		3. Ver a apresentação	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre gênero e os diferentes aspectos relacionados a ele
		4. Realizar o exercício: Quem sou eu?	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de trabalho: Quem sou eu?
2.3 Masculinidades igualitárias	Que as pessoas participantes conheçam o tema da masculinidade igualitária	1. Interagir com a caixa dos homens	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart em branco • Marcadores
	Discutir como os meninos, adolescentes e jovens também são afetados pelo CI na região	2. Realizar uma análise de gênero		
	Analisar o papel dos meninos, adolescentes e jovens para acabar com o CI			
2.4 Análise Interseccional do CI	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicando o conceito de interseccionalidade à situação do CI 	1. Conhecendo a história de Cláudia e Roberto	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre o que é análise de gênero?
		2. Conheça a história de Claudia e Roberto	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Cópias da história de Cláudia e Roberto • Cópias da folha de trabalho da história de Cláudia e Roberto

Tempo total para o módulo: 3 horas 30 minutos

Módulo 3: Direitos Humanos. A importância de reconhecer como o CI limita os Direitos Humanos de meninas, adolescentes, jovens e mulheres

Número da sessão	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
3.1 O que são os Direitos Humanos?	Entender o que são os Direitos Humanos e como o Estado garante e protege esses direitos	1. Tempestade de ideias sobre Direitos Humanos	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart em branco • Fita adesiva
	Conhecer e discutir os princípios dos direitos da infância, o desenvolvimento das suas capacidades e o melhor interesse da criança	2. Ver a apresentação sobre Direitos Humanos, os princípios dos direitos da infância e o desenvolvimento das capacidades e o melhor interesse da criança	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Ficha informativa sobre Direitos Humanos e CI • Apresentação
3.2 CI e Direitos Humanos	Analisar quais Direitos Humanos são afetados pelo CI	1. Conhecer a história de Romina	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de trabalho da história de Romina • Marcadores

Tempo total para o módulo: 1 hora 30 minutos

Módulo 4: Liderança e participação juvenil: ferramentas para liderar conversas comunitárias sobre CI

Número da sessão	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
4.1 Participação Juvenil	Discutir o que é a participação juvenil e aprender sobre diferentes modelos, níveis e elementos-chave de participação	1. Definir o que é a participação juvenil	45 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart em branco • Marcadores • Fita adesiva • Folha de trabalho: Modelos para estudar os diferentes níveis de participação • Folha de trabalho: Análise de risco
		2. Aprenda como encontrar sua voz	30 min	
	Que as medidas de segurança para jovens ativistas sejam reconhecidas	3. Definir medidas de segurança para jovens ativistas	45 min	
4.2 Análise socioecológica do CI para identificar níveis de participação e influência política	Analisar quais direitos humanos são afetados pelo CI	1. Conduzir um exercício de análise socioecológica	60 min	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de trabalho: Análise Socioecológica de CI • Marcadores

Tempo total para o módulo: 3 horas

Módulo 5 - Encerramento do workshop

Número da sessão	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
5.1 Avaliação do workshop	Faça uma breve avaliação grupal do workshop para receber feedback das pessoas participantes sobre o que aprenderam e oportunidades para melhorar o trabalho que fazem.	1. Fazer o exercício da cara feliz, cara neutral, cara triste e tempestade de aprendizados	5 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart com uma cara feliz, uma cara neutral e uma cara triste • Marcadores
		2. Discussão em grupo	20 min	
5.2 Compromissos	Redigir um compromisso para trabalhar na questão do CI	1. Fazer um cartão postal para mim	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Cartões postais em branco • Envelopes

Tiempo total para el módulo: 40 minutos

Módulos anexos

Anexo I. Materiais de apoio

Atividades para dividir o grupo em equipes de trabalho	<ol style="list-style-type: none"> 1. Figuras em papel 2. Frutas 3. Sequência numérica
Integração e atividades de quebra-gelo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Trovões 2. Fazendo compras no mercado 3. O elefante diz
Atividades de apoio emocional	<ol style="list-style-type: none"> 1. Colagem de sentimentos 2. Feijões com energia emocional 3. Meditação guiada
História de vida adicional	A história de Renuka

Anexo II. Tomando medidas: como desenvolver uma estratégia de advocacy

Número da sessão	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
All.1 Definir a mudança que você deseja alcançar	Definir a mudança que você deseja alcançar	1. Qual seria seu futuro ideal?	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Revistas • Tesoura • Cola
	Definir o resultado esperado de advocacy	2. Ver a apresentação sobre o resultado esperado e os objetivos de advocacy	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart • Marcadores • Fita adesiva
	Estabelecer os objetivos de advocacy	3. Analisar como definir um resultado esperado e os objetivos de advocacy	45 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre objetivos de advocacy
All.2 Desenvolvimento de estratégias de advocacy	Aprendendo a desenvolver uma estratégia de advocacy	1. Ver a apresentação	10 min	<ul style="list-style-type: none"> • Folhas de flipchart • Marcadores • Fita adesiva • Apresentação sobre o desenvolvimento de estratégias de advocacy
		2. Desenvolver uma estratégia de advocacy	20 min	<ul style="list-style-type: none"> • Cópias da folha de trabalho: Modelo para o desenvolvimento de uma estratégia de advocacy
All.3 Desenvolvimento de uma mensagem de comunicação eficaz	Aprender as características que uma mensagem eficaz tem para seu público-alvo: como fazê-los pensar, sentir e agir	1. Realizar uma dinâmica de equipe: Sussurro, Sussurro	10 min	<ul style="list-style-type: none"> • Documentos com manchetes a serem lidas
	Aprender como trabalhar com a mídia e no que implica a realização deste tipo de atividades de comunicação	2. Ver a apresentação sobre gerenciamento eficaz de mensagens e mídia	20 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre comunicação eficaz

Tiempo total para el módulo: 2 horas 45 minutos

III. Preparação para o workshop

O manual de treinamento *Levante-se e alce sua voz!*, com o qual você e seu grupo estarão trabalhando, consiste em cinco módulos. Cada módulo inclui:

- Objetivos de aprendizado do módulo
- Esboço de cada sessão de cada módulo
- Materiais necessários
- Lista de materiais didáticos de apoio do módulo
- Lista de fichas informativas dos módulos

Cada sessão do módulo contém:

- Esboço da sessão
- Tempo necessário para a sessão
- Materiais necessários para a sessão
- Instruções detalhadas sobre como conduzir a sessão
- Folhas de trabalho necessárias para as atividades
- Fichas informativas com fatos e conceitos chave para cada módulo

Sugerimos que você trabalhe cada um dos módulos na ordem apresentada aqui, para que o grupo tenha uma compreensão detalhada dos tópicos e como se relacionam entre si, entretanto, você poderá fazer adaptações levando em conta seu contexto e experiência.

Apresentações para o grupo

Sabemos que assim como você pode ter acesso à internet, um projetor de tela ou um laptop, e talvez até mesmo um espaço formal para conduzir estas sessões, também pode não contar com esses recursos. Não se preocupe! Você pode facilitar em qualquer lugar e não precisa ter acesso a equipamentos especiais para conduzir estas sessões. Destacamos alguns pontos principais que podem ser apresentados tanto em um computador, quanto escritos em um flipchart. Estas apresentações de “exemplo” são sugestões de informações a serem compartilhadas com o grupo, e são destacadas ao longo do manual para ajudar você a preparar e apresentar suas sessões. Sinta-se livre para usar estes exemplos, alterá-los ou acrescentar outros pontos que você considere mais relevantes e importantes para o grupo. Durante o treinamento, é muito útil ter sempre alguns dos fatos e explicações importantes descritos no guia – fixados na parede, por exemplo – para que eles possam ser lidos e lembrados a qualquer momento.



Melody, uma jovem líder na rede municipal de Levantemos, Chimaltenango, Guatemala. Foto: *Girls Not Brides*/Priscilla Mora Flores/Colectivo Nómada.

O processo de conduzir um workshop ou uma série de workshops de treinamento é uma forma de exercer a liderança sem tomar muito controle das sessões e assim acompanhar os participantes no seu aprendizado e chegar a sua própria compreensão dos assuntos.

Um último lembrete importante

Você conhece seu grupo, sua comunidade e seu país melhor do que ninguém, então você sabe o que funciona melhor para você e para as pessoas jovens com as quais trabalha. Por favor, adapte e/ou altere os planos de sessão sugeridos para que você possa conduzir os treinamentos no ritmo que melhor funcione para você e seu grupo. Não se esqueça que o foco está na reflexão e na ação para transformar.

Dicas básicas sobre facilitação

Quem é uma pessoa facilitadora e o que faz?

Uma pessoa “facilitadora” é guia, mentora ou líder de discussão para um grupo. Há muitos outros nomes para este papel,

mas mais frequentemente chama-se facilitador ou facilitadora. O processo de conduzir um workshop ou uma série de workshops de treinamento é uma forma de exercer a liderança sem tomar muito controle das sessões e assim acompanhar os participantes no seu aprendizado e chegar a sua própria compreensão dos assuntos. A pessoa facilitadora deverá se preparar antecipadamente e ajudará a dirigir o conteúdo e o processo de um workshop ou sessão de treinamento. O conteúdo que será visto está composto por atividades, tópicos e questões que você deseja abordar. O “processo” é a forma como se discutem e compartilham os temas em uma sessão de grupo, incluindo métodos, procedimentos, formatos, ferramentas, estilos de interação e dinâmicas de grupo.

TOP TIPS

Dez dicas para ser uma boa facilitadora ou um bom facilitador:

- 1. Prepare-se com antecedência:** Familiarize-se com o manual de treinamento para que você possa se sentir confiante quanto ao conteúdo, o tempo e o processo que você estará facilitando. Coloque-se no lugar das pessoas e antecipe-se às perguntas que possam fazer ou às preocupações que possam ter. Se você não entender alguma coisa, pergunte a alguém que possa ajudar você.
- 2. Gerencie seu tempo:** Se necessário, peça para alguém ajudar você a cuidar o tempo de duração da sessão, para que você seja alertado quando estiver ficando sem tempo ou quando precisar terminar uma atividade ou encerrar a sessão mais rapidamente.
- 3. Tenha flipcharts e canetas/marcadores coloridos:** Tenha o cuidado de tê-los à mão e que alguém possa ajudar você a tomar notas. Isto também será útil para resumir as discussões ou retomar alguns pontos mais tarde.
- 4. Seja compreensível sobre o objetivo do treinamento:** Desde o início, chegue a um acordo grupal sobre o objetivo da sessão e o que vocês querem realizar conjuntamente.
- 5. Conheça as pessoas do grupo e permita que conheçam você:** A apresentação recíproca entre vocês ajudará a criar um espaço confortável e seguro. A abertura e o compartilhamento com a turma de participantes é um passo importante para que as pessoas aprendam e se apoiem mutuamente.
- 6. Mantenha-se neutral e escute:** É bom compartilhar suas opiniões e experiências, mas não as imponha. Certifique-se de ouvir todas as pessoas e construir sobre as experiências e reflexões de cada uma. Permita que haja participação geral e que as pessoas se sintam confortáveis em participar. Se alguém tiver um assunto fora do tópico ou sensível para discutir, informe que você ouviu a questão e que poderão continuar discutindo o assunto no final do treinamento.
- 7. Crie um ambiente de aprendizagem seguro, mas divertido:** Todas e todos participamos do processo de aprendizagem. Apoie a turma de participantes para que possam aprender a variedade de tópicos discutidos de uma maneira clara, sensível e divertida.
- 8. Promova o debate e a discussão:** É seu papel manter a discussão em andamento. Prepare antecipadamente perguntas e respostas para gerar diálogo e tempestades de ideias com todas as pessoas participantes.
- 9. Se você não souber uma resposta, pesquise-a:** Aja honesta e abertamente, porque todas as pessoas estão aí para aprender juntas. Uma alternativa é você dizer ao grupo: "Não tenho essa informação no momento, vou pesquisar e depois trarei uma resposta". Pergunte às outras pessoas presentes se elas sabem a resposta ou volte ao ponto depois de ter pesquisado as informações corretas.
- 10. Resuma e indique os passos a seguir:** Não deixe de resumir o que foi realizado na sessão, as conclusões mais importantes e rever os pontos de ação, e confirmar com as pessoas responsáveis pela realização desses pontos. Isto permitirá obter excelentes resultados.

É seu papel e responsabilidade apresentar o conteúdo e as atividades de cada sessão da maneira mais clara possível para que todos possam facilmente entender e acompanhar todas as atividades.

Com quem você quer trabalhar?

A juventude que participará do workshop de treinamento deve ter manifestado interesse ou ter experiência na questão do CI em suas comunidades. Sugerimos que você trabalhe com 10 a 24 pessoas em cada sessão para manter uma boa gestão de grupo: uma turma grande demais pode ser desafiadora e deixar pouco tempo para discussões mais profundas. Algumas

pessoas preferem estar em grupos com pares de idade semelhante ou em grupos do mesmo sexo, pois isso é mais confortável para falarem sobre questões pessoais ou difíceis. Recomendamos que você pense cuidadosamente sobre como irá dividir as pessoas quando houver atividades em equipe para garantir que participem do treinamento e, ao mesmo tempo, se sintam confiantes e confortáveis o suficiente para se abrir e participar.

PASSOS PARA FACILITAR O WORKSHOP:

1. Primeiro, leia o resumo da sessão

Neste manual de treinamento *Levante-se, e alce sua voz!*, a seção intitulada “Guia de Treinamento” contém uma descrição passo a passo de cada atividade a ser desenvolvida nas sessões e também explica em detalhes as informações que você deve cobrir na sessão. Nós lhe fornecemos um esboço e explicamos todas as atividades minuciosamente, especialmente os “quebra-gelos” que sugerimos que você use em suas sessões. Também detalhamos quais informações e conteúdos você deve ter em mente para apresentar ao grupo. Leia esta seção cuidadosamente e pratique cada atividade para que você se sinta confortável em seu papel de facilitadora do grupo.

2. Anúncio sobre questões sensíveis e salvaguarda da infância

É importante iniciar cada sessão com um anúncio sobre questões sensíveis e de salvaguarda da infância. Recomendamos que você recorra à Política de Salvaguarda da Infância e do Adolescente *Girls Not*

Brides (<https://www.girlsnotbrides.es/nuestra-membresía/unirse-a-la-membresía/políticas-de-membresía/>) para desenvolver seus próprios princípios de salvaguarda ao conduzir os workshops. Escreva o anúncio de salvaguarda da infância em um flipchart ou inclua-o em um dos slides em sua apresentação para que você possa repassá-lo com a turma em cada sessão. Você também pode fixá-lo na parede permanentemente para ser consultado a qualquer momento.

- Diga a todas as pessoas que o CI é um assunto sensível que pode aborrecer algumas pessoas. Explique que se alguém estiver desconfortável e quiser sair, poderá fazê-lo a qualquer momento. Certifique-se de que elas saibam a quem recorrer para obter apoio.
- Garanta a todas as pessoas participantes que tudo o que for expresso ali será confidencial e que estas sessões são um espaço seguro para conversar e compartilhar experiências. Explique que em nenhum momento ninguém será obrigado a revelar experiências pessoais e que a participação será sempre voluntária.

- Explique que manter o espaço seguro é responsabilidade de toda a turma. Estamos todos comprometidos com respeitar as contribuições de outras pessoas e não julgar suas experiências de forma negativa.

Também é muito importante que você tenha identificado em sua comunidade uma pessoa de confiança que tenha as habilidades e conhecimentos para dar apoio emocional e prático a qualquer pessoa jovem que se sinta desconfortável ou que revele abusos durante as sessões. Esta pessoa pode ser uma profissional da saúde, representante de um grupo de mulheres, uma profissional de proteção da infância ou um professor ou professora de confiança. Esta pessoa não precisa estar presente nos treinamentos, mas deve estar disponível para acompanhamento e apoio após as sessões.

3. Estabelecer acordos básicos para interação grupal

Faça isso no início do Módulo 1, Sessão 1, e repasse este ponto cada vez que se reunirem. É essencial que todas as pessoas que participam das sessões de treinamento se sintam parte importante do grupo e que ajudem a manter a dinâmica de grupo e o cumprimento dos acordos. Cada pessoa tem a responsabilidade de ajudar caso outra pessoa cause interrupção e de responsabilizar-se mutuamente para que possamos terminar o treinamento como um grupo coeso. Estabelecer alguns acordos básicos escolhidos pelas pessoas do grupo é uma boa maneira de motivá-las a manter a dinâmica do grupo e garantir que cada pessoa, conjuntamente, alcance seus objetivos.

Por exemplo, “não usar telefone celular” é um bom acordo, especialmente para que as pessoas não sejam distraídas por mensagens de texto ou chamadas e não perturbem outras pessoas com o barulho. O respeito aos horários das sessões também é um acordo importante. Uma maneira eficaz de envolver as pessoas é nomear uma participante para acompanhar o tempo alocado para as

atividades ou para garantir que ninguém fale por muito mais tempo que as outras pessoas. Outro acordo importante é que as vozes de todas as pessoas são igualmente válidas e que o espaço de treinamento representa um espaço seguro para que, mesmo que surjam diferenças de opinião, todas sejam respeitadas. O respeito pelas outras pessoas é um ponto essencial que deve ser deixado bem claro.

Cheguem a acordos como grupo e depois escrevam-nos e coloquem-nos em uma folha de flipchart fixado na parede como um lembrete permanente. Consulte os acordos no início de cada sessão para que todos os participantes lembrem como desejam realizar o trabalho em equipe. Caso alguém quebre um acordo, tê-los na parede é uma maneira útil de se referir a eles e poder pedir a essa pessoa que os respeite, já que eles foram acordados em conjunto.

4. Como facilitar sua sessão: seu papel na construção da confiança

Algumas pessoas, por serem tímidas ou não estarem acostumadas a este tipo de treinamento, podem levar mais tempo para se abrir e participar ativamente. Você pode incluir exercícios que visam “quebrar o gelo” e ajudar as pessoas a se conhecerem melhor e desenvolver laços como uma equipe. São atividades curtas e divertidas para construir confiança, apoiar o trabalho em equipe e aumentar a energia do grupo. As atividades para quebrar o gelo e promover a coesão da turma são muito importantes; o tempo recomendado é de 25 a 35 minutos (dependendo do tamanho do grupo e da atividade). Tome seu tempo para fazê-las e permita que as pessoas relaxem e se expressem. Quando você vê que a turma começa a se dispersar, isso significa que você tem que encerrar a atividade. Algumas atividades são mais curtas e simples do que outras, e podem levar menos tempo. Sugerimos várias atividades desse tipo ao longo do manual de treinamento.

5. Conduza a sua sessão: até o final

“O estacionamento”.

Explique isto no início de cada sessão e repita no final do workshop.


Ao final de uma sessão, é muito útil pedir que compartilhem lições aprendidas ou que digam se alguns dos pontos discutidos lhes deram novas ideias ou abriram suas mentes de alguma forma. Se for levantado um ponto importante ou perguntas que você não tem tempo para discutir no momento, você poderá escrevê-lo em uma folha de flipchart que ficará exposta para que possa ser retomado no final da sessão. Você pode chamar esta lista de “o estacionamento”, “a geladeira” ou “o armário”. Esta é uma boa prática para garantir que ninguém fique com perguntas não respondidas ou tópicos importantes para compartilhar.

Ao final de uma sessão, é muito útil pedir que compartilhem lições aprendidas ou que digam se alguns dos pontos discutidos lhes deram novas ideias ou abriram suas mentes de alguma forma.

Dicas básicas para trabalhar com grupos mistos de mulheres e homens jovens

Ao trabalhar com um grupo misto, considere os seguintes pontos antes de começar:

- **Pense sobre a dinâmica de gênero em seu grupo.** Dependendo do tópico, pode ser melhor dividir homens e mulheres em grupos separados se isso os deixar mais confortáveis para trabalhar conjuntamente em questões mais sensíveis.
- **Lembre-se que as pessoas aprendem de maneiras diferentes.** Os planos de sessão sugerem muitas maneiras de abordar os principais tópicos e incluímos uma série de atividades e tarefas a serem realizadas. À medida que você ganha experiência e conhece as pessoas, adapte as sessões ao que funciona melhor para o grupo em geral, sempre priorizando aquelas atividades que as mantêm interessadas e ativas.
- **Receba feedback frequente da turma.** Uma maneira de ajudar as pessoas a aprender e ter certeza de que estão compreendendo é repetir e resumir os pontos principais para recordá-los facilmente. Faça perguntas frequentes, tais como: “você se lembra das principais causas do casamento infantil?”, a fim de rever os pontos importantes.
- **Lembre-se que as pessoas podem discordar; não se preocupe com isso.** Falar sobre certos tópicos difíceis inclusive aqueles em que as pessoas não entram em acordo é uma prática construtiva, ajudando-as a entender ideias difíceis, assim como que outras pessoas têm perspectivas diferentes. No início das sessões, estabeleça acordos com todas as pessoas da turma sobre algumas regras básicas que devem ser respeitadas. Estas regras podem incluir



pontos como “estamos aqui para ouvir e compartilhar, então vamos nos respeitar em todo momento”. Repasse essas regras caso não as sigam e isso comece a causar perturbações no grupo.

- **Fomente uma dinâmica sólida de equipe para que as pessoas se sintam parte dela e estejam dispostas a trabalhar e compartilhar com os outros.** Se considerar apropriado, você pode convidar alguns membros para facilitar conjuntamente as sessões com você, pois isso pode ajudar a gerar um senso de pertença e compreensão de grupo.

Trabalhando com meninas e adolescentes afetadas por o CI

Se você planeja trabalhar com meninas e adolescentes casadas ou em união livre ou com jovens que tenham experimentado uma união quando crianças ou adolescentes, então é muito importante manter uma atitude sensível. Considere que você sempre poderá perceber durante o workshop que uma participante passou por uma dessas experiências. Pense especialmente nestes casos e crie um espaço seguro para estas jovens e adolescentes. Aqui estão alguns pontos a serem considerados:

- **Por razões de salvaguarda da infância, qualquer pessoa menor de 18 anos precisa de permissão para participar do workshop, portanto será necessário consultar primeiro seus tutores.** Verifique, de acordo com as condições de seu contexto para ver se as adolescentes e meninas que estão unidas precisam da permissão de um adulto para participar das atividades. Certifique-se de que todas as participantes saibam que sua participação é voluntária e que não têm que falar sobre suas experiências se não quiserem.
- **Certifique-se de conhecer antecipadamente a atitude que existe**

em relação ao CI na comunidade

em que você está trabalhando. Se as participantes discutem questões pessoais no grupo, é essencial que você crie um espaço seguro onde possam compartilhar suas experiências.

- **Procure por horários que sejam mais acessíveis.** As adolescentes casadas ou em união podem ser mães e precisam estar em casa em determinadas horas do dia, portanto, leve isto em consideração ao agendar as sessões.
- **Certifique-se de que a pessoa que facilite qualquer grupo de adolescentes casadas seja mulher.** Você deve saber quem é a melhor pessoa ou instituição da comunidade a quem recorrer caso compartilhem histórias de abuso ou se forem particularmente sensíveis às questões discutidas na sessão. Esta pessoa pode ser profissional do trabalho comunitário de proteção da infância, assistente social, profissional da saúde ou membro de uma organização local de mulheres, com experiência em lidar com emoções fortes, mas é importante que estejam disponíveis para dar apoio, se necessário.

O que devo fazer antes de começar?

- **Antes de iniciar o treinamento, é importante que você fale com tomadores de decisão da comunidade para que estejam cientes de seus planos.** Isto inclui pessoas-chaves, tais como líderes locais ou docentes com poder e influência na comunidade, e que podem, em algum momento, ser capazes de suspender ou interromper suas sessões ou apoiar você no seu trabalho. Explique-lhes de forma respeitosa o que você quer fazer e, se objetarem, encontre um local ou horário alternativo, mas primeiro é importante tentar obter o seu apoio.

Si se reúnen en un espacio abierto o público, asegúrate de minimizar las interrupciones (como el ruido, condiciones climáticas o distracciones).

- **Certifique-se de ter pelo menos algumas horas livres antes de sua sessão para se preparar.** Também pode ser recomendável compartilhar seu papel de facilitação com outras pessoas de sua organização ou grupo. Se você decidir compartilhar seu papel, precisará preparar as sessões em conjunto.
- **Pense em questões práticas como localização e horário: as sessões devem ser acessíveis, seguras e convenientes para as participantes e adaptadas às suas necessidades.** Se a reunião for em um espaço aberto ou público, certifique-se de minimizar as interrupções (tais como ruído, condições climáticas ou distrações). Pense se o local deve ser informal —por exemplo, um parque, jardim ou espaço comunitário para jovens— ou mais formal, como uma escola. Certifique-se de que é um lugar seguro para pessoas adolescentes e jovens e que, estando lá, possam estar confiantes e seguras.
- **Pense sobre as necessidades linguísticas.** Você pode precisar de suporte de tradução no idioma local para garantir que as pessoas se sintam livres para se expressar em seu próprio idioma.

AJUDA! Como devo responder a questões sensíveis?

O CI é uma questão sensível que algumas pessoas podem achar difícil de resolver. Às vezes podem surgir diferenças de opinião e levar a situações complicadas ou comentários desafiadores durante a discussão. Aqui estão algumas respostas

possíveis que você pode usar com o grupo quando surgir uma situação complicada:

- Agradeço muito que você compartilhe sua opinião. Poderia compartilhar conosco por que você pensa dessa maneira? É importante entender que nem todas as pessoas compartilham as mesmas opiniões.
- Se você quiser discutir isto mais adiante, terei prazer em conversar com você no final do workshop ou poderei apresentar para você pessoas que possam fornecer mais informações sobre o assunto.

Lembre-se de não deixar passar opiniões ou comentários potencialmente nocivos. Por exemplo, pode haver algumas pessoas dizendo que não consideram um problema que as meninas e adolescentes se casem mais jovens do que os meninos. Você pode responder da seguinte maneira:

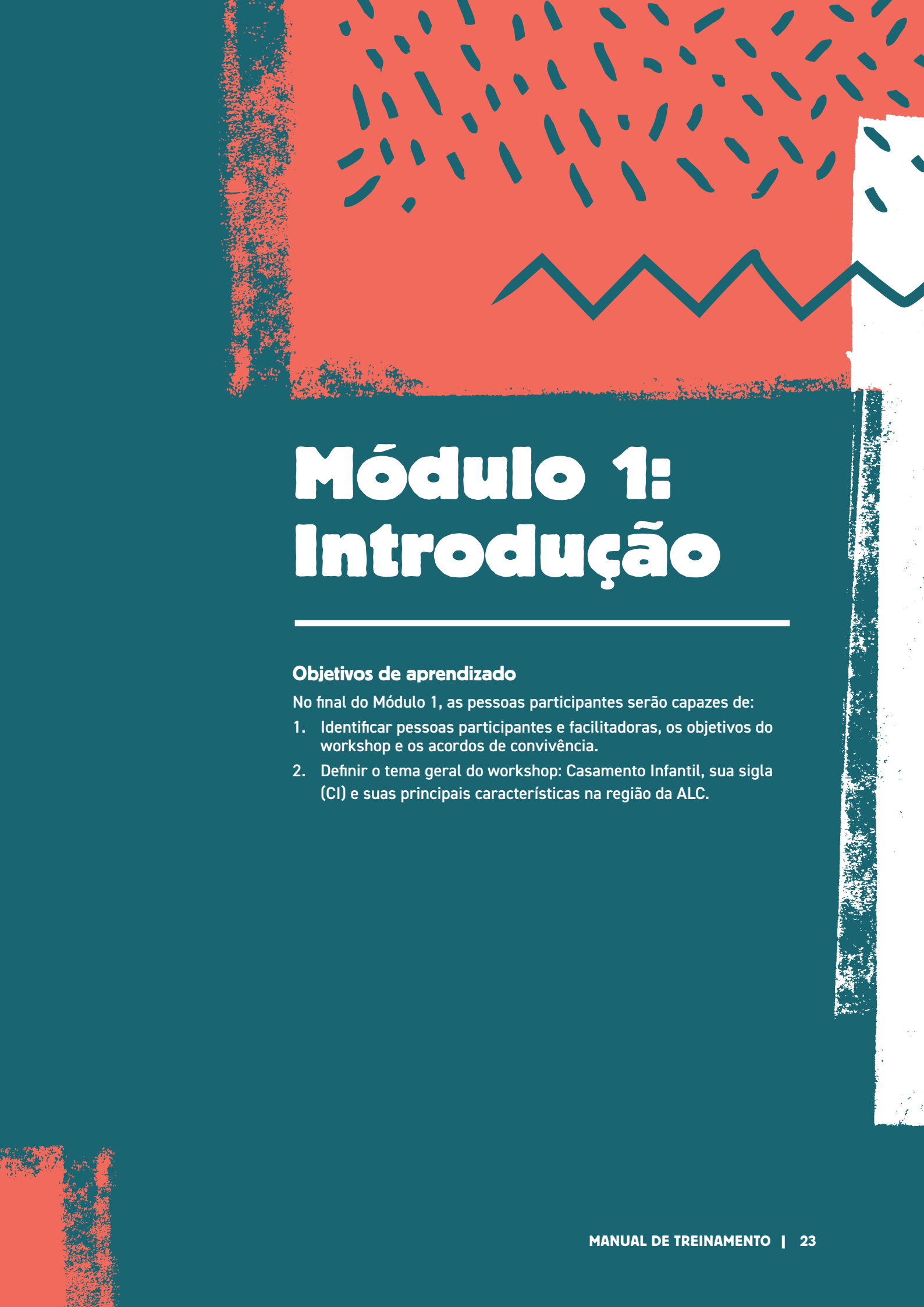
- Obrigado por compartilhar sua opinião. O que pensam os outros? Alguém aqui tem uma opinião diferente?

Se ninguém oferecer um ponto de vista alternativo, então não deixe de oferecê-lo você mesma. Se você puder, use dados e provas para apoiar seu argumento. Por exemplo:

- Conheço muitas pessoas que discordariam deste ponto de vista. De fato, o direito internacional estipula que não deve haver diferença na idade mínima de casamento entre meninas e adolescentes devido às causas nocivas que isso representa. Este é um Direito Humano para garantir a igualdade de gênero.



Foto: © Jessica Podraza / Unsplash



Módulo 1: Introdução






Objetivos de aprendizado

No final do Módulo 1, as pessoas participantes serão capazes de:

1. Identificar pessoas participantes e facilitadoras, os objetivos do workshop e os acordos de convivência.
2. Definir o tema geral do workshop: Casamento Infantil, sua sigla (CI) e suas principais características na região da ALC.

Módulo 1 – Sessão 1.1

Introdução ao workshop

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessários
1.1 Introdução ao workshop	Que as pessoas facilitadoras e participantes se conheçam	1. Apresentar as pessoas facilitadoras e participantes	15 min	<ul style="list-style-type: none">• Etiquetas autoadesivas• Canetas/marcadores
	Que saibam quais são os objetivos do workshop	2. Apresentar os objetivos e as expectativas do workshop	20 min	<ul style="list-style-type: none">• Objetivos do Workshop• Flipchart em branco• Marcadores
	Que existe um espaço para que expressem suas expectativas	3. Discutir o tratamento de questões sensíveis, aviso de salvaguarda da infância e acordos de convivência	25 min	<ul style="list-style-type: none">• Fita adesiva• Anúncio de salvaguarda da infância• Flipchart em branco• Marcadores
Que seja elaborada uma lista consensual de acordos de convivência durante o workshop				

Tempo total: 1 hora

Atividade 1. Apresentar as pessoas facilitadoras e participantes

Instruções:

1. Comece o workshop dando as boas-vindas às pessoas participantes, dizendo seu nome e o nome de sua organização, coletivo ou grupo do qual você faz parte e de onde vem seu interesse pelo tema do CI.
2. A seguir, peça a cada pessoa que se apresente, diga seu nome, a maneira como gostaria de ser chamada e algo engraçado sobre si mesma que ninguém mais saiba. Certifique-se de que todas as pessoas tenham etiquetas adesivas para escrever seus nomes, para que possam ir se familiarizando.

Atividade 2. Apresentar os objetivos e as expectativas do workshop

Instruções:

1. Para iniciar esta atividade, divida o grupo em pequenas equipes de trabalho. Há diferentes exercícios para dividir os participantes em grupos na seção do apêndice deste manual.

2. Uma vez que estejam divididos em equipes, apresente os objetivos deste workshop: você pode apresentá-los em um flipchart ou em um slide; encontre os objetivos do workshop na seção de introdução deste manual e nos materiais didáticos deste módulo.
3. Forneça a cada equipe uma folha de flipchart e peça que, em conjunto, escrevam duas coisas que esperam do treinamento (o que eles querem obter ou aprender com o treinamento). Também podem mencionar se têm alguma preocupação específica sobre o treinamento ou sobre o trabalho em torno do tema do CI. Peça-lhes que escrevam estes pontos no papel e apresentem brevemente esta informação ao grupo. É muito útil realizar este exercício desde o início, pois permitirá que você enquadre e administre expectativas irrealistas ou esclareça mal-entendidos a qualquer momento. Peça a cada grupo que selecione um relator ou relatora para informar sobre as discussões do grupo.
4. Peça ao grupo que coloque as expectativas em um lugar visível e as mantenha lá para que possam ser revistas no final do workshop.

Atividade 3. Discutir o tratamento de questões sensíveis, salvaguarda da infância e acordos de convivência

Instruções:

Nesta seção você abrirá a discussão sobre como as questões sensíveis serão tratadas dentro do workshop e o anúncio de salvaguarda da infância que você encontrará no material didático de apoio; e gerará, junto com as pessoas participantes, os acordos de convivência dentro do workshop.

1. Para discussão de questões sensíveis, compartilhe com as pessoas participantes que o tópico do CI pode ser sensível para algumas delas que possam tê-lo vivenciado pessoalmente ou através de alguém muito próximo. Além disso, para entender o tema, é necessário falar sobre outras questões como violência, discriminação e pobreza que também podem gerar sentimento de tristeza, raiva, ansiedade ou outros, e que é necessário reconhecê-los dentro do trabalho grupal. Comente com o grupo que, embora este não seja um espaço terapêutico para trabalhar estes sentimentos, existem atividades extras para atender a estas emoções e isso pode ser feito a qualquer momento. Estas atividades estão disponíveis na seção de apêndices do manual. Certifique-se de se familiarizar com pelo menos duas das atividades e tê-las prontas caso sejam necessárias.
2. Após discussão sobre como lidar com questões sensíveis, apresente às pessoas participantes o anúncio de salvaguarda da infância que faz



parte da política de *Girls Not Brides* para proteger pessoas menores de 18 anos. Tenha o anúncio de salvaguarda da infância já escrito em um flipchart que você pode manter exposto durante todo o treinamento como um lembrete do que estão tentando alcançar juntas e as regras básicas de segurança que devem ser seguidas.

3. Depois de apresentar o anúncio, peça às pessoas participantes que a ajudem a montar a lista que irá compor os acordos de convivência durante o workshop. Peça a uma pessoa para ajudá-la a escrever os acordos em um flipchart. O estabelecimento de acordos básicos para a convivência e o trabalho conjunto por parte das pessoas que participam do treinamento é fundamental para garantir um ambiente de trabalho favorável. Se tais acordos básicos não forem estabelecidos no início, as sessões de treinamento podem ser interrompidas por uma variedade de problemas. Se os acordos forem escolhidos pelas pessoas participantes, então o compromisso com o processo e seu acompanhamento será maior. Caso se esqueçam de mencionar algum acordo importante, não hesite em dizer-lhes, por exemplo: é preciso chegar pontualmente ao workshop, não tenham conversas paralelas quando uma pessoa estiver falando, certifiquem-se de que todas as pessoas respeitem e escutem umas às outras, e assegurem-se de que os telefones celulares não sejam usados durante a sessão. Há muitos acordos simples que podem nos ajudar a nos respeitarmos mutuamente para que possamos conseguir um espaço de trabalho seguro para os treinamentos. Proporcionamos mais exemplos de acordos de convivência nos materiais didáticos para esta sessão.

4. Finalmente, apresente às pessoas participantes o espaço “Estacionamento”, onde poderão escrever ideias que não são discutidas dentro das sessões, seja porque serão trabalhadas em sessões subsequentes ou porque estão fora dos objetivos do workshop. O “Estacionamento” será um espaço onde você poderá acrescentar pontos durante toda a sessão. No final de cada dia de treinamento, as pessoas podem discuti-los ou apoiá-lo como ideias para sessões futuras, o que melhor se adequar às necessidades e solicitações do grupo.



Módulo 1 – Sessão 1.2

Introdução ao CI

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessários
1.2 Introdução ao CI	Que as pessoas participantes conheçam o status do CI no mundo e na América Latina e o Caribe.	1. Tempestade de ideias sobre o CI	15 min	<ul style="list-style-type: none"> Instruções para a tempestade de ideias Flipchart em branco Marcadores
		2. Analisar experiências vividas para ajudar a reflexão: a história de Lúcia	30 min	<ul style="list-style-type: none"> Cópias da história de Lúcia Perguntas para orientar a reflexão
		3. Apresentar a terminologia e estatísticas do CI	15 min	<ul style="list-style-type: none"> Ficha informativa sobre Introdução à situação global e regional do CI
Tempo total: 1 hora				

Atividade 1. Realizar uma tempestade de ideias sobre o CI

Instruções:

- Peça às pessoas participantes que se dividam em equipes novamente. Quando estiverem em equipes, peça que escrevam no flipchart todas as ideias que lhes vêm à mente quando ouvem o conceito de “casamento infantil”. Explique ao grupo que esta é uma discussão aberta: quem quiser falar pode levantar a mão e dizer o que lhe vem à cabeça e alguém do grupo escreverá no flipchart o que for dito. Incentive-as a falar sobre o que veem como as diferenças entre um casamento infantil e as uniões infantis precoces e forçadas. Muitas pessoas não sabem a diferença entre estes termos, então é bom começar a pensar sobre as diferenças entre eles. Também encoraje as pessoas participantes a se questionarem mutuamente. Dê-lhes 10 minutos para anotar suas ideias.
- Em seguida, peça às pessoas participantes para compartilharem o que escreveram nos flipcharts com o resto do grupo. Diga-lhes que irão esclarecendo dúvidas, mitos e conceitos durante todo o workshop. Avise-as também que em vários dos materiais verão o conceito abreviado com a sigla CI. Dê 10 minutos para esta discussão.
- Agradeça-lhes pela sua participação e diga que podem permanecer na mesma equipe para a próxima atividade.

Atividade 2. Analisando experiências vividas para ajudar a reflexão: a história de Lúcia

Instruções:

1. Entregue cópias da história de Lúcia e as perguntas de reflexão a cada participante. Você pode encontrar a história de Lúcia no material didático para este módulo.
2. Peça a cada equipe que leia a história e discuta usando as perguntas incluídas nos folhetos. Enquanto os grupos estão discutindo, você pode passar a cada equipe e ouvir algumas das discussões. Dê-lhes 15 minutos para esta atividade.
3. Quando o tempo tiver terminado, ou quando você perceber que os grupos esgotaram a discussão, peça-lhes que compartilhem suas discussões para todo o grupo. Você pode anotar os pontos mais importantes em um flipchart em branco. Você poderá usar as seguintes perguntas para orientar esta discussão em grupo:
 - a. Qual é a história de Lúcia?
 - b. O que aconteceu na vida de Lúcia que facilitou a união precoce?
 - c. Como a união precoce afetou a vida de Lúcia?

Dedique 10 minutos a esta discussão plenária.

4. Agradeça às pessoas participantes por seu trabalho. Peça-lhes que escrevam quaisquer perguntas ou preocupações que possam ter surgido no estacionamento.

Atividade 3. Apresentando a terminologia e estatísticas do CI

Instruções:

1. Apresente ao grupo informações sobre o CI, a definição, as estatísticas globais e a situação na ALC; você pode fazer isso com uma apresentação digital ou com os flipcharts que você preparou com antecedência. Utilize as informações contidas na ficha informativa deste módulo. Você também pode encontrar mais informações em uma lista de relatórios disponíveis online, listados na sessão de apêndices. Faça a apresentação em 10 minutos e depois abra uma breve sessão de perguntas e respostas.
2. Uma vez concluídas as perguntas e respostas, agradeça às pessoas participantes por seu trabalho neste módulo e faça um convite para contribuir para o estacionamento de ideias e perguntas. Ressalte que durante o trabalho nos seguintes módulos, poderão esclarecer suas dúvidas sobre o CI.



Módulo 1: Materiais didáticos de apoio

1. Aviso de salvaguarda da infância
2. Exemplos de acordos grupais
3. A história de Lúcia
4. Introdução à situação global e regional do CI

Aviso de salvaguarda da infância

Este anúncio serve para orientar as pessoas participantes do workshop sobre os comportamentos que são apropriados quando se trabalha com pessoas menores de 18 anos. Não se trata de uma lista exaustiva e a intenção é evitar situações que facilitem o abuso infantil. Deve ser sempre garantido um espaço que empodere às pessoas menores de idade.

Ao trabalhar com pessoas menores de idade, você deve sempre:

- Prestar atenção às suas perguntas e necessidades e responder adequadamente.
- Planejar antecipadamente as atividades para garantir que a idade, gênero, orientação sexual e outras necessidades e habilidades sejam levadas em consideração.
- Manter a confidencialidade.
- Evitar ficar a sós com as pessoas menores de idade por longos períodos de tempo. Você deve certificar-se de que há outras pessoas adultas ou que é um grupo onde há mais de uma pessoa menor de idade.
- Evitar qualquer contato físico inapropriado.
- Evitar piadas ou comentários de natureza adulta.

Quando se trabalha com pessoas menores de idade, você não deverá jamais:

- Bater ou atacar fisicamente, nem abusar delas ou colocá-las em situações em que possam ser abusadas.
- Ter relações sexuais ou se comportar de maneira inadequada com as pessoas menores de idade.
- Agir de forma que envergonhe, humilhe, despreze ou degrade as pessoas menores.
- Ignorar relatos de abuso físico, violência ou assédio físico, sexual ou emocional, feitos por uma pessoa menor de idade.

Exemplos de acordos grupais:

- Falar na primeira pessoa ao expressar uma opinião ou sentimento: “Eu penso”, “Eu sinto”, “Eu acho”.
- A participação é voluntária, você deve respeitar se algumas pessoas não quiserem participar.
- As pessoas que são mais extrovertidas devem dar lugar a pessoas que falam menos.
- Devemos respeitar a confidencialidade das experiências pessoais que são compartilhadas.
- Devemos ser pontuais.
- Devemos desligar os celulares ou mantê-los em silêncio para não interromper o trabalho do grupo.

A história de Lúcia

Lúcia nasceu em uma comunidade rural na República Dominicana. Ela era a mais velha de cinco crianças. Aos 10 anos de idade, seu pai morreu e sua mãe teve que começar a trabalhar como empregada doméstica na cidade mais próxima. Devido a esta situação, Lúcia teve que começar a cuidar das tarefas domésticas incluindo lavar, cozinhar, cuidar de seus irmãos e limpar a casa, entre outras. Aos 12 anos de idade, Lúcia deixou de ir à escola porque precisava cuidar de seus irmãos e da casa em tempo integral, enquanto sua mãe continuava trabalhando. Lúcia estava triste por deixar a escola e estava muito exausta de todo o trabalho que tinha que fazer em casa. Embora dois de seus irmãos tivessem quase a idade dela, 10 e 11 anos, como eram homens, sua mãe lhe disse que eles não podiam ajudar em casa, porque os homens não deveriam fazer as tarefas domésticas. Quando ela tinha 14 anos,

ela conheceu um homem quinze anos mais velho que ela e eles começaram a namorar. O homem lhe disse para ir morar com ele, e ela decidiu aceitar, pensando que vivendo com ele ela poderia voltar à escola. Eles não se casaram, porque na República Dominicana a lei não permite que meninas adolescentes menores de 15 anos se casem. No entanto, como muitos adolescentes de sua comunidade, Lúcia foi morar com seu namorado. Alguns meses depois que ela começou a viver com ele, ela ficou grávida e a escola não quis aceitar seu retorno para não ser uma má influência para outras adolescentes. Embora ela não quisesse ter tantos filhos, Lúcia nunca recebeu nenhuma informação sobre contracepção. Quando fez 20 anos, Lúcia já tinha quatro filhos e teve que começar a trabalhar como empregada doméstica porque o dinheiro não era suficiente. Lúcia nunca mais pôde voltar à escola e continuou a viver na pobreza.

Perguntas para reflexão::

Que situações da vida levaram Lúcia a cuidar de seus irmãos?
Que outras condições limitaram as oportunidades de Lúcia?
Como a união precoce afetou a vida de Lúcia?

Módulo 1. Fichas informativas

Introdução à situação global e regional do CI

O que é o CI?

Casamentos e uniões infantis, precoces e forçados são uniões formais ou informais nas quais uma ou ambas as pessoas têm menos de 18 anos. De acordo com dados recentes do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), estima-se que 12 milhões de meninas e adolescentes com menos de 18 anos se unem a cada ano no mundo inteiro. Isto significa que 23 meninas e adolescentes se unem a cada minuto ou uma a cada dois segundos; muitas mulheres são forçadas a se unirem muito cedo, pondo-as em risco de não alcançarem seu desenvolvimento pessoal, saúde e bem-estar geral.

Esta prática afeta mais as meninas e adolescentes mulheres do que seus pares masculinos. 650 milhões de mulheres vivas hoje se uniram antes de fazerem 18 anos, enquanto 156 milhões de homens se unem antes desta idade. Ou seja, para cada adolescente, homem ou menino que se une antes dos 18 anos, há cinco meninas ou adolescentes mulheres menores de 18 anos que o fazem.³

Os CI são considerados uma violação dos direitos humanos e uma forma de violência contra meninas e adolescentes. A agenda global, como parte das Metas de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ONU), sob o Objetivo 5: “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, inclui a eliminação do casamento infantil, na meta 5.3, que declara “eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças bem como a mutilação genital feminina”.

Situação do CI no mundo e na ALC

O CI é um problema global que ocorre em todas as regiões. Alguns países têm taxas muito altas, seja devido ao número absoluto de pessoas menores de 18 anos que estão

em união, ou devido à prevalência, ou seja, a porcentagem de pessoas que se uniram antes dos 18 anos de idade. A Índia tem o maior número de pessoas que se uniram antes dos 18 anos de idade, com quase 27 milhões. O Níger tem a maior prevalência no mundo, com 76% de todas as mulheres de 20 a 24 anos informando que se uniram antes dos 18 anos.

Na ALC, é muito comum a prática de uniões informais, onde adolescentes e meninas vão morar com seus parceiros, ao invés de se casarem legalmente. Na região, 25% das mulheres se unem ou se casaram antes dos 18 anos. As meninas e adolescentes que vivem em áreas rurais, na pobreza e com menos educação, são mais propensas a experimentar um casamento ou união precoce. A maioria das mulheres que se uniram cedo tiveram filhos antes dos 18 anos. A região não viu nenhuma mudança na prevalência de uniões precoces nos últimos 25 anos. Outro fato importante é que a ALC também tem um grande número de meninos adolescentes que se uniram antes dos 18 anos. A média mundial de crianças unidas antes dos 18 anos é de 3%; entretanto, nove países da nossa região estão acima dessa média, incluindo Belize (22%) e Nicarágua (20%).

Um grande desafio na região é o uso de uma linguagem comum para definir o problema. Alguns termos utilizados em espanhol incluem: unión de hecho, unión conyugal, convivencia, unión libre (união de fato, união conjugal, convivência, união livre). Em inglês: consensual union, forced union, early union, informal marriage, cohabitation. Em português, é usado o termo união consensual. Pela variedade de termos, é difícil manter um sistema de coleta de informações que capte com mais precisão o número de pessoas menores de 18 anos que se unem ou se casam, as condições em que essas uniões ocorrem e provas do que funciona.


MAIS INFORMAÇÕES

Confira nosso site: www.girlsnotbrides.es

3. <https://www.unicef.org>



Jovens mulheres participam das atividades da GoJoven em Livingston, Guatemala.
Foto: *Girls Not Brides*/Priscilla Mora Flores/Colectivo Nómada.



Módulo 2.

Interseccionalidade

As diferentes estruturas de poder que determinam o CI

Objetivos do aprendizado

No final do módulo, as pessoas participantes serão capazes de:

1. Definir os conceitos de interseccionalidade, gênero e novas masculinidades.
2. Aplicar a perspectiva interseccional à situação do CI na região.
3. Analisar a situação do CI na região utilizando o conceito de gênero.
4. Exemplificar as mudanças necessárias que os meninos, adolescentes e homens jovens podem fazer para mudar a situação do CI.

Módulo 2 – Sessão 2.1

O que é interseccionalidade?

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessários
2.1 O que é interseccionalidade?	Que a questão da interseccionalidade seja conhecida, incluindo as categorias de raça/etnia, classe, gênero, deficiência, diversidade sexual e status migratório	1. Realizar um exercício de imaginação guiado: um passeio pela praça	20 min	<ul style="list-style-type: none"> • Texto para o exercício e perguntas para discussão
	Refletir sobre as diferentes estruturas sociais e de poder que determinam a vida das pessoas	2. Conduzir o exercício: A intersecção de caminhos	40 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre interseccionalidade • Definições de várias categorias de poder • Folha de trabalho: A intersecção de caminhos

Tempo total: 1 hora

Atividade 1. Realização de um exercício de imaginação guiada: um passeio pela praça

Instruções:

Nesta sessão, você apresentará ao grupo o conceito de interseccionalidade. Os passos para realizar a atividade são os seguintes:

1. Peça que formem um círculo e se sentem na posição em que se sintam mais confortáveis. Ressalte que podem fechar os olhos se desejarem.
2. Explique que você vai guiá-los através de uma caminhada imaginária em uma praça, e peça que tentem imaginar as pessoas, cheiros, cores, gostos, etc.
3. Leia em voz alta o texto encontrado no material didático de apoio “Um passeio pela praça”. Leia o texto devagar. Recomendamos que você leia o texto antes da sessão para se familiarizar com os detalhes. Você pode adaptar o texto ao seu contexto.
4. Uma vez terminada a leitura do texto, dê-lhes um minuto para ficarem em silêncio e depois peça-lhes que abram os olhos e retornem ao grupo.
5. Facilite a discussão usando as perguntas encontradas sobre a imaginação guiada.
6. Agradeça-lhes por participarem da atividade e diga-lhes que podem permanecer em círculo para a próxima atividade.

Atividade 2. Realização do exercício: A intersecção de caminhos

Nesta sessão, você apresentará às pessoas participantes o conceito de interseccionalidade. Os passos para a atividade estão listados abaixo:

1. Compartilhe com as pessoas participantes que, como viram no exercício anterior, há muitas características pessoais e sociais que determinam nossas experiências específicas.
2. Apresente-lhes o conceito de interseccionalidade e as definições de classe, raça/etnia e categorias de gênero. Esclareça que no próximo bloco de atividades você ampliará o conceito de gênero, para tratar das questões de identidade de gênero e diversidade sexual. Mencione durante a apresentação outras categorias que foram incluídas nos estudos de interseccionalidade, tais como status migratório (migrante irregular, status de pessoa refugiada) ou deficiências físicas e mentais. Use com base o conteúdo da ficha informativa “Interseccionalidade e sua importância para a compreensão da situação do CI na América Latina e o Caribe”, no final deste módulo. Permitir que as pessoas participantes façam perguntas durante a apresentação ou abra um espaço para perguntas no final da mesma.
3. Após a apresentação e as perguntas, compartilhe a folha de trabalho “Intersecção dos Caminhos”. Peça-lhes que escrevam os seus nomes no centro, onde as estradas formam um cruzamento. Peça-lhes que pensem nas categorias que definem de maneira mais importante suas experiências de vida. Diga-lhes que usem as perguntas da folha de trabalho para orientar suas reflexões. Dê cinco minutos para que completem o exercício.
4. Assim que terminarem de preencher a folha de trabalho, dê-lhes cinco minutos para discutir suas folhas de trabalho com a pessoa ao lado.
5. Após a discussão em pares, peça a algumas pessoas que compartilhem suas experiências com todo o grupo. Facilite a discussão utilizando as perguntas da folha de trabalho.
6. Conclua a atividade dizendo que o mais importante que precisamos entender sobre a interseccionalidade é que estamos falando do lugar onde as estradas se cruzam. Ao contrário da discriminação múltipla ou da soma de desigualdades, a interseccionalidade tenta revelar as experiências únicas, que ocorrem quando várias categorias se cruzam e ajuda a compreender melhor as necessidades de diversos grupos, bem como as formas pelas quais essas necessidades podem ser atendidas, respeitando as diferenças. Quando a interseccionalidade é colocada em prática, recomenda-se colocar uma categoria no centro da análise e, a partir daí, ver como outras categorias afetam esta categoria central. No caso do CI, a categoria de gênero está no centro desta análise, particularmente porque meninas, adolescentes e mulheres jovens são as mais afetadas por esta situação. Diga-lhes que falarão mais sobre isso mais tarde. Agradeça ao grupo por sua participação e indique-lhes que podem retornar aos seus lugares.



NOTA

Ao final desta atividade, pergunte ao grupo como se sentem e se gostariam de fazer um exercício de cuidado emocional. Se for o caso, você pode usar uma das atividades da seção Apêndice do manual. Lembre-se de se familiarizar com estas atividades antes do workshop.

Módulo 2 – Sessão 2.2

O que é gênero?

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
2.2 O que é gênero?	Que as pessoas participantes conheçam o conceito de gênero, especificamente: <ul style="list-style-type: none"> • Diferença entre sexo e gênero • Identidade e expressão de gênero • Sexualidade e diversidade sexual • O Patriarcado e o sistema binário de heteronormatividade como formas de opressão 	1. Tempestade de ideias: sexo ou gênero?	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart • Marcadores
		2. Realizar o exercício: encontre a definição	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Conceitos e definições separadamente • Fita adesiva
		3. Ver a apresentação	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação sobre gênero e os diferentes aspectos relacionados a ele
		4. Realizar o exercício: Quem sou eu?	15 min	<ul style="list-style-type: none"> • Folha de trabalho: Quem sou eu?

Tempo total: 1 hora

Atividade 1. Realizar uma tempestade de ideias: Sexo ou gênero?

Instruções:

Dê as boas-vindas ao grupo à sessão sobre gênero. Diga-lhes que durante as atividades do módulo eles estarão revendo o conceito de gênero e outros tópicos relacionados, tais como diversidade sexual e masculinidades. Compartilhe com o grupo que verão muitos conceitos e definições, e por isso é importante que façam todas as perguntas que tiverem. Diga-lhes que podem colocar dúvidas, pensamentos e perguntas no estacionamento de ideias, e que podem revê-los no final de cada exercício ou ao final da sessão. Não deixe de se preparar bem para esta sessão.

1. Para a primeira atividade, peça às pessoas participantes que formem equipes.
2. Já com as equipes formadas, peça-lhes que dividam um flipchart em dois e escrevam ou digam em uma coluna tudo o que vem à mente com a palavra sexo e tudo o que vem à mente com a palavra gênero. Dê-lhes cinco minutos para esta atividade.
3. Após o trabalho em equipes, peça-lhes para compartilhar com o resto do grupo o que escreveram ou desenharam. Você pode esclarecer qualquer dúvida que surja nesta discussão e dizer ao grupo que revisarão esta lista ao final das atividades desta sessão.
4. Agradeça-lhes por sua participação e diga-lhes para voltarem ao grupo principal para a próxima atividade.

Atividade 2. Realizar o exercício: Encontre a definição

Instruções:

1. Dividir a turma em duas equipes. Dê a uma equipe os conceitos escritos em folhas ou cartões e à outra equipe, dê as definições dos conceitos. Utilize os conceitos e definições incluídos nos materiais didáticos da sessão. Os conceitos que você deve tratar para esta sessão são: patriarcado, heteronormatividade, sexo, gênero, identidade de gênero, expressão de gênero, diversidade sexual, sexo biológico, orientação sexual, gay ou lésbica, transgênero, transexual, bissexual, intersexual e queer. Se você tiver mais conceitos do que participantes, dê mais de um conceito ou definição por pessoa. Se você tiver menos conceitos do que participantes, peça àquelas pessoas que não receberam um conceito ou definição que ajudem outras pessoas a encontrarem sua combinação.
2. Assim que cada pessoa tiver um conceito ou uma definição, peça-lhes que encontrem seu par. Dê-lhes 10 minutos para concluírem a atividade.
3. Quando terminarem de encontrar seu par, dê-lhes a lista com conceitos e definições corretos e diga-lhes que mudem de parceiro se escolheram errado.
4. Depois que todos os pares tiverem se encontrado, pergunte-lhes o que pensam sobre os conceitos, suas definições e se têm alguma dúvida.
5. Agradeça-lhes por sua participação e peça-lhes que retornem ao grupo principal para a apresentação dos conceitos.



Atividade 3. Apresentação sobre gênero e os diferentes aspectos relacionados a ele

Antes do workshop, não deixe de preparar uma apresentação baseada nas fichas informativas de gênero e nos conceitos e definições de diversidade sexual. Você pode preparar esta apresentação em uma versão digital ou em um flipchart.

1. Compartilhe a apresentação sobre gênero e diversidade sexual com as pessoas participantes. Convide as pessoas a fazerem perguntas enquanto você apresenta. Se há algo que você não sabe, você pode colocar a pergunta no estacionamento de ideias para esclarecimento posterior. Diga-lhes que é normal ter perguntas e que é bom ter as definições em mãos e revisá-las com frequência se surgirem dúvidas.
2. Agradeça as pessoas participantes a atenção que dedicaram e peça que permaneçam no grupo para a próxima atividade.

Atividade 4. Realizar o exercício: Quem sou eu?

Nesta atividade, você pedirá que reflitam sobre suas próprias identidades. Pode ser um exercício muito pessoal, então você deve enfatizar que somente aquelas pessoas que se sentirem confortáveis compartilharão suas reflexões.

1. Diga as pessoas participantes que você vai compartilhar uma folha de trabalho intitulada: “Quem sou eu”, onde verão uma silhueta humana que representa o que pensamos, sentimos e como nos expressamos através de nosso corpo em termos de gênero, tanto em termos de identidade e expressão, orientação sexual e nosso sexo biológico. Peça-lhes que orientem sua reflexão utilizando as perguntas da folha de trabalho.
2. Distribua as folhas de trabalho e peça-lhes que pensem em quem são e, se quiserem, escrevam, desenhem, marquem o que desejem na folha. Dê-lhes cinco minutos para esta reflexão pessoal.
3. Depois de trabalharem em suas folhas, peça-lhes que compartilhem sua folha com outra pessoa.
4. Pergunte se alguém gostaria de compartilhar sua folha de trabalho com o resto do grupo. Peça-lhes para refletir sobre como a folha “Quem sou eu?” se relaciona com a folha “A intersecção de caminhos”. Peça-lhes que compartilhem suas ideias. Para encerrar a discussão, diga-lhes que com o exercício “Quem sou eu” estamos focalizando a análise na categoria de gênero e diversidade sexual, e com o exercício “A intersecção de caminhos” estamos ampliando esta discussão para incluir outras condições que também nos identificam e determinam nossas experiências particulares.
5. Agradeça-lhes por sua participação.

Módulo 2 – Sessão 2.3

Masculinidades igualitárias

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessários
2.3 Masculinidades igualitárias	<p>Que as pessoas participantes conheçam o tema da masculinidade igualitária</p> <p>Discutir como os meninos, adolescentes e jovens também são afetados pelo CI na região</p> <p>Analisar o papel dos meninos, adolescentes e jovens para acabar com o CI</p>	<p>1. Interagir com a caixa dos homens</p> <p>2. Realizar uma análise de gênero</p>	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart em branco • Marcadores

Tempo total: 30 minutos

Atividade 1. Interagir com a caixa dos homens

Instruções:

1. Peça às pessoas participantes para se dividirem em pequenas equipes de trabalho. Uma vez divididas em equipes, peça-lhes que peguem um flipchart em branco e desenhem dois retângulos, um dentro do outro. Utilize a amostra nos materiais didáticos deste módulo. Diga-lhes para nomear o retângulo exterior “Mulher” e o retângulo interior “Homem”. Você pode preparar os flipcharts com os retângulos antes da sessão para economizar tempo.
2. Peça-lhes que escrevam ou desenhem dentro de cada retângulo tudo o que em suas comunidades é considerado como papéis, atividades, comportamentos e expectativas tradicionais para mulheres e para homens. Enfatize que o que elas escreverem não é necessariamente o que as pessoas participantes pensam, mas o que as pessoas em geral, em sua comunidade, pensam sobre quem são homens e quem são mulheres.
3. Uma vez que tenham terminado, peça-lhes que voltem ao grupo principal e compartilhem e reflitam com o resto das pessoas participantes o que escreveram nos retângulos.

4. Diga-lhes que agora vão discutir especificamente a construção da masculinidade tradicional. Ressalte que o retângulo interno chamado “Homens” representa “a caixa dos homens”. Peça-lhes que reflitam novamente sobre esta masculinidade tradicional, usando as seguintes perguntas para orientar sua reflexão:
 - a. Quão comum é para os homens cumprir esses papéis tradicionais em sua comunidade?
 - b. Com que idade os homens começam a ouvir que devem “agir como um homem” em sua comunidade?
 - c. Quais são as mensagens que um menino recebe quando lhe é dito para “agir como um homem”?
 - d. Qual o papel da raça/etnia, classe e diversidade sexual nestas mensagens?
 - e. De quem, especificamente, estas mensagens são recebidas e em que contexto? Por exemplo: da família, na escola, na rua, brincando?
 - f. Que vantagens e privilégios o fato de seguir esses papéis masculinos tradicionais dá aos homens?
 - g. O que acontece com um menino, adolescente ou jovem que não cumpre ou não segue esses papéis?
 - h. Que mecanismos são usados para manter os meninos, adolescentes, jovens e homens na “caixa dos homens”?
 - i. Quais são as desvantagens e os custos para meninos, adolescentes jovens e homens de permanecer na “caixa dos homens”?
 - j. O que você pensa sobre os papéis das mulheres ou os papéis fora da “caixa dos homens”?
 - k. Quais seriam as vantagens se meninos, adolescentes, jovens e homens pudessem viver os papéis que estão fora da caixa? Como podemos fazer com que os homens saiam desta caixa?
 - l. Que mensagens podemos criar para que meninos, adolescentes e homens jovens possam viver uma masculinidade mais igualitária?
5. Em seguida, peça-lhes para refletirem sobre como os papéis tradicionais de gênero masculino influenciam meninos e adolescentes a experimentarem também o CI. Em seguida, peça-lhes para refletirem sobre como esses papéis fazem com que os homens queiram se unir às meninas e adolescentes.
 - a. Que trabalho deve ser feito com homens para prevenir o CI?
 - b. Que trabalho deve ser feito com crianças para prevenir o CI em meninos e adolescentes?

6. Termine a atividade compartilhando as seguintes reflexões: “A Caixa dos homens” representa os papéis e expectativas que meninos, adolescentes, jovens e homens adultos devem seguir e cumprir. Essas expectativas vêm da família, grupos de pares, sociedade, mídia, religião e instituições. É comum que os homens que permanecem dentro desta caixa de papéis sejam percebidos como homens melhores e mais respeitados em suas comunidades, e é por isso que os homens querem permanecer dentro desta caixa. Pelo contrário, os homens que ousam viver outros papéis fora da caixa são apontados, insultados, isolados e até mesmo violentados. Algumas consequências de viver esta masculinidade machista são que muitos homens agem de maneira que não querem (por exemplo, correm riscos, exercem violência contra mulheres ou outros homens), sentem-se isolados e sua saúde mental é afetada. Entretanto, quando os homens conseguem sair desta caixa, eles conseguem ter experiências de vida mais satisfatórias, mas também contribuem para a redução de outros problemas sociais, como a violência contra as mulheres. É importante abrir a oportunidade para que meninos, adolescentes e jovens vivam a masculinidade fora da norma, a fim de alcançar sociedades igualitárias onde todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento.



Módulo 2 – Sessão 2.4

Análise de Gênero e Interseccionalidade do CI

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
2.4 Análise Interseccional do CI	• Aplicando o conceito de interseccionalidade à situação do CI	1. Conhecendo a história de Cláudia e Roberto	30 min	• Apresentação sobre o que é análise de gênero?
		2. Conheça a história de Cláudia e Roberto	30 min	• Cópias da história de Cláudia e Roberto • Cópias da folha de trabalho da história de Cláudia e Roberto

Tempo total: 60 minutos

Atividade 1. Conduzir uma análise de gênero

Instruções:

Nesta atividade, você fará uma apresentação sobre o que é uma análise de gênero. Prepare uma apresentação, digital ou com flipcharts, com as principais informações sobre o que é uma análise de gênero, contidas na ficha informativa: O que é uma análise de gênero?

Uma vez terminada sua apresentação, abra a sessão para perguntas. Os pontos-chave a serem destacados no final da sessão são:

- A análise de gênero serve para identificar as principais características que contribuem para a desigualdade de gênero.
- O destaque das disparidades entre homens e mulheres no lar, na comunidade e no país.
- A explicação de como as normas de gênero e as relações de poder afetam (e muitas vezes reforçam) o CI.
- A análise das diferenças entre os papéis e as normas atribuídas a mulheres e homens, meninas e meninos: os diferentes níveis de poder que cada um tem; suas diferentes necessidades, restrições e oportunidades; e o impacto dessas diferenças em suas vidas.

Atividade 2. Conhecer a história de Cláudia e Roberto

Instruções:

1. Diga às pessoas participantes que nesta sessão irão rever uma história e fazer uma análise interseccional das experiências de vida de Cláudia e Roberto.
2. Entregue uma cópia da história de Cláudia e Roberto e uma cópia da folha de trabalho.
3. Peça às pessoas participantes que formem grupos e leiam a história de Cláudia e Roberto.
4. Uma vez terminada a leitura da história de vida, peça-lhes que preencham o cruzamento dos caminhos de Cláudia e Roberto na folha de trabalho. Diga-lhes que podem usar as perguntas para discutir o caso de Cláudia e Roberto ao preencherem a folha de trabalho.
5. Quando as equipes tiverem terminado, peça-lhes que compartilhem seu trabalho e discussões com todo o grupo. Você pode usar as seguintes perguntas para orientar a discussão:
 - a. Quais foram as principais causas que levaram Cláudia e Roberto a uma união precoce?
 - b. Que sistemas de poder foram decisivos na vida de Cláudia e Roberto?
 - c. Como você pode usar a análise interseccional na análise do CI?
 - d. Qual é a importância de colocar o gênero no centro de uma análise interseccional? Existe outra categoria mais importante para analisar e compreender o CI nesta história de vida?



Módulo 2: Materiais Didáticos de Apoio

1. Guia para o exercício de imaginação guiada “Um passeio pela praça”
2. Folha de trabalho “A intersecção de caminhos”
3. Folha de trabalho “Quem sou eu?”
4. Exemplo para o exercício “A caixa dos homens”
5. Estudo de caso e guia de discussão: o caso de Cláudia e Roberto
6. Folha de trabalho “A história de Cláudia e Roberto”
7. Definições de conceitos para o módulo
8. Ficha informativa: Interseccionalidade e sua importância na compreensão da situação do CI na ALC
9. Ficha informativa: O gênero como determinante do CI

Imaginação guiada: Um passeio pela praça⁴

Bem-vinda e bem-vindo a esta caminhada ao redor de uma praça. Hoje é um belo dia e você decidiu dar um passeio pela sua praça favorita. A praça é um lugar muito bonito, cheio de pessoas e muitos cheiros agradáveis e sons de vários tipos de música. Você caminha por uma rua estreita que leva a uma praça que tem um quiosque, bancos, jardins, uma igreja, alguns edifícios públicos ao redor e um auditório ao ar livre. Antes de chegar à praça, você observa uma pessoa vendendo toalhas de mesa e guardanapos de tecidos bordados à mão. Você compra um trilha de mesa com um bordado de flores. Depois você continua andando e observa algumas crianças brincando com algumas bonecas. Você acha engraçado como brincam de dar de comer e trocar suas fraldas. Você continua andando e vê outro grupo de crianças jogando a bola. Elas estão correndo e gritando, parece que estão jogando futebol e a goleira foi improvisada com alguns casacos e os tênis. Você continua andando e percebe que há uma pessoa vendendo lanches. Você está com fome. Então decide comprar um e se sentar num banco para saborear sua refeição. Enquanto você está curtindo seu lanche, escuta atentamente

a música que vem do quiosque. A pessoa que lidera a banda parece muito inteligente e habilidosa para dirigir. Você vê um grupo de pessoas estrangeiras tirando fotos e vídeos dos músicos. Você também observa uma pessoa pedindo dinheiro às pessoas estrangeiras. Essa mesma pessoa se aproxima de você e pede sua comida. Você lhe dá o que ainda não comeu. Você se levanta para continuar caminhando e observa no banco ao lado um casal se abraçando e beijando. Você continua sua caminhada e observa outra pessoa varrendo a praça; e outro casal que vai entrar na igreja, parece que eles vão se casar, porque estão vestidos de noivos. Você caminha em frente ao edifício público e percebe que eles estão fazendo uma reforma. Há pessoas pintando a fachada e outras consertando a calçada. Você vê algumas pessoas cuidando para que as pessoas pedestres não pisem no cimento fresco da calçada. Você continua sua caminhada e vê outras pessoas vendendo artesanato feito de madeira. Você compra uma pequena caixa de madeira. Depois de um tempo vendo um grupo de jovens dançando na praça, você decide voltar para casa. Você pega a mesma rua estreita que atravessou para chegar na praça, para voltar. Você percebe agora que há uma pessoa vendendo frutas e vegetais frescos. Você compra algumas coisas para levar para casa. Você sai feliz por ter dado um passeio em sua praça favorita.

4. Atividade adaptada de “Guided fantasy: A walk in the park”, de *Intersectionality Toolkit*, Canadian Research Institute for the Advancement of Women (CRIAM), 2020.

Perguntas:

Que cores vieram à sua mente com este passeio imaginário?

Em que dia da semana e hora do dia você acha que foi?

Que tipo de música você acha que tocavam na praça?

Que alimentos vendiam na praça?

Como imaginaram as pessoas que vendiam bordados, artesanato e frutas e verduras? Eram mulheres? Eram homens? De que idade? Indígenas, negros, mestiços? Por que imaginaram isso?

Quem eram as pessoas brincando de bonecas e jogando bola? Meninas, meninos? Por que pensaram isso?

Quem era a pessoa que vendia os alimentos? E a pessoa que dirigia a banda? Homem, mulher, trans? Por que imaginaram isso?

Quem eram as pessoas estrangeiras? Que cor de pele tinham as pessoas estrangeiras? Você acha que eram ricas, de classe média ou pobres?

Como imaginaram a pessoa pedindo dinheiro? Era homem, mulher, menino, menina? Por que pensaram isso? O que sentiram quando a pessoa pediu sua comida?

Quando viram o casal no banco, quem imaginaram? E o casal na igreja? Alguém imaginou um casal de dois homens ou duas mulheres? Eles eram pessoas adolescentes, jovens ou adultas? Por que pensaram isso?

Quando passaram em frente ao edifício público, como imaginaram as pessoas que estavam reformando o edifício e as pessoas que cuidavam da calçada? Pobres, classe média, ricas? Eram homens, mulheres, trans? O que nos faz pensar isso?

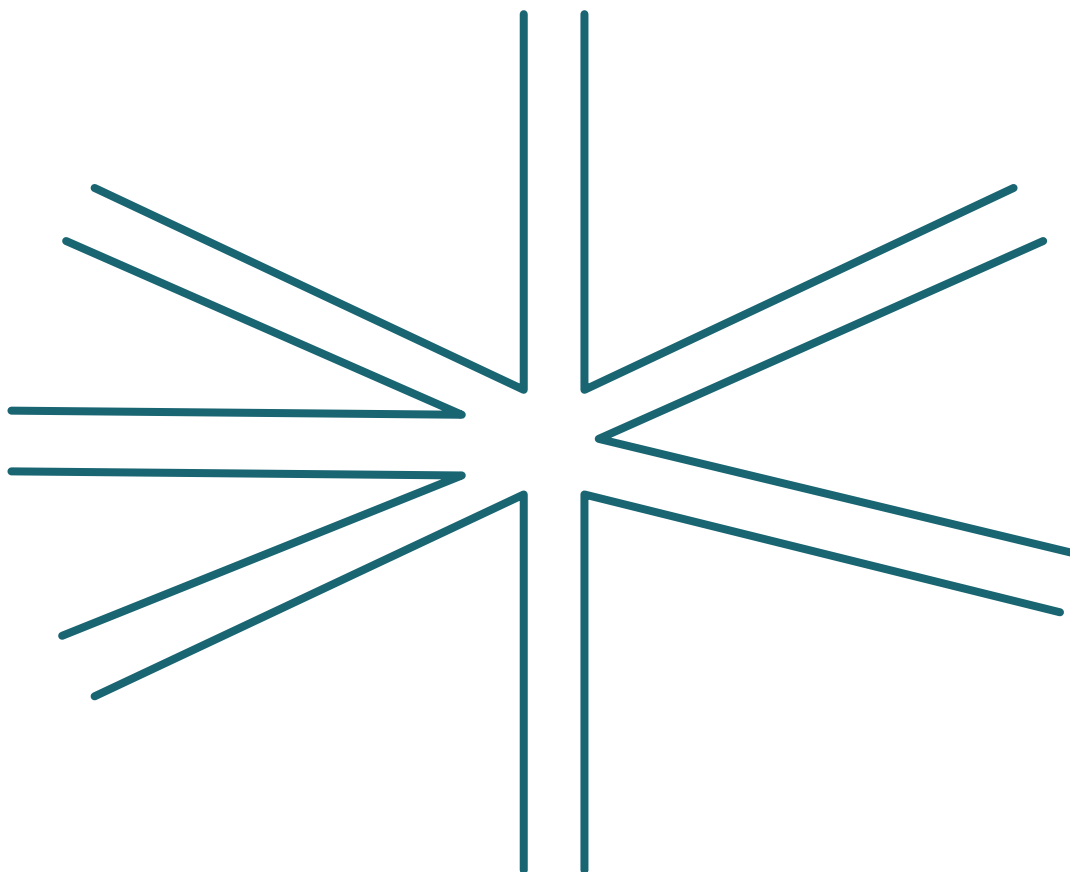
E as pessoas jovens dançando, como você as descreveria? Por quê?



NOTA FINAL APÓS A S ESSÃO DE PERGUNTAS:

Você deve ter notado que temos vários preconceitos sobre idade, raça/etnia, sexo, identidade de gênero, orientação sexual, os papéis de gênero que temos na vida cotidiana, na nossa própria vida e na vida das outras pessoas. Em um simples passeio imaginário pela praça, percebemos que assumimos que uma pessoa com características específicas se dedica a certas atividades. Mas também com a discussão você pode perceber que nem todas as pessoas pensamos o mesmo e que há diversidade no que imaginamos. Assim também somos diversificados na vida cotidiana. Neste módulo aprenderemos sobre estas diversas formas de ser e como isto constrói nossas realidades de vida específicas. Tudo isso nos ajudará a entender melhor quais características pessoais e condições sociais determinam se uma menina, adolescente ou mulher jovem vive um casamento ou uma união precoce e forçada.

Folha de trabalho: A intersecção de caminhos



Coloque seu nome onde as estradas criam o cruzamento e pense em todas as suas características pessoais (sexo, gênero, cor da pele, habilidades físicas) e condições sociais (nacionalidade, classe social) que tornam suas experiências de vida únicas.

Use estas perguntas para guiar seu pensamento:

A que espaços você tem acesso porque é mulher ou homem?

Como o seu círculo social determina a que classe social você pertence?

Se você tem uma capacidade diferente, como isso tem afetado sua vida?

Quais de suas características pessoais ou condições sociais foram as mais importantes na definição de suas experiências? Você pode refletir sobre duas ou três delas.

Que privilégios você tem?

Que tipos de opressão você já experimentou?

Seu estilo de vida mudou ao mudar alguma destas categorias?

Folha de trabalho: Quem sou eu?



Identidade de gênero



Mulher

Trans

Homem

Expressão de gênero



Feminino

Andrógino

Masculino

Orientação sexual



Homossexual

Bissexual

Heterossexual

Sexo biológico



Mulher

Intersexo

Homem

Use estas perguntas para guiar seu pensamento:

Qual é sua identidade de gênero?

Qual é a sua expressão de gênero?

Qual é a sua orientação sexual?

Qual é o seu sexo biológico?

Por que é importante refletir sobre nossa identidade sexual e de gênero?

Que tipos de discriminação e opressão existem com base no gênero e nas identidades sexuais?

Que privilégios você tem em relação ao seu gênero e identidade sexual? Que tipos de opressões você já experimentou em relação ao seu gênero e identidade sexual?

Folha de trabalho: A caixa dos homens⁵

Mulher

Homem

5. Atividade adaptada de “The Man Box”, em *Manhood 2.0, Um currículo que promove um futuro de masculinidade equitativa em termos de gênero*. Washington DC e Pittsburgh, Promundo e Universidade de Pittsburgh, 2018.

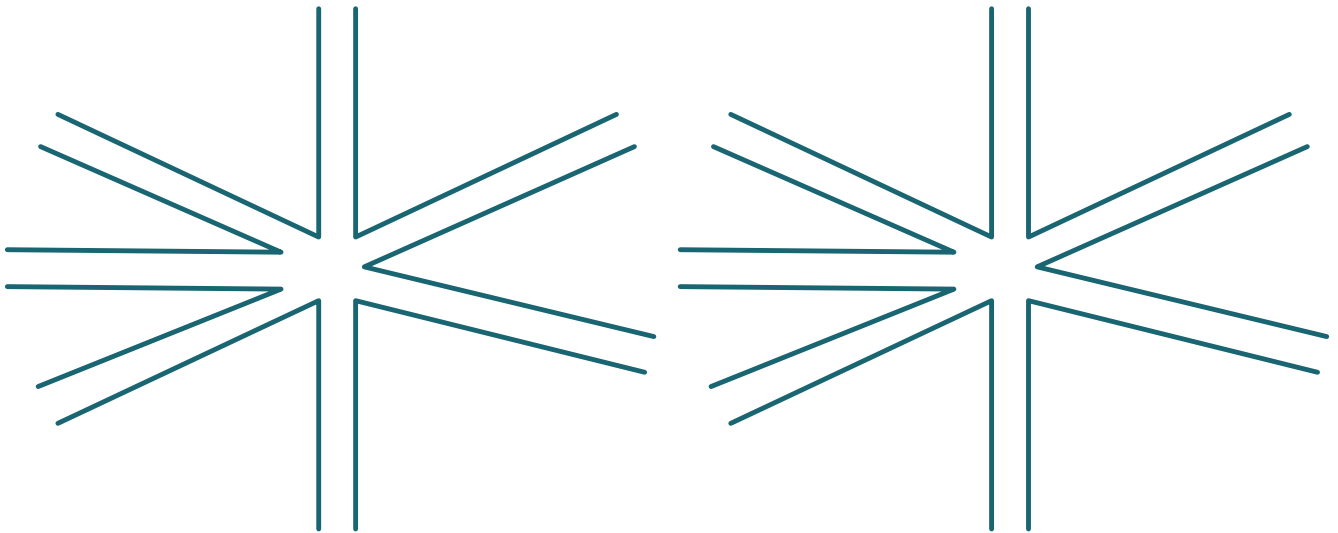
A história de Cláudia e Roberto

Cláudia e Roberto nasceram em uma comunidade rural na Nicarágua e se uniram quando Cláudia tinha 14 anos e Roberto 16. Cláudia cresceu com seus avós, porque seus pais migraram para os Estados Unidos quando ela era pequena. Os pais de Cláudia muitas vezes enviavam dinheiro para seu sustento, mas isso não era suficiente para cobrir os custos da casa. Seu avô começou a discutir com sua avó que talvez fosse melhor para a Cláudia se casar logo para que eles não tivessem mais que ser responsáveis pelo seu sustento. Cláudia não ficava contente com esta conversa, pois queria terminar a escola e eventualmente viajar para os Estados Unidos para se reunir com seus pais. Ela tentou convencer seus pais a ajudá-la a chegar aos Estados Unidos, mas seus pais lhe disseram que o trajeto para chegar lá era muito caro e perigoso. Cláudia continuou indo à escola, mas seu avô insistia que ela já tinha idade suficiente para encontrar um namorado e ir morar com ele, apesar de que ela tinha apenas 13 anos. Cláudia ignorou seu avô e se concentrou em estudar e ajudar no trabalho doméstico para que seu avô não a incomodasse.

Por sua vez, Roberto nasceu em uma família onde ele era o terceiro de cinco irmãs e irmãos. Os pais de Roberto se casaram muito jovens e tiveram dificuldade para sustentar todos os filhos e filhas. Os dois irmãos mais velhos de Roberto começaram a trabalhar em um vilarejo próximo quando fizeram 12 anos, colhendo café em uma fazenda. Um de seus irmãos logo se uniu a uma adolescente de sua idade e eles tiveram uma filha um ano depois. Roberto não queria ir trabalhar como seus irmãos porque gostava muito de ir à escola, mas quando fez 12 anos seu pai lhe disse que teria que começar a trabalhar porque seu irmão mais velho não podia mais ajudar em casa por causa da responsabilidade de sustentar sua própria família. Roberto começou a trabalhar na fazenda e deixou de ir à escola. Na fazenda, ele conheceu outros adolescentes e jovens adultos que começaram a trabalhar para ajudar em suas casas. Enquanto colhiam café, os jovens falavam em se unirem às suas namoradas e começar uma família. Roberto lhes disse que queria ir à escola, mas eles gozavam dele e lhe diziam que agora tinham que trabalhar como os “bons homens” que eram e assumir a responsabilidade de sua família. Roberto continuava sonhando que um dia ele poderia voltar à escola.

Um dia, numa festa da comunidade, Cláudia e Roberto, que se conheciam desde pequenos, começaram a conversar e, a partir dessa conversa, gostaram um do outro e começaram a namorar. Eles compartilhavam a ideia de que era melhor estudar do que se casar muito jovens. Entretanto, eles nunca receberam educação sobre sexualidade e contracepção e, portanto, não sabiam como evitar uma gravidez. Poucos meses depois que começaram a namorar, Cláudia percebeu que estava grávida. Ela acabava de fazer 14 anos e Roberto estava próximo a fazer 16. Os dois conversaram com seus pais e avós para ver o que fazer, e as famílias decidiram que deveriam se casar. Entretanto, na Nicarágua, as pessoas não podem se casar antes dos 16 anos e as pessoas entre 16 e 18 anos devem ter permissão dos pais. Como Cláudia ainda não tinha 16 anos, eles não podiam se casar legalmente. Cláudia e Roberto se uniram e foram morar em um quarto alugado perto da fazenda onde Roberto trabalhava. Cláudia não pôde mais continuar indo à escola porque estava muito longe. A relação durou alguns anos, até que Roberto decidiu migrar para os Estados Unidos porque, embora eles pudessem usar contraceptivos e tivessem apenas uma filha, não podiam arcar com as despesas. Roberto atravessou em uma das caravanas para os Estados Unidos e Cláudia nunca mais ouviu falar dele.

Folha de trabalho: A intersecção de caminhos de Cláudia e Roberto



Use uma das interseções acima para Cláudia e outra para Roberto, com base na história de cada um, e use as seguintes perguntas para orientar sua reflexão sobre a história:

- Quais foram as condições pessoais e sociais que levaram Cláudia e Roberto a uma união precoce?
- Pensando na imagem da intersecção de caminhos, como o aspecto interseccional ajuda a entender o que aconteceu na vida de Cláudia e Roberto? Que sistemas/estruturas sociais contribuíram para essa união precoce?
- O que poderia ter ajudado Cláudia e Roberto a continuar na escola e ter outras oportunidades em suas vidas?

Definição de conceitos

Interseccionalidade	Interseccionalidade é uma teoria desenvolvida por teóricas e feministas negras nos Estados Unidos. Interseccionalidade explora como a posição social que as pessoas ocupam de acordo com seu gênero, classe e raça gera uma intersecção onde os sistemas de poder e opressão se reforçam mutuamente. As experiências vividas no cruzamento são únicas e é deste cruzamento que se levantam as reivindicações de justiça e igualdade dos diversos grupos. Com a evolução da teoria, outras categorias sociais foram acrescentadas, tais como idade, orientação sexual, etnia, deficiência e status imigratório, entre outras.
Classe	Uma classe social é um grupo na sociedade que compartilha níveis semelhantes de renda, educação, ocupação e, frequentemente, valores, filiações políticas e cultura. Tradicionalmente, os estratos de classe são alto, médio e baixo, embora haja subdivisões (classe média baixa, classe média média, classe média alta) ou quintis (cinco grupos, do quintil mais alto até o mais baixo).
Raça	A raça é uma construção social onde as pessoas são classificadas devido às características fenotípicas: características faciais, cor da pele, etc. Em nível biológico, não há diferenças entre os vários grupos humanos, entretanto, muitos grupos formaram associações de identidade a partir da pertença a certos grupos raciais.
Etnia	É uma característica dos grupos sociais que contém uma combinação de aspectos culturais, históricos, raciais, religiosos ou linguísticos, assim como origens ancestrais compartilhadas.
Status migratório	É a situação de documentação em que se encontram as pessoas que migraram de um país para outro. Há muitas condições nas quais as pessoas migram, por exemplo: com vistos de trabalho, vistos turísticos, status de refugiado ou um status irregular em que não têm permissão formal para estar no país anfitrião.
Sexo	Estas são as características biológicas que atribuem as classificações de homem, mulher ou intersexo, e incluem os órgãos genitais, aparelhos reprodutivos, cromossomos e hormônios.
Gênero	Gênero é a construção social dos papéis, comportamentos, estética, expectativas e distribuição do poder nas esferas públicas e privadas das pessoas. O sistema de gênero binário reconhece apenas dois gêneros, homens e mulheres, e é sob estas duas categorias, feminino e masculino, que os papéis são classificados. Entretanto, os movimentos de diversidade sexual e diversidade de gênero têm proposto que o gênero é fluido, que existem mais de dois gêneros e as pessoas, independentemente de seu sexo biológico, podem escolher como expressar seu gênero.

Identidade de gênero É o gênero do qual nos sentimos parte, ou seja, homem, mulher ou outra escolha. Quando as pessoas têm uma identidade que corresponde ao seu sexo biológico são chamadas de “mulher cis” ou “homem cis”, enquanto as pessoas onde o sexo biológico não corresponde à sua identidade são chamadas de “mulher trans” ou “homem trans”.

Expressão de gênero É a maneira como expressamos e vivemos nosso gênero. Há certas formas e estéticas que definem o gênero, e as pessoas decidem como querem expressá-lo (usando saias, maquiagem, cabelo curto, etc.).

Igualdade de gênero A igualdade de gênero é o princípio pelo qual homens e mulheres são reconhecidos como iguais e, portanto, têm o mesmo direito de acesso aos recursos sociais, econômicos e políticos, independentemente das diferenças biológicas que existem.

Igualdade substantiva A igualdade substantiva refere-se ao pleno exercício dos direitos universais e à capacidade de realizá-los na vida diária. Reconhece que as mulheres cresceram em contextos de desigualdade e, portanto, os governos são obrigados a implementar ações que nivelem o campo de atuação para que elas tenham igual acesso a todos os recursos e, portanto, possam viver plenamente todos os seus direitos humanos. O princípio da igualdade substantiva é descrito na Recomendação Geral Nº 25 do Comitê da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW).

Sexualidade A sexualidade é um aspecto central da vida das pessoas, presente ao longo de suas vidas e que abrange sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações interpessoais. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem sempre todas são vividas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, legais, históricos, religiosos e espirituais.

LGBTQI+ É a sigla usada pela comunidade da diversidade sexual e representa as diferentes identidades sexuais e de gênero que as pessoas podem ter. O sinal + (mais) representa a possibilidade de acrescentar mais identidades.

L = lésbica, atração emocional, romântica, sexual ou afetiva que uma mulher sente por outra mulher.

G = gay, atração emocional, romântica, sexual ou afetiva que um homem sente por outro homem.

B = bissexual, atração emocional, romântica, sexual ou afetiva que uma pessoa de um sexo pode sentir por outras pessoas, independentemente de seu sexo, o que inclui tanto mulheres quanto homens.

T = transgênero, pessoa que não concorda com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer e vive sua vida com o gênero oposto ou sem gênero.

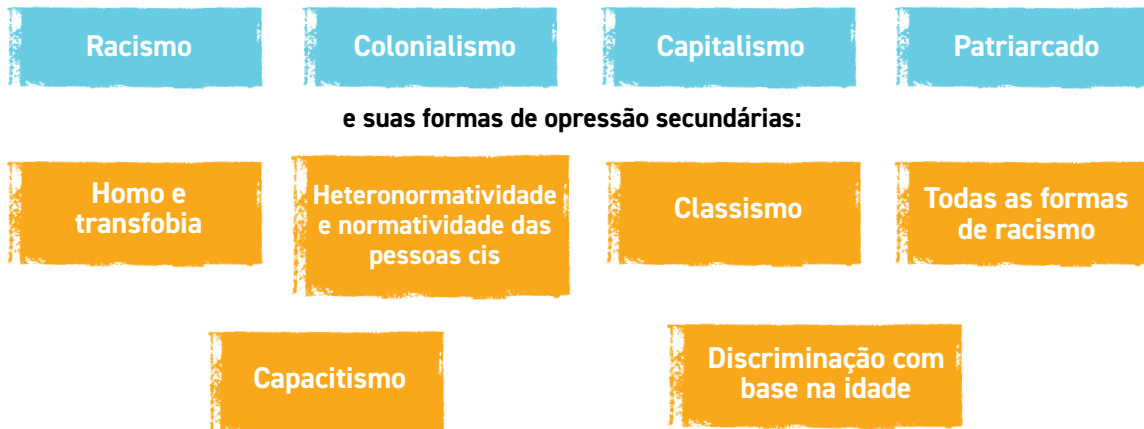
	<p>T = transexual, uma pessoa que não concorda com seu sexo biológico, com seu gênero e passa por tratamento cirúrgico, hormonal e psicológico e pelo processo de mudança de identidade em documentos oficiais a fim de viver como uma pessoa do sexo/gênero de sua escolha.</p> <p>Q = queer, uma pessoa que não quer aderir aos padrões comportamentais ou estéticos do sistema binário masculino/feminino, e acredita e vive como uma pessoa que transita através dos gêneros.</p> <p>I = intersexo, uma pessoa que possui características biológicas (ao nível dos genitais e cromossomos) tanto de homens quanto de mulheres.</p>
Diversidade Sexual	É a diversidade que encontramos nas formas como as pessoas se relacionam emocionalmente, romanticamente, sexualmente e afetivamente. Também nos fala sobre a diversidade ao expressar quem somos em termos de gênero.
Orientação sexual	É a atração emocional, romântica, sexual ou emocional por outra pessoa. A orientação sexual é um contínuo que vai desde a homossexualidade exclusiva (atração por pessoas do mesmo sexo), à heterossexualidade exclusiva (atração por pessoas do sexo oposto), até várias formas de bissexualidade. A orientação sexual é autodefinida.
Masculinidade	É o conjunto de características, papéis e expectativas social e culturalmente construídas para os homens. Tradicionalmente, a masculinidade tem incluído traços que geram opressão tanto para mulheres quanto para os próprios homens, como o uso da violência. O estudo das masculinidades é um ramo cada vez mais forte dos estudos de gênero e do trabalho com homens para promover o desenvolvimento de masculinidades igualitárias. Modelos de masculinidades igualitárias procuram fazer com que os homens renunciem a alguns de seus privilégios de gênero e adquiram responsabilidades para levantar e adotar tarefas domésticas, bem como abandonar comportamentos e atitudes como o uso da força e da violência contra outros. Junto com o progresso em direção aos direitos da mulher, busca-se o abandono do sistema patriarcal e a busca de sociedades igualitárias.
Feminilidade	É o conjunto de características, papéis e expectativas social e culturalmente construídas para as mulheres. Dependendo da cultura e do tempo histórico específico, a feminilidade tem sido associada à maternidade, aos cuidados e às tarefas domésticas, além de ser representada por certas características estéticas, como ter cabelos longos, usar saias ou vestidos, sapato alto. Com base na mudança e nas discussões dentro dos diferentes ramos do feminismo, foi proposto falar das feminilidades no plural, já que cada mulher, incluindo as mulheres trans, expressa sua feminilidade de maneiras diferentes.
Patriarcado	Sistema de organização social onde os homens dominam as esferas pública e privada. As mulheres são consideradas cidadãos de segunda classe, dependentes dos homens, onde não têm poder, autoridade ou recursos.

Sexismo	É a discriminação que as pessoas sofrem por causa do seu sexo/ identidade de gênero. É mais comum as mulheres experimentarem atitudes sexistas, tais como discriminação no emprego ou pensar que as mulheres devem ficar em casa para cuidar dos filhos.
Machismo	É a expressão da masculinidade onde as mulheres e outras pessoas, como as juventudes e as crianças, estão sujeitas à vontade e os desejos dos homens adultos, muitas vezes através do uso da violência, incluindo a violência psicológica, econômica, sexual e física. Esta subjugação se traduz em privilégios para os homens, tais como a posse do poder, benefícios privados e públicos e benefícios sociais e econômicos, e coloca as mulheres, jovens e crianças em desvantagem.
Heteronormatividade	É a suposição de que a heterossexualidade é a única orientação sexual e a crença de que as pessoas devem se encaixar em um dos grupos do sistema de gênero binário.
Classismo	É a discriminação que as pessoas sofrem devido a sua pertença a uma determinada classe social, geralmente às classes sociais mais baixas.
Racismo	É a discriminação e o ódio que as pessoas experimentam devido às características fenotípicas, tais como características faciais e cor da pele.
Discriminação de gênero	É uma discriminação com base no gênero. A incidência de atos discriminatórios é maior para as mulheres ou para as mulheres trans.
Adultismo ou adultocentrismo	É a preferência pela voz, participação e ideias de pessoas que se consideram adultos, em detrimento da voz, necessidades e participação de jovens, adolescentes e crianças.
Xenofobia	É discriminação e ódio contra as pessoas estrangeiras.
Discriminação com base na orientação sexual	É discriminação e ódio contra pessoas que não são heterossexuais. É conhecida como homofobia, bifobia e lesbofobia.
Capacitismo	É a falta de atenção e adaptação dos espaços físicos, das condições de trabalho e escolares, dos programas e as políticas às necessidades das pessoas que nasceram ou adquiriram uma deficiência, visível ou invisível, e a discriminação experimentada pelas pessoas que vivem com essas deficiências.

Módulo 2: Fichas informativas

Interseccionalidade e sua importância na compreensão da situação do CI na ALC

A interseccionalidade nos permite analisar a intersecção de diferentes sistemas de opressão, por exemplo:




A Interseccionalidade é uma teoria desenvolvida por feministas negras nos Estados Unidos da América. Kimberly Crenshaw é reconhecida como a teórica moderna que usou o termo interseccionalidade para trazer à luz a realidade das mulheres negras, que viveram, e ainda vivem, situações específicas, por causa de sua realidade de serem negras e mulheres, e muitas vezes pobres, nos Estados Unidos. Elas não compartilhavam a mesma realidade que os homens negros e as mulheres brancas. A realidade e as experiências das mulheres negras nos Estados Unidos estão localizadas na intersecção de sua raça, gênero e classe. À medida que acadêmicos e pessoas de diversos movimentos sociais utilizaram o conceito de interseccionalidade, outras categorias de análise foram acrescentadas, tais como orientação sexual, idade, deficiência e status migratório, entre outras; o que acaba por revelar que interseccionalidade não é apenas a intersecção de categorias, mas a intersecção de opressões. Assim, as pessoas podem experimentar racismo, classismo, sexismo, xenofobia e homofobia, para citar algumas das formas de opressão, ao mesmo tempo, simplesmente por causa de quem elas são.

A interseccionalidade é uma ferramenta muito útil para analisar a situação do CI. No contexto da América Latina e o Caribe, além do gênero e do patriarcado, existem outros fatores que determinam as causas e consequências do CI.

A primeira condição a ser considerada é a idade. As meninas, adolescentes e mulheres jovens, embora protegidas por instrumentos internacionais de direitos humanos e leis nacionais que proíbem o casamento antes dos 18 anos de idade, estão de fato sob a tutela de suas mães e pais, e estão frequentemente sujeitas às decisões tomadas por eles em seu nome.

Por outro lado, a pobreza, muitas vezes extrema, significa que uma família pobre pode sentir que casar cedo com a filha aliviará a carga, já que eles têm uma boca a menos para alimentar. Não é coincidência que as áreas rurais pobres e as áreas urbanas mais pobres tenham esta prática em maior número. As limitações nas oportunidades de educação, capacitação econômica e empregos bem remunerados contribuem para o uso dessas uniões para tentar melhorar as condições de pobreza.



As uniões precoces também são usadas para controlar a sexualidade de meninas e mulheres jovens. Não há reconhecimento do direito das meninas, adolescentes e mulheres jovens a viverem sua sexualidade e vidas emocional de forma livre e protegida; nem são reconhecidas como tendo outros direitos, tais como o direito à educação ou a viverem uma vida livre de violência. As famílias e comunidades aceitam estas uniões com a desculpa de protegê-las da violência, o abuso e o assédio, ou mesmo como reparação pela violência sexual de um homem que é muitas vezes mais velho que a menina ou adolescente.

Além disso, em países com leis e costumes extremamente conservadores e punitivos em relação a pessoas com orientações sexuais que não sejam heterossexuais, existem várias práticas “corretivas”, incluindo casamentos ou uniões forçadas.

Em muitos casos, o CI também é considerado uma prática culturalmente e religiosamente aceita, no entanto, processos devem ser abertos na comunidade para discutir como essas uniões afetam a vida de meninas, adolescentes e mulheres jovens.

No nível estrutural, sistemas governamentais fracos e corrupção levam a um fracasso na implementação das leis. Embora a região da ALC tenha algumas das melhores legislações em matéria de direitos humanos e regulamentações do CI, na prática, estas estruturas legais não são utilizadas. O governo não tem capacidade nem vontade de implementar essas leis, e há lacunas na lei que são usadas contra as pessoas menores de idade. As leis para coibir a violência contra a mulher e a proteção da infância também não são implementadas. Não há políticas que garantam o acesso à educação, saúde e formação profissional para meninas e adolescentes que previnam e atendam ao CI.

A discriminação étnica e racial também faz parte dos problemas estruturais que afetam o CI. Geralmente as comunidades indígenas e negras vivem em condições sociais mais precárias e com menos apoio institucional, devido à herança colonial de discriminação e ódio pela cor da pele, já que, durante o período das colônias europeias na região, as comunidades indígenas foram dizimadas, deslocadas e, juntamente com as populações negras, escravizadas para trabalhar pelo enriquecimento dos países colonizadores. Embora os países hoje se comprometam a garantir a igualdade de todas as pessoas, as práticas de discriminação étnica e racismo são comuns e aumentam situações que colocam uma pessoa em risco de viver em uma união precoce.

Pensando nas consequências do CI, uma menina, adolescente ou mulher jovem que o vivencia tem menos probabilidade de sair do ciclo da pobreza, mais probabilidade de ver sua saúde sexual e reprodutiva afetada, de ter múltiplos filhos e experimentar violência; e menos probabilidade de receber apoio institucional para continuar sua educação e apoio social para sua família. E finalmente, sem a intervenção estratégica e multissetorial dos governos, o trabalho comunitário das organizações de base e da sociedade civil e a implementação de marcos regulatórios, é provável que o CI continue a ser uma prática intergeracional. Como vemos, a interseccionalidade nos permite analisar as diferentes estruturas de opressão que devem ser tratadas de forma estratégica, diferenciada e simultânea, a fim de conseguir uma diminuição na prática de uniões precoces na região.

Ficha informativa: O gênero como determinante do CI

Quando se trabalha para abordar o CI é importante entender como as normas de gênero são as que perpetuam as práticas. O gênero refere-se aos papéis e comportamentos, assim como aos atributos e oportunidades econômicos, políticos, sociais e culturais associados a ser homem ou mulher em uma sociedade específica.

Os “papéis de gênero” ou “normas de gênero” são os papéis específicos que se espera que homens e mulheres desempenhem na sociedade ou na família, delimitando o que um homem ou uma mulher pode fazer, ser ou ter em uma sociedade. Culturas diferentes podem ter papéis de gênero diferentes ou esperar que homens e mulheres façam coisas ou se comportem de maneiras diferentes. Por exemplo, algumas culturas esperam que as mulheres fiquem em casa e façam as tarefas domésticas, enquanto os homens devem sair e trabalhar. Os papéis de gênero variam de geração para geração, de tempos em tempos, e de cultura para cultura, assim, no antigo Egito os homens ficavam em casa e faziam sua tecelagem, as mulheres dirigiam o negócio da família e herdavam a propriedade, enquanto os homens não o faziam. No Egito contemporâneo, esses papéis mudaram. Os papéis também variam dentro da mesma sociedade, de acordo com o grupo social, político e econômico.

O processo de aprendizagem destes papéis de gênero começa no nascimento. As pessoas nascem com um sexo biológico – feminino, masculino ou intersexo – mas depois aprendem a ser meninas ou meninos que crescem para se tornarem mulheres e homens, de acordo com as normas de gênero de sua sociedade. Meninos e meninas aprendem quais comportamentos e atitudes, papéis e atividades são “apropriados” para seu gênero e como eles devem se relacionar com outros homens e mulheres. Este comportamento aprendido é o que constitui a “identidade de gênero” e determina os papéis e responsabilidades de gênero.

As diferenças entre sexo e gênero

SEXO

- **É biológico:** o corpo anatômico e fisiológico.
- **Determinado ao nascer:** refere-se a diferenças nos órgãos sexuais, gametas e diferenças nas funções de reprodução biológica.
- Ele **pode ser modificado por** meio de cirurgia e/ou terapia hormonal.

GÊNERO


- **É cultural.**
- **É aprendido** através da socialização, é criado pela cultura e, portanto, é ensinado e aprendido.
- Ele pode ser **alterado e questionado:** os papéis que foram atribuídos a homens e mulheres podem ser questionados e quebrados como, por exemplo, mulheres podem trabalhar como engenheiros, pilotos, etc.



É importante mencionar que estes papéis de gênero são comumente divididos em uma ordem binária homem-mulher nas sociedades patriarcais. É difícil modificar os papéis de gênero, e eles são mantidos ao longo do tempo sem mudanças significativas. Entretanto, muitas pessoas ativistas pela igualdade de gênero, diversidade sexual e direitos sexuais e reprodutivos, entre outros, têm lutado para romper com este sistema binário patriarcal. Romper com este sistema binário implica não apenas que os homens podem realizar atividades que são consideradas de mulheres, ou vice-versa, mas que o amplo e múltiplo espectro de atividades e experiências está disponível para todas as pessoas e que cada pessoa se defina como deseja. Isso também significa que todas as pessoas têm igual acesso a todas as oportunidades para uma vida plena e feliz, independentemente de sua identidade de gênero e orientação sexual. Para conseguir o reconhecimento das atividades realizadas pelas mulheres em nossas sociedades como algo importante e valioso – como a educação e o cuidar do lar – assim como gerar condições para que as mulheres se desenvolvam além dessas áreas se assim o desejarem, requer leis, políticas públicas, programas públicos e orçamentos públicos.

Igualdade ou equidade de gênero? Trabalhando em prol da igualdade substantiva

Desde que foi reconhecida a necessidade de mudar a maneira como as mulheres têm sido tratadas em nossas sociedades, diferentes termos têm sido utilizados para as iniciativas que lutaram por essas mudanças. Principalmente, tem-se falado sobre igualdade de gênero e equidade de gênero. A igualdade de gênero refere-se ao acesso igualitário de mulheres, homens e pessoas não-binárias a recursos sociais, políticos e econômicos para seu desenvolvimento; a equidade de gênero refere-se ao acesso diferenciado a esses recursos de acordo com as necessidades de cada pessoa.



A igualdade de gênero significa que mulheres, homens e pessoas não-binárias gozam do mesmo nível de reconhecimento e status dentro da sociedade e, portanto, igual acesso aos direitos humanos. Isso significa que nossas semelhanças e diferenças são reconhecidas e valorizadas igualmente para que cada um possa realizar todo o seu potencial humano. Em outras palavras, todas as pessoas podem participar, contribuir e se beneficiar do desenvolvimento nacional, político, econômico, social e cultural. O princípio central da igualdade de gênero é que as diferenças entre mulheres e homens não devem ter um impacto negativo nas suas condições de vida, nem devem impedir o compartilhamento igualitário do poder em todos os aspectos da vida e o acesso aos seus direitos.

Nos últimos sete anos, a ONU tem promovido o uso do princípio da igualdade substantiva. Este conceito é muito importante, pois além de incluir o princípio jurídico e de direitos humanos de que todas as pessoas são iguais, ele se concentra em avaliar se todas as pessoas realmente têm acesso igual a todos os recursos. Para alcançar a igualdade substantiva para todas as pessoas, é necessário que os governos dos países implementem: 1) ações para alcançar a igualdade de oportunidades entre mulheres, homens e pessoas não-binárias, e 2) ações que corrijam as desigualdades de poder entre mulheres, homens e pessoas não-binárias. Para conseguir isso, são necessárias leis e políticas que garantam igualdade de acesso a recursos e oportunidades para mulheres, homens e pessoas não-binárias. Por exemplo, não só é importante que haja uma lei que reconheça que mulheres, homens e pessoas não-binárias têm o mesmo direito ao trabalho, mas também que haja condições para que mulheres, homens e pessoas não-binárias possam trabalhar, como, por exemplo, creches, transporte público, treinamento para o trabalho. Isto é importante porque os países da ALC têm leis que reconhecem a igualdade entre mulheres, homens e pessoas não-binárias, mas na realidade ainda existem muitas desigualdades que colocam as mulheres em situações de desvantagem.⁶

A importância do gênero na abordagem do CI

O CI é uma questão complexa causada por muitos fatores diferentes, que chamamos de “causas estruturais” deste problema e que podem variar de país para país e também de comunidade para comunidade, bem como ao longo do tempo dentro da mesma comunidade ou contexto, desde o sistema econômico neoliberal até a legislação que permite que estas uniões ocorram. No diagrama seguinte podemos ver os diferentes determinantes de gênero e podemos perceber que o gênero é um determinante-chave, que se expressa desde o sistema patriarcal até a desigualdade de oportunidades para as meninas.

6. Facio, A., Morgan, M., 2009, Equity or Equality for Women? Understanding CEDAW's Equality principles [Equidade ou igualdade para as mulheres? Entendendo os Princípios de Igualdade da CEDAW]: <https://www.law.ua.edu/pubs/lrarticles/Volume%2060/Issue%205/faciot.pdf> (Consultado: agosto, 2020.)



Fonte: López, E., 2020, *Girls Not Brides*.

Podemos analisar as causas estruturais que resultam no CI por grupos: desigualdade de gênero, valores culturais e tradição; insegurança e violência; falta de acesso a oportunidades e pobreza; falta de informação e educação; falta de marcos regulatórios que protejam as crianças e falta de implementação das regulamentações existentes.

O patriarcado e a desigualdade de gênero

- O patriarcado ou sistema patriarcal é aquele onde os homens dominam as esferas públicas e privadas e onde as mulheres são consideradas cidadãos de segunda classe, dependentes dos homens, sem poder, autoridade nem recursos. Este sistema patriarcal é predominante em nossas sociedades na América Latina e o Caribe. Esta supervalorização do masculino sobre o feminino é o que gera desigualdades de gênero e estas são as causas diretas do CI. As meninas, adolescentes, jovens e mulheres na sociedade são subvalorizadas. Os meninos são frequentemente considerados de maior valor para a família devido ao seu futuro papel como fornecedores e ao potencial de maior renda.
- Em muitas comunidades onde o CI é praticado, meninas e adolescentes mulheres são menos valorizadas quanto os meninos e são muitas vezes consideradas um fardo extra para a família. Permitir a união de uma filha menor pode ser visto como uma forma de reduzir as preocupações das famílias de baixa renda, transferindo este “fardo” para a família de seu cônjuge.

- O CI está intimamente ligado ao patriarcado e ao controle da sexualidade feminina, o que inclui o controle sobre como uma menina deve se comportar, como ela deve se vestir, quem ela pode ver e a quem ela vai se unir; geralmente é controlada por seu pai ou por outros homens da família ou da comunidade. A virgindade é altamente valorizada e acredita-se essencial para protegê-la e mantê-la, pois está associada à honra da família e à pureza da menina. As meninas e adolescentes que fazem sexo ou engravidam fora do casamento são vistas como membros que trazem vergonha e desonra para a família.
- Um dos valores mais fortes do patriarcado é a heteronormatividade, que só reconhece como válidas as relações erótico-afetivas estabelecidas entre um homem e uma mulher.
- Crianças com diferentes orientações sexuais ou identidades de gênero não são apenas discriminadas, mas também pressionadas a corrigi-las. Uma forma de correção é a união ou casamento precoce forçado entre pessoas de diferentes sexos.

Valores culturais e tradição

- Em muitas comunidades, o CI é um costume considerado parte de uma tradição ou cultura maior, ou mesmo de uma religião, que tem persistido por gerações.
- Em algumas comunidades, por exemplo, quando uma menina começa a menstruar, ela se torna uma mulher aos olhos da comunidade. O casamento é considerado o próximo passo para forjar seu status de esposa e mãe, independentemente de sua idade.
- Outras práticas tradicionais prejudiciais às meninas e adolescentes são frequentemente associadas ao CI, como a mutilação genital feminina, que é considerada um rito de passagem para “ser mulher” e é praticada para garantir que a menina seja considerada “limpa”.

Embora a prática do CI esteja enraizada na tradição e na cultura, estes costumes são criados pela cultura patriarcal e podem, portanto, ser transformados. É possível respeitar as práticas e tradições culturais, ao mesmo tempo em que se promovem mudanças para acabar com as práticas que são prejudiciais para meninas e adolescentes.

Insegurança e violência

- Insegurança e violência como assédio sexual, abuso sexual e tráfico sexual são causas importantes, pois as famílias acreditam que unir suas filhas cedo é uma forma de proporcionar segurança.
- Em países em guerra, vivendo conflitos armados e sofrendo deslocamento forçado, meninas e adolescentes correm alto risco de serem assediadas ou atacadas física ou sexualmente. Em regiões inseguras, seus guardiões estão frequentemente convencidos de que unir suas filhas é a melhor maneira de protegê-las do perigo.
- A realidade é que as meninas e adolescentes unidas enfrentam riscos muito maiores de violência e têm menos poder para exercer seus direitos, especialmente em relação a seus cônjuges e suas famílias.

Falta de oportunidade e pobreza

- Em comunidades com altos níveis de pobreza, as famílias (às vezes até mesmo as próprias meninas e adolescentes) acreditam que unir-se cedo é uma solução que as ajudará a garantir seu futuro. Isto permite que suas famílias reduzam as despesas, pois têm uma pessoa menos para alimentar, vestir e educar.

- Em comunidades onde um dote é costume ou um “valor pela noiva” é pago, este dinheiro é bem-vindo como renda econômica para famílias de baixa renda. Nos casos em que a família da noiva paga um dote ao noivo, muitas vezes eles têm que pagar menos se a noiva for muito jovem e sem instrução, então as famílias escolhem as uniões precoces para reduzir o custo do dote.
- A economia tem um grande impacto sobre as atitudes em relação à prática do CI, porque meninas e adolescentes são consideradas como economicamente dependentes, não como pessoas geradoras de renda. Mas é importante lembrar que a longo prazo esta prática perpetua o ciclo da pobreza, pois as meninas e adolescentes que se unem mais jovens não receberão uma boa educação ou não farão parte da força de trabalho remunerada.

Falta de informação e educação

- Muitas pessoas, particularmente meninas, adolescentes e mulheres jovens, não conhecem seus direitos ou como exercê-los.
- Ir à escola ou obter níveis mais altos de educação ajuda a proteger meninas e adolescentes da possibilidade de CI e contribui para seu empoderamento ao torná-las conscientes de seus direitos. Em muitos países, ainda se acredita que educar meninas é menos importante do que educar meninos.
- Quando se acredita que o papel mais importante de uma mulher é ser esposa, mãe e dona de casa, a educação das meninas e a preparação para a vida profissional não são consideradas uma prioridade. Muitas vezes, quando as famílias querem enviar suas filhas à escola, elas não têm acesso a escolas de qualidade nas proximidades, assim como os meios econômicos para cobrir os custos desta educação. Muitas vezes é considerado mais seguro e economicamente mais lucrativo investir os recursos limitados de uma família na educação de meninos em vez de meninas.
- O CI também é o resultado de uma falta de conhecimento por parte das famílias, comunidades e das próprias meninas e adolescentes sobre as leis e políticas nacionais e os direitos das crianças e das mulheres. Muitas pessoas desconhecem as convenções internacionais de direitos humanos ou como ter seus direitos protegidos e respeitados.

Falta de marcos regulatórios e implementação dos regulamentos existentes

- O CI é ilegal em muitos países, mas a lei tem muitos desafios para não ser distorcida ou para ser implementada em diferentes contextos. Por exemplo, podem ser incluídas exceções à lei, como a permissão dos tutores para ir contra as decisões de meninas e adolescentes. As leis estão sujeitas a interpretações diferentes ou díspares que servem para perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres.
- Em muitos países, a idade mínima para casar é menor quando se aplicam costumes ou práticas religiosas, o que é contrário às leis civis nacionais e aos acordos internacionais de direitos humanos. Muitos países carecem de legislação sobre esta questão ou de meios para fazer cumprir as leis e também têm estruturas de governança muito fracas. Portanto, as leis são importantes, mas não são suficientes em si mesmas; é importante incluir políticas que abordem o CI e promovam mudanças nas normas sociais das comunidades para promover a igualdade de gênero.

Por que trabalhar com homens jovens quando abordamos a questão do CI?

Meninos e adolescentes também se unem antes dos 18 anos; mais de 156 milhões de homens vivos estão nessa situação. Mas as meninas e adolescentes são desproporcionalmente afetadas pelo CI; quase sete vezes mais do que seus pares masculinos. É importante lembrar que os adolescentes e os jovens são tanto vítimas do CI quanto agentes de mudança.

Pesquisas recentes mostraram que o envolvimento de homens, jovens, adolescentes e meninos é fundamental para promover a igualdade de gênero. Para melhorar a igualdade de gênero, é importante que homens, jovens, adolescentes e meninos mudem suas atitudes e práticas em relação a seus pares do sexo feminino. Se quisermos abordar o CI, os homens devem desempenhar um papel fundamental nesse sentido. É crucial que eles entendam e sejam sensibilizados para esta prática prejudicial. Deixando-os fora de qualquer iniciativa, apenas podemos enfrentar as consequências negativas experimentadas por mulheres jovens, adolescentes e meninas. O principal problema, ou seja, o desequilíbrio de poder na relação entre homens e mulheres, permanecerá o mesmo.

Para abordar o CI, devemos compreender os papéis culturais e de gênero que contribuem para esta prática em uma sociedade determinada. Em muitos países, homens, jovens, adolescentes e meninos são socializados para assumir o papel de provedor familiar, para ser dominantes e para tomar a maioria das decisões familiares. As mulheres são educadas para realizar tarefas domésticas: cozinhar, limpar, ter filhos e cuidar deles.

Isso requer questionar o papel de todas as pessoas na sociedade e trabalhar duro para mudar normas e comportamentos sociais em todos os níveis: pais, mães, irmãs, irmãos, cônjuges, autoridades comunitárias, lideranças religiosas, pessoas responsáveis pela tomada de decisões, etc. Para que esta prática nociva termine, todos nós devemos trabalhar juntamente, contar com o apoio de todos os homens/jovens/adolescentes/meninos que sabem que esta prática é nociva e injusta e trabalhar em conjunto para persuadir quem ainda não sabe. É importante envolvê-los na abordagem do casamento infantil porque:

- O CI não é exclusivamente sobre mulheres e meninas.
- Como tomadores de decisão e parceiros potenciais, meninos e homens de todas as idades são centrais em qualquer esforço para resolver a questão.
- Os líderes religiosos e comunitários são os principais tomadores de decisão nas comunidades onde o CI é comum. Envolver e educar os homens é a chave para mudar a atitude de uma comunidade em relação a essa prática.
- As expectativas sociais do que significa ser homem ditam como os meninos e os homens se comportam.
- Os meninos e os homens devem questionar os papéis de gênero.
- Papéis, tais como pai, marido, filho e irmão, devem caminhar para uma maior empatia e não-violência, bem como para a tomada de decisões compartilhadas e para as tarefas domésticas.

- Os meninos e os homens geralmente não têm espaço para questionar estas normas.
- Os meninos e os homens têm uma influência direta sobre a vida de seus pares do sexo feminino.
- Se não os envolvemos, então não podemos fazer diferença em um assunto tão sensível como o CI.
- Os meninos e os homens devem conhecer os direitos das meninas e entender que o CI pode ser prejudicial à sua saúde e felicidade, além de ser destrutivo para as famílias.

O que é análise de gênero?

A análise de gênero é uma forma de investigar e identificar as principais características que geram ou reforçam a desigualdade de gênero. Isto é importante para compreender as razões e causas da desigualdade de gênero e, posteriormente, para tratá-las e transformá-las.

A análise de gênero serve para compreender as desigualdades entre homens e mulheres. Ajuda a identificar, compreender e explicar as brechas que existem na casa, na comunidade e no país entre homens e mulheres. Ela ajuda a localizar como essas diferenças de gênero e relações de poder impactam (e muitas vezes reforçam) o CI. É um método de pesquisa que leva em conta os diferentes níveis de poder que possuem mulheres e homens, suas diferentes necessidades, restrições e oportunidades, e o impacto dessas diferenças em suas vidas.

Ao realizar uma análise de gênero, há cinco questões principais que você pode levar em consideração para compreender o papel ou a posição de homens e mulheres:

- Leis, políticas públicas e normas sociais.
- Práticas culturais e crenças.
- Os papéis de gênero e as responsabilidades e o tempo dedicado a cada um deles.
- Acesso a recursos ou controle sobre os mesmos.
- Dinâmica do poder e da tomada de decisões.

A análise de gênero é utilizada para coletar, analisar e interpretar informações sobre uma dada situação, levando em conta os papéis, responsabilidades, necessidades e oportunidades que as meninas e meninos/mulheres e homens têm. O seu objetivo é:

- Identificar as diferenças entre os grupos.
- Entender por que essas diferenças existem.
- Incluir na análise as ações/questões específicas que influenciam o CI.

Algumas perguntas que devemos considerar ao fazer uma análise de gênero focada em CI são:

Que grupos de meninas e adolescentes, em particular, estão sendo afetados?

Quem são as mais vulneráveis?

Quantos anos têm as meninas e adolescentes quando se unem?

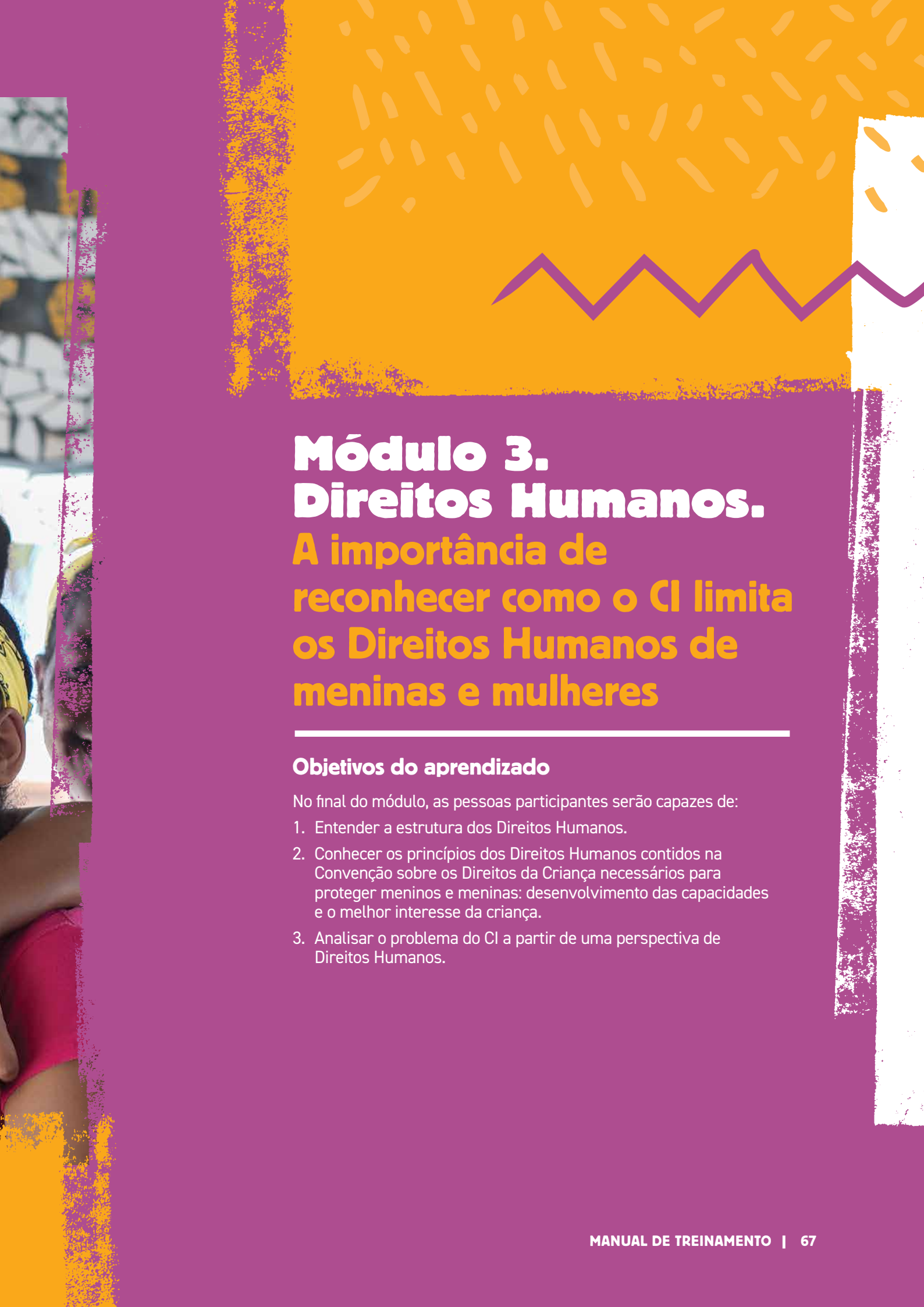
Frequentam ou não a escola?

Fazem parte de um grupo historicamente excluído ou marginalizado dentro da comunidade?





Jovens mulheres participam de atividades para acabar com a pobreza geracional através da educação e do empoderamento com a Fundação Mariposa, República Dominicana. Foto: *Girls Not Brides*/Fran Afonso.



Módulo 3.

Direitos Humanos.

A importância de reconhecer como o CI limita os Direitos Humanos de meninas e mulheres






Objetivos do aprendizado

No final do módulo, as pessoas participantes serão capazes de:

1. Entender a estrutura dos Direitos Humanos.
2. Conhecer os princípios dos Direitos Humanos contidos na Convenção sobre os Direitos da Criança necessários para proteger meninos e meninas: desenvolvimento das capacidades e o melhor interesse da criança.
3. Analisar o problema do CI a partir de uma perspectiva de Direitos Humanos.

Módulo 3 – Sessão 3.1

O que são os Direitos Humanos?

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessários
3.1 O que são os Direitos Humanos?	Entender o que são os Direitos Humanos e como o Estado garante e protege esses direitos	1. Tempestade de ideias sobre Direitos Humanos	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart em branco • Marcadores • Fita adesiva
	Conhecer e discutir os princípios dos direitos da infância, o desenvolvimento das suas capacidades e o melhor interesse da criança	2. Ver a apresentação sobre Direitos Humanos, os princípios dos direitos da infância e o desenvolvimento das capacidades e o melhor interesse da criança	30 min	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação • Ficha informativa sobre Direitos Humanos e CI

Tempo total: 1 hora

Atividade 1. Tempestade de ideias sobre Direitos Humanos

Instruções:

Com esta atividade, você apresentará às pessoas participantes o tema dos Direitos Humanos. Embora o tema seja muito amplo, o importante é que adquiram informações básicas sobre o assunto. Abaixo estão as instruções para esta atividade:

1. Peça às pessoas participantes que se dividam em grupos para este trabalho. Uma vez divididos em equipes, peça-lhes que tentem responder as seguintes perguntas:

O que são Direitos Humanos?

Que Direitos Humanos conhecem?

Quem é responsável pela proteção dos Direitos Humanos?

Que Direitos Humanos têm as pessoas que são menores de idade?

Peça-lhes que escrevam suas respostas em um flipchart. Dê-lhes 15 minutos para esta atividade.

2. Quando tiverem terminado de escrever suas respostas, peça-lhes que coloquem seus flipcharts em um lugar onde todos possam vê-los.
3. Peça a cada equipe que compartilhe suas respostas com o resto do grupo. Permita que pessoas de outras equipes comentem ou façam perguntas sobre o que cada equipe fez.

4. Uma vez que cada equipe tenha se apresentado, pergunte se ficou alguma dúvida. Esclareça as perguntas que fizerem, mas informe que a próxima atividade é assistir a uma apresentação sobre Direitos Humanos, princípios importantes para as pessoas menores de idade e para quem é responsável pela proteção desses direitos.

Atividade 2. Veja a apresentação sobre Direitos Humanos, os princípios dos direitos da infância e o desenvolvimento das capacidades e o melhor interesse da criança

Instruções:






Para esta atividade é necessário preparar uma apresentação sobre o que são os Direitos Humanos, os princípios dos direitos da infância e o desenvolvimento das capacidades e o melhor interesse da criança, assim como os órgãos encarregados de proteger estes direitos.

1. Prepare a apresentação com antecedência, utilizando a definição de conceitos para este módulo, bem como a folha de trabalho sobre Direitos Humanos e CI.
2. Apresente o material preparado às pessoas participantes e permita que façam perguntas sobre o mesmo.
3. Conclua a sessão dizendo que a estrutura dos Direitos Humanos é muito ampla, mas é importante saber que todas as pessoas têm direito a todos os direitos, e que os direitos mudam de acordo com as mudanças nas sociedades, reconhecendo os direitos de grupos, indivíduos ou comunidades que foram deixados de fora. É difícil viver plenamente todos os direitos, mas devemos trabalhar todos os dias para que isso aconteça. A estrutura internacional de Direitos Humanos, embora não seja perfeita, é uma ferramenta que temos no âmbito global para trabalhar pela melhoria da vida de todas as pessoas.



Módulo 3 – Sessão 3.2

CI e Direitos Humanos

 Número de sessão	 Objetivos de la sesión	 Actividades de cada sesión	 Tiempo requerido	 Materiales requeridos
3.2 CI e Direitos Humanos	Analisar quais Direitos Humanos são afetados pelo CI	1. Conhecer a história de Romina	30 min	<ul style="list-style-type: none">Folha de trabalho da história de RominaMarcadores

Tempo total: 30 minutos

Atividade 1. Conhecendo a história de Romina

Instruções:

Nesta atividade, você vai pedir às pessoas que estão participando do workshop que analisem, utilizando a estrutura dos Direitos Humanos, a história de uma jovem mulher que viveu uma união precoce:

- Peça-lhes que se dividam em equipes. Uma vez que estejam em suas equipes de trabalho, dê-lhes a folha de trabalho “A história de Romina”.
- Instrua a equipe a ler a história de Romina e a discutir as seguintes questões:
 - Que circunstâncias levaram Romina a uma união precoce?
 - Pensando na interseccionalidade, que estruturas sociais foram aquelas que colocaram Romina em vulnerabilidade para viver uma união precoce?
 - Que aspectos das circunstâncias que Romina viveu estão relacionados ao patriarcado e aos papéis tradicionais de gênero?
 - Quais direitos humanos foram violados ou não foram plenamente vivenciados por Romina?
 - Que direitos humanos ainda são violados mesmo depois de viver uma união precoce?

Dê 15 minutos para que leiam o caso e discutam as questões. Peça-lhes que tomem notas em suas folhas de trabalho.

- Uma vez que tenham discutido em equipes, peça-lhes que compartilhem suas discussões com o resto do grupo. Dependendo de quanto tempo ainda reste, você pode pedir a todas as equipes que apresentem ou apenas a algumas delas. Permita que as pessoas participantes façam perguntas ou que expressem dúvidas.

4. Finalmente, mencione que é importante entender como todos os tópicos vistos dentro do workshop estão relacionados. A interseccionalidade nos permite ver múltiplos aspectos de nossa identidade e condições socioeconômicas que determinam nossas experiências de vida. O gênero, como um desses eixos de identidade, é um fator determinante do CI, uma vez que a construção do gênero nas sociedades patriarcais e heteronormativas controla a vida e o corpo das mulheres, incluindo suas relações erótico-afetivas, assim como suas oportunidades de vida. Finalmente, o marco dos Direitos Humanos nos permite identificar muito claramente quais aspectos de nossas vidas podem ser melhorados, tais como o acesso à educação, o empoderamento econômico, a alimentação e uma moradia digna. No final das contas, a intersecção das estruturas de poder, incluindo as construções tradicionais de gênero e as violações sistemáticas dos Direitos Humanos, estão fortemente relacionadas e aumentam as chances de uma união precoce e forçada ou casamento infantil. Embora tenhamos trabalhado em análises diferenciadas para entender melhor os conceitos, quando uma menina ou adolescente vive um casamento ou união infantil precoce e forçada, ela o vive como consequência da pobreza e da violência, bem como por causa das construções tradicionais de gênero, que resultam em uma série de violações de seus Direitos Humanos, como a falta de acesso à educação ou a serviços de saúde sexual e reprodutiva.



Módulo 3: Materiais Didáticos de Apoio

1. Folha de trabalho: A História de Romina
2. Ficha informativa: Direitos Humanos e CI

Folha de trabalho: A História de Romina

Romina nasceu e foi criada em uma pequena cidade no norte do Brasil. Romina tinha três irmãos mais novos. Quando ela era pequena, seu pai saiu de casa, deixando a família em uma situação financeira precária. Eventualmente, sua mãe voltou a se casar. Quando Romina se tornou adolescente, seu padrasto começou a assediá-la e, em uma ocasião, abusou sexualmente dela. Romina tinha muito medo do que aconteceu, mas não queria acusar seu padrasto com sua mãe, porque a família tinha problemas financeiros e às vezes não havia nem dinheiro suficiente para comer, e ela não queria deixar a família sem a renda do padrasto. Romina parou de estudar e começou a trabalhar na limpeza de casas aos 14 anos de idade. Naquela época ela conheceu um amigo que a ensinou a cheirar solvente como uma forma de lidar com a fome. Com o grupo de amigos que usavam o solvente, Romina começou a “namorar” vários meninos e com alguns ela começou a ter relações sexuais. Em uma ocasião, quando ela estava com o grupo de amigos, João, que tinha 24 anos, chegou para oferecer-lhes outras drogas. A partir de então, João e Romina iniciaram um relacionamento. Após alguns meses, Romina ficou grávida. João lhe propôs que morassem juntos e ela aceitou, pensando que isso a ajudaria a sair de casa e deixar de ser assediada por seu padrasto. Com a gravidez, Romina deixou de usar solvente e também deixou de trabalhar. João decidiu que ia parar de vender drogas e procurar trabalho na construção civil. Os dois fizeram estas mudanças porque acreditavam que, como iam ter um filho e já estavam vivendo juntos, tinham que se comportar como adultos.

Durante sua gravidez, Romina sofreu diferentes maus-tratos nos serviços de saúde, pois as pessoas que a atenderam a criticaram por ser tão jovem e estar grávida. Ela nunca recebeu informações sobre como evitar outra gravidez, apesar de Romina não querer ter mais filhos imediatamente. Quando o bebê nasceu, Romina tentou voltar à escola, mas não foi autorizada a entrar no sistema normal porque não queriam que ela influenciasse suas colegas negativamente. Romina ficou grávida uma segunda vez, mas decidiu interromper sua gravidez porque estavam passando por muitos problemas financeiros. Ela também decidiu terminar seu relacionamento com João porque ele voltou a vender drogas. Ela procurou ajuda para interromper sua gravidez e encontrou um grupo de jovens feministas que a ajudou a fazê-lo com segurança e lhe forneceram informações sobre contracepção. O grupo também a ajudou a matricular-se em uma escola de adultos para terminar os estudos e a conseguir um emprego e uma creche para seu filho.

Romina tem atualmente 20 anos de idade, seu filho tem quatro anos de idade, ela terminou o ensino médio e está pensando fazer um curso técnico. Ela também se tornou um membro ativo do grupo juvenil feminista que a ajudou e ajuda outras meninas e adolescentes que estão passando por situações semelhantes à dela.

Perguntas para discussão sobre a história de Romina:

Que circunstâncias levaram Romina a uma união precoce?

Pensando na interseccionalidade, que estruturas sociais foram aquelas que colocaram a Romina em uma união precoce?

Que aspectos das circunstâncias que Romina viveu estão relacionados ao patriarcado e aos papéis tradicionais de gênero?

Quais Direitos Humanos foram violados ou não foram plenamente vivenciados por Romina?

Quais foram as consequências na vida de Romina da união precoce?

Que Direitos Humanos continuaram a ser violados mesmo depois de uma união precoce?

Como Romina conseguiu sobreviver apesar das adversidades?



Módulo 3: Fichas informativas

Direitos Humanos e CI

O que são Direitos Humanos?

Os Direitos Humanos são princípios e normas que reconhecem e protegem a dignidade de todas as pessoas, regem a forma como as pessoas vivem na sociedade e se relacionam umas com as outras, bem como sua relação com o Estado e as obrigações que os Estados têm para com as pessoas que vivem em seu território. A estrutura dos Direitos Humanos visa ser universal, ou seja, permitir que todas as pessoas no mundo possam exercer e experimentar todos os Direitos Humanos.

Os diferentes Direitos Humanos estão contidos em vários documentos chamados convenções e acordos internacionais, que são acordados durante as reuniões da Assembleia Geral das Nações Unidas. Para que estas convenções e acordos se tornem obrigatórios, ou seja, se tornem lei nos países que assinam os acordos, são necessárias duas etapas: 1) a assinatura e, 2) a ratificação dos tratados e acordos. A assinatura ocorre quando representantes do governo em reuniões globais firmam sua adesão ao tratado ou acordo que está sendo discutido na reunião. A ratificação ocorre quando o congresso, assembleia legislativa ou parlamento de cada país ratifica a assinatura do acordo, ou seja, aceita que o país irá aderir ao tratado ou convenção.

Quando um Estado assina e ratifica um tratado ou convenção internacional de Direitos Humanos, ele se torna lei interna. O Estado deve implementar mudanças, incluindo leis e políticas, para garantir e proteger o exercício de todos os Direitos Humanos das pessoas que residem em seu território. O Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas é um órgão intergovernamental formado por 47 países eleitos dentre todos os países que compõem a Assembleia Geral das Nações Unidas (193 países). Este conselho tem a responsabilidade de promover e proteger os Direitos Humanos no mundo.

Os Direitos Humanos têm quatro características muito importantes:

- Eles são universais e inalienáveis: todos têm direito a todos os direitos, independentemente da idade, local de nascimento, sexo, raça ou qualquer outra característica pessoal. Ninguém pode tirar os direitos de outra pessoa. Há algumas exceções, como as pessoas que estão na prisão. Elas perdem seu direito ao livre trânsito e, em alguns lugares, perdem seu direito à participação política, como votar em seus líderes, mesmo depois de serem libertados.
- Eles são interdependentes e estão inter-relacionados: o cumprimento de um direito depende do cumprimento de outro direito. Ou seja, os direitos estão relacionados entre si, portanto, quando um direito é afetado, todos os outros direitos são afetados. Por exemplo, quando uma menina ou adolescente se casa e é proibida de continuar seus estudos, não só seu direito à educação é afetado, mas também outros direitos: quando ela deixa de estudar, as possibilidades de ter um emprego decente, participação política, acesso a serviços de saúde, entre muitas outras, são reduzidas.
- Eles são indivisíveis: não se pode ter direito a alguns direitos e não a outros, e também não há hierarquias de direitos, todos eles são importantes. No caso do direito de voto que as pessoas adquirem ao atingirem a maioria, as pessoas têm o direito, mas ele não pode ser exercido até chegar numa certa idade.

- Eles são históricos: os direitos mudaram ao longo dos anos e se adaptaram às necessidades e novas circunstâncias das sociedades, reconhecendo direitos de grupos ou comunidades que não haviam sido reconhecidos. Por exemplo, as mulheres ganharam o direito de voto em diferentes países ao longo do século 20.

Los siguientes tratados y convenciones son los más relevantes cuando trabajamos el tema de los MUITF:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos
- Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
- Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos
- Declaração sobre os Direitos dos Povos Indígenas
- Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial
- Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher
- Convenção sobre os Direitos da Criança
- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
- Convenção sobre Consentimento ao Casamento, Idade Mínima para Casamento e Registro de Casamentos
- Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de suas famílias
- Convenção Internacional para a Proteção de Todas as Pessoas contra o Desaparecimento Forçado

A lista dos Direitos Humanos inclui o direito a:

- Vida digna
- Trabalho digno
- Alimentação
- Moradia
- Educação
- Liberdade de pensamento, consciência e religião
- Viver uma vida livre de violência
- Liberdade de expressão
- Liberdade de reunião
- Lazer
- Seguridade Social
- Cultura
- Liberdade de movimento
- Não ser mantido em escravidão ou servidão

- Não ser torturado
- Ter um nome e uma nacionalidade
- Saúde
- Informação
- Aproveitar os avanços tecnológicos e científicos

Esta não é uma lista exaustiva. Para uma lista completa você pode visitar o site do Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos:

<https://www.ohchr.org/SP/ProfessionalInterest/Pages/UniversalHumanRightsInstruments.aspx>

Desenvolvimento das capacidades e o melhor interesse da criança⁷

A Convenção sobre os Direitos da Criança define, pela primeira vez, dois princípios fundamentais. **O desenvolvimento das capacidades** refere-se ao fato de que, à medida que as crianças crescem, elas adquirem experiências que lhes permitem amadurecer em diferentes aspectos de suas vidas. Através deste processo, as crianças, e mais tarde as pessoas adolescentes, exigem cada vez menos direção e orientação das pessoas adultas e aumentam sua capacidade de tomar decisões e assumir responsabilidades, sem negligenciar a proteção de seus direitos por parte do Estado.⁸

Para fazer a melhor transição possível para a vida adulta de crianças e adolescentes, elas precisam de diferentes níveis de proteção de seus direitos, bem como oportunidades de participação em suas vidas pessoais e sociais para que possam aprender a tomar decisões em várias áreas de suas vidas. É necessário um equilíbrio para respeitar suas decisões e promover sua independência, sem expô-las prematuramente às responsabilidades associadas à vida adulta, especialmente se essas responsabilidades tiverem um efeito negativo em suas vidas. Por exemplo, conforme meninas e meninos crescem até a adolescência, eles podem começar a tomar decisões sobre seu corpo e sexualidade livremente e sem violência, e gradualmente ganhar autonomia e a capacidade de tomar algumas decisões sem a necessidade de consultar suas famílias ou tutores, como o uso de contracepção. Entretanto, em muitos lugares, mesmo quando a lei permite que pessoas adolescentes solicitem serviços contraceptivos sem a autorização de suas famílias ou tutores, as pessoas que trabalham nos serviços de saúde consideram que não são suficientemente maduras e não lhes fornecem as informações ou serviços, chegando ao ponto de acusá-las com seus pais.

7. The Evolving Capacities of Children, 2005, UNICEF: <https://www.unicef-irc.org/publications/393-la-evoluci%C3%B3n-de-las-facultades-des-ni%C3%B1o.html>. Acesso: 3 de agosto de 2020.

8. Para mais informações sobre o desenvolvimento das capacidades e o respeito à autonomia dos adolescentes, favor rever o Comentário Geral do Comitê dos Direitos da Criança nº 20 de 2016 sobre a eficácia dos direitos da criança durante a adolescência: <http://docstore.ohchr.org/SelfServices/FilesHandler.ashx>

Deste equilíbrio surge o segundo princípio, que é **o melhor interesse da criança**. Nem o Estado nem as famílias ou tutores têm direitos ilimitados sobre a criança. É responsabilidade do Estado garantir, respeitar e proteger os Direitos Humanos das pessoas menores e, portanto, assegurar que as famílias ou tutores não afetem suas vidas tomando decisões que vão contra seus Direitos Humanos. Portanto, tanto o Estado como as famílias e tutores devem sempre fazer escolhas que tenham o maior benefício possível para as pessoas menores. Uma clara violação do princípio do melhor interesse da criança é o CI. Em muitos países da região, apesar da existência de legislação que proíbe o casamento de menores, esta legislação não é aplicada ou existem fundamentos ou isenções através dos quais a proibição do CI é revertida, tais como a autorização das famílias. Isto é particularmente grave quando a união é dada para supostamente proteger a pessoas menor de uma experiência de violência ou, pior, quando é a forma de remediar o fato de ter vivenciado a violência sexual e se resolve casando a menina, a adolescente ou a jovem com seu agressor.

O CI é e representa uma violação sistemática dos Direitos Humanos


Quando um Estado não protege as pessoas menores contra as uniões precoces, ele as coloca na posição de ter experiências para as quais ainda não estão preparadas biológica, social e economicamente. Em outras palavras, o princípio do desenvolvimento das capacidades é violado e o melhor interesse das crianças não é salvaguardado. As causas que levam uma menina, adolescente ou jovem a uma união ou casamento precoce e as consequências dessas uniões, derivam e trazem consigo uma série de violações dos Direitos Humanos.

Pobreza, violência estrutural e de gênero, abuso sexual, falta de educação, falta de informação sobre contraceptivos, relações de homens mais velhos com adolescentes ou meninas, são um reflexo da falta de garantias dos Estados em relação aos direitos básicos, como o direito à moradia, à alimentação, uma vida livre de violência, igualdade, educação, informação, educação sexual e saúde reprodutiva. Quando, além disso, meninas, adolescentes e jovens após o casamento não podem retornar à escola ou lhes são negadas informações sobre métodos contraceptivos, direitos como o direito à não discriminação ou acesso aos avanços tecnológicos e à saúde estão sendo violados.

Para resolver o problema dos CI, devemos abordar as desigualdades estruturais que geram todas essas violações dos direitos humanos. Além disso, devemos trabalhar para que todas as mulheres, meninas, adolescentes, jovens e adultas que tenham experimentado uma união precoce e as consequências negativas tenham a oportunidade de ter acesso a serviços e recursos que as ajudem a melhorar suas vidas, presentes e futuras.



Foto: © Princeakachi / Unsplash



Módulo 4: **Liderança e** **Participação** **Juvenil** **Ferramentas para** **Liderar Conversas** **Comunitárias sobre CI**

Objetivos de aprendizado

No final do módulo, as pessoas participantes serão capazes de:

1. Definir o que é a participação juvenil
2. Aprender estratégias para salvaguardar sua segurança quando trabalham para eliminar o CI.
3. Analisar a situação do CI utilizando o modelo socioecológico e identificar oportunidades para participar ativamente na abordagem do problema do CI.

Módulo 4 – Sessão 4.1

Participação Juvenil

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
4.1 Participação Juvenil	<p>Discutir o que é a participação juvenil e aprender sobre diferentes modelos, níveis e elementos-chave de participação</p> <p>Que as medidas de segurança para jovens ativistas sejam reconhecidas</p>	1. Definir o que é a participação juvenil	45 min	<ul style="list-style-type: none"> • Flipchart em branco • Marcadores • Fita adesiva • Folha de trabalho: Modelos para estudar os diferentes níveis de participação • Folha de trabalho: Análise de risco
		2. Aprenda como encontrar sua voz	30 min	
		3. Definir medidas de segurança para jovens ativistas	45 min	

Tiempo total: 2 horas

Atividade 1: Definindo a participação juvenil

Instruções:

Neste módulo, você apresentará às pessoas participantes o tema da participação juvenil. Dependendo das experiências prévias a este workshop, é possível que elas já tenham falado sobre estes tópicos antes, portanto é importante que às pessoas participantes compartilhem suas experiências para enriquecer o workshop e a experiência das outras pessoas.

1. Peça-lhes que se dividam em equipes. Quando já estiverem divididas, peça-lhes que façam uma tempestade de ideias e escrevam nos flipcharts o que consideram que significa a participação juvenil. Dê-lhes 10 minutos para pensar.
2. Uma vez terminado o exercício de tempestade de ideias, compartilhe que várias pessoas desenvolveram modelos de participação juvenil para entender o que é, como é implementado em programas e processos políticos e que discutirão alguns desses modelos. Distribua a folha de trabalho “Modelos de Participação Juvenil” e peça que a revisem como equipe e comparem os elementos de cada modelo com o que escreveram no flipchart. Dê-lhes 10 minutos para discutir os modelos.
3. Uma vez terminado seu trabalho, permita que cada equipe compartilhe o que trabalhou. Você pode usar as seguintes perguntas para orientar a discussão:
 - a. O que é a participação juvenil?
 - b. Como vocês decidiram, enquanto jovens, se tornar ativistas nas questões em que trabalham?
 - c. Que tipo de treinamento, coaching ou mentoring você obteve para realizar suas atividades como líder jovem?

- d. Como podemos garantir que as pessoas jovens estejam envolvidas de uma forma real e não apenas como complemento?

Você pode dedicar 15 minutos para a apresentação das equipes e para a discussão sobre o que é a participação juvenil. Uma vez terminada a discussão, encerre a atividade esclarecendo alguns conceitos sobre o que é a participação juvenil e como garantir que, ao promover a inclusão das juventudes, ela seja real e significativa. Para esta parte você pode usar as informações contidas na ficha informativa “Participação e Liderança Juvenil para abordar o CI”.

Mencione que a participação juvenil é fundamental para fazer avançar muitas questões de justiça social, pois muitas vezes as juventudes são diretamente afetadas por essas injustiças. Além disso, mesmo que as pessoas jovens não sejam diretamente afetadas por um problema, elas têm a energia e a criatividade para pensar em soluções para esses problemas e para pressionar por mudanças. A participação é um direito que as juventudes têm, inclusive as pessoas menores de idade, e deve ser garantido que sempre haja espaços e mecanismos que permitam sua participação.

Atividade 2: Aprender a encontrar sua voz

Instruções:

Esta atividade serve para oferecer às pessoas participantes um espaço para refletir sobre seu papel como agentes de mudança em suas comunidades, especialmente sobre como se tornar jovens ativistas para abordar o CI. O objetivo é criar confiança e convicção de que eles podem fazer algo a respeito desta questão e que suas ações podem fazer a diferença. Através deste exercício, as jovens mulheres podem pensar em como cada uma delas pode contribuir para ajudar coletivamente a criar um futuro onde o CI é reduzido.

1. Peça às pessoas participantes que se organizem em pares. Convide-as a escolher alguém com quem não tenham trabalhado antes.
2. Diga-lhe que agora vão realizar uma dramatização na qual cada pessoa assume o papel de um personagem em uma discussão. Alguém vai ser uma pessoa adulta influente na comunidade em que vive: por exemplo, pode ser um professor/professora ou uma pessoa líder comunitária. O outro personagem na discussão será uma pessoa jovem da comunidade.
3. A situação que eles vão representar é a seguinte: a pessoa adulta não acredita que o CI seja uma questão importante e também não acredita que as pessoas jovens sejam capazes de tomar medidas para reduzir com esta prática. Ela também acha que as pessoas jovens não devem interferir com este tipo de questão, pois é uma prática comunitária e tradicional. No entanto, a pessoa jovem acredita que a questão deve ser abordada, que a juventude deve ser envolvida para reduzir esta prática e que sua comunidade deve mudar.
4. Peça às equipes que dediquem 10 minutos a este exercício – cada um assumindo seu respectivo papel – para que cada personagem possa defender seus interesses a favor ou contra a participação juvenil para mudar esta questão.

5. No final da dramatização, peça que reflitam sobre as seguintes questões:
 - a. Que argumentos as pessoas adultas usaram para dizer que a juventude não deveria se envolver com esta questão?
 - b. Quais foram os argumentos da pessoa jovem?
 - c. Quem você acha que ganhou a discussão em sua equipe?
 - d. Como poderiam ter apresentado argumentos mais contundentes como jovens ativistas?
6. Agora peça que expressem como se sentem após este papel, demonstrando brevemente seus sentimentos. Se acreditam que a juventude pode tomar medidas para abordar o CI e que pode ser um agente de mudança eficaz, peça-lhes que fiquem de um lado da sala; se não concordarem, peça-lhes que fiquem do outro lado. Se algumas pessoas ainda acreditam que não pode e não deve se envolver nesta questão, peça-lhes que expliquem suas razões e as discutam com o grupo. É importante que elas se sintam capacitadas para realizar mudanças e que se vejam como agentes de mudança. Cada pessoa participante tem o poder de influenciar e mudar sua situação.

Atividade 3: Definição de medidas de segurança para jovens ativistas

Instruções:

Nesta sessão, você abordará a questão da segurança para jovens ativistas. Ao trabalhar com questões que são controversas em nossas sociedades, é importante saber cuidar de nós, tanto física como emocionalmente.

1. Comece a atividade com uma breve tempestade de ideias grupal. Pergunte o que vem à mente quando elas ouvem a palavra “risco”. Peça para uma pessoa tomar notas do que está sendo dito no flipchart. Dedique cinco minutos para esta atividade.
2. Após esta primeira tempestade de ideias, pergunte às pessoas participantes quais são os riscos que elas pensam que podem ter ao trabalhar na questão do CI. Registre as respostas no flipchart. Dê cinco minutos para esta atividade.
3. Uma vez terminada a tempestade de ideias, compartilhe com o grupo o que é um risco. Diga-lhes que um risco é algo que expõe uma pessoa a um dano, físico ou emocional, a uma perda ou a não alcançar algo que é esperado. Os riscos não são os mesmos para todas as pessoas, e a forma como cada pessoa vive o risco pode variar, dependendo de fatores tão complexos como o sexo, a orientação sexual, a raça, a idade, a presença de deficiências e outras condições. É importante poder avaliar o risco geral e os riscos potenciais envolvidos em qualquer iniciativa; isto pode ser tão simples quanto realizar uma reunião ou tão complexo quanto implementar um projeto para abordar o CI.



Quando você começa a planejar atividades, é importante fazer uma análise de risco para entender completamente o contexto no qual você está trabalhando, bem como os possíveis desafios que você pode enfrentar. Como ativistas que buscam abordar o CI, você estará questionando crenças, normas e valores culturais profundamente arraigados, por isso é importante que você reserve um tempo para escrever os riscos potenciais e pensar em como mitigar o impacto negativo desses riscos e, o mais importante, saber quando decidir que você não pode continuar com a atividade porque o risco é muito alto.

4. Agora peça às pessoas participantes que se dividam em equipes para realizar uma análise de risco de um estudo de caso. Entregue a folha de trabalho “Análise de Risco” para as equipes. Peça-lhes que sigam as instruções da folha de trabalho e usem a tabela nela contida para avaliar os possíveis riscos que o grupo de jovens do exemplo pode enfrentar e como mitigá-los ou preveni-los. Peça a cada equipe para discutir e completar a tabela em 10 minutos.
5. Quando o tempo acabar, comece uma discussão aberta para que cada equipe possa apresentar um dos riscos que encontrou e o que propôs para mitigá-lo. Passe 10 minutos nesta discussão.
6. Abra a discussão para refletir sobre os riscos pessoais enfrentados pelas pessoas participantes que trabalham em um tópico tão sensível como o CI. Peça-lhes que compartilhem com o grupo o risco que enfrentaram e como foram capazes de mitigá-lo ou evitá-lo. Para orientar esta última reflexão, você pode usar as seguintes perguntas:
 - O que vocês acham que enfrentarão quando se tornarem ativistas para abordar o tema do CI em suas comunidades?
 - Quais vocês acham que serão os riscos pessoais?
 - Como vocês acham que podem reduzi-los ou evitá-los?
 - Como vocês podem se apoiar mutuamente?
 - Que estratégias de cuidado, individuais e sociais, vocês podem implementar ao trabalhar na questão do CI em suas comunidades?

Se você ficar sem tempo para discutir estes temas com as equipes, peça-lhes que escrevam respostas para estas perguntas para que possam refletir sobre estas questões, mas certifique-se de que as perguntas sobre apoio e cuidados mútuos sejam discutidas.

Módulo 4 – Sessão 4.2

Análise socioecológica do CI para identificar níveis de participação e influência política

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessários
4.2 Análise socioecológica do CI para identificar níveis de participação e influência política	Analisar quais direitos humanos são afetados pelo CI	1. Conduzir um exercício de análise socioecológica	60 min	<ul style="list-style-type: none">Folha de trabalho: Análise Socioecológica de CIMarcadores

Tempo total: 1 hora

Atividade 1: Realizar uma análise socioecológica do CI para identificar níveis de participação e influência política

Instruções:

Nesta atividade, você ensinará às pessoas participantes a estrutura socioecológica para entender o CI.

1. Divida o grupo novamente em pequenas equipes de trabalho. Quando estiverem em suas equipes, apresente-lhes o marco socioecológico. Utilize as informações da folha de trabalho “Análise Socioecológico do CI”. Diga-lhes que a estrutura socioecológica é usada para fazer uma análise complexa e completa de um problema ou fenômeno social, pois mostra como diferentes níveis da sociedade influenciam a prevalência do problema ou fenômeno na sociedade. Dedique 10 minutos para esta apresentação.
2. Agora peça-lhes que usem a folha de trabalho para ver como cada nível do modelo socioecológico afeta a prevalência do CI, por exemplo, pergunte-lhes individualmente o que faz com que uma menina, adolescente ou mulher jovem decida se unir ou se casar. Faça uma tempestade de ideias para cada nível. Peça-lhes para replicar o modelo em um flipchart em branco para obter mais espaço. Dê-lhes até 20 minutos para anotar todas as suas ideias.
3. Uma vez terminada a tarefa, dê a cada equipe um par de minutos para apresentar sua análise socioecológica do CI. Dê 10 minutos para esta atividade.

4. Para a última parte da discussão, peça-lhes que pensem sobre o trabalho que já fazem como jovens ativistas. Diga-lhes para colocar uma marca (seja uma estrela ou uma cruz) no nível em que trabalham. Enquanto se levantam para colocar suas marcas nos diferentes níveis, peça para algumas pessoas que digam em voz alta o que estão fazendo. Alguns exemplos podem ser: “Educo pares sobre sexualidade”, “Trabalho com escolas primárias sobre questões de prevenção da violência”, “Trabalho com o setor da saúde para aumentar o acesso a contraceptivos”, etc. Dê-lhes cinco minutos para esta atividade.
5. Quando tiverem terminado, pergunte-lhes como e em que níveis da estrutura socioecológica poderiam começar a trabalhar no problema do CI. Você pode orientar a discussão usando as seguintes perguntas:
 - Como poderiam incorporar ao trabalho que já fazem a questão do CI?
 - Em que nível da estrutura socioecológica vocês se sentem mais à vontade para trabalhar e por quê?
 - Em que nível vocês gostariam de começar a trabalhar para prevenir o CI?
 - Que nível vocês consideram ser o mais importante para começar a trabalhar?
 - Que nível vocês consideram mais difícil para trabalhar em relação ao CI?
 - Que recursos e treinamento seriam necessários para trabalhar a questão do CI em cada nível?

Agradeça-lhes por participarem da discussão e permita que as pessoas participantes façam perguntas neste momento, se tiverem alguma.



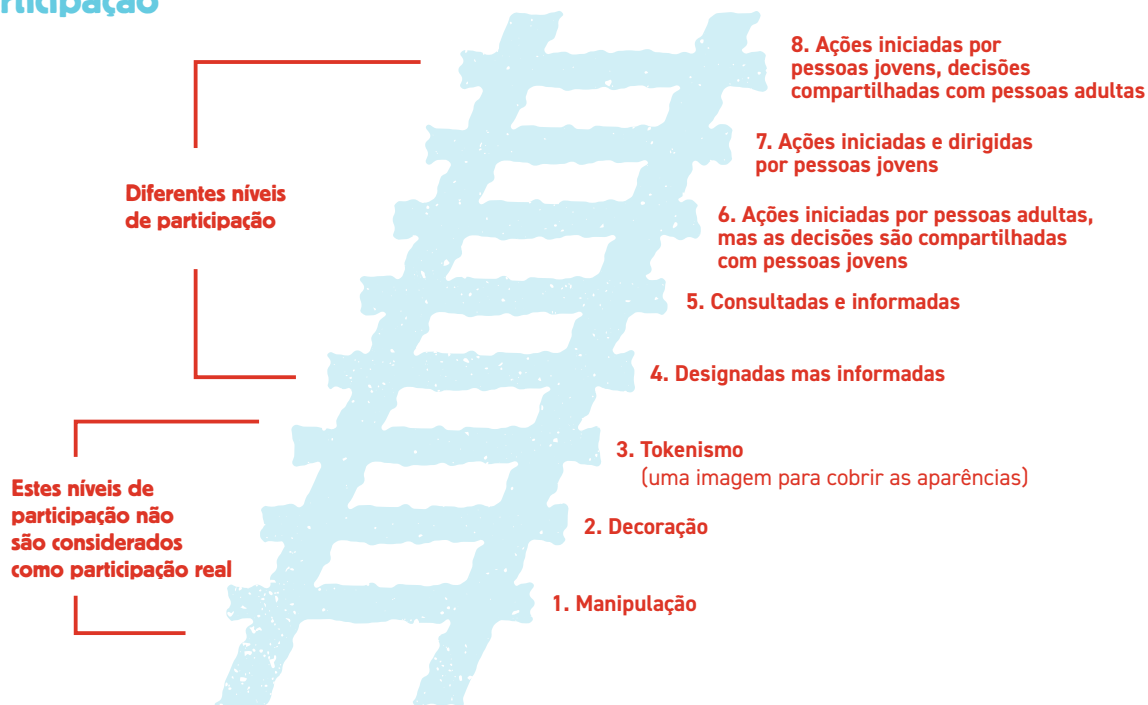
Módulo 4: Materiais Didáticos de Apoio

1. Folha de trabalho: Modelos para o estudo de diferentes níveis de participação
2. Folha de trabalho: Análise Socioecológica dos MUITFs
3. Folha de trabalho: Análise de risco

Folha de trabalho: Modelos para o estudo de diferentes níveis de participação

Diferentes modelos foram desenvolvidos para entender melhor o que é a participação juvenil e como ajudar às juventudes a implementá-la. A seguir, apresentamos um resumo de diferentes modelos:

Modelo: Escada de participação



Fonte: Hart, 1992

A escada de participação descreve os diferentes níveis que a participação pode ter. De acordo com este modelo, a participação tem oito níveis, desde a participação que é considerada “decorativa” até a participação em que tanto pessoas jovens como adultas participam de algum processo como iguais. Neste modelo, o último nível é o ideal de participação, mas veremos que, em outros modelos, este nível nem sempre é considerado como o melhor ou aquele a que devemos aspirar.

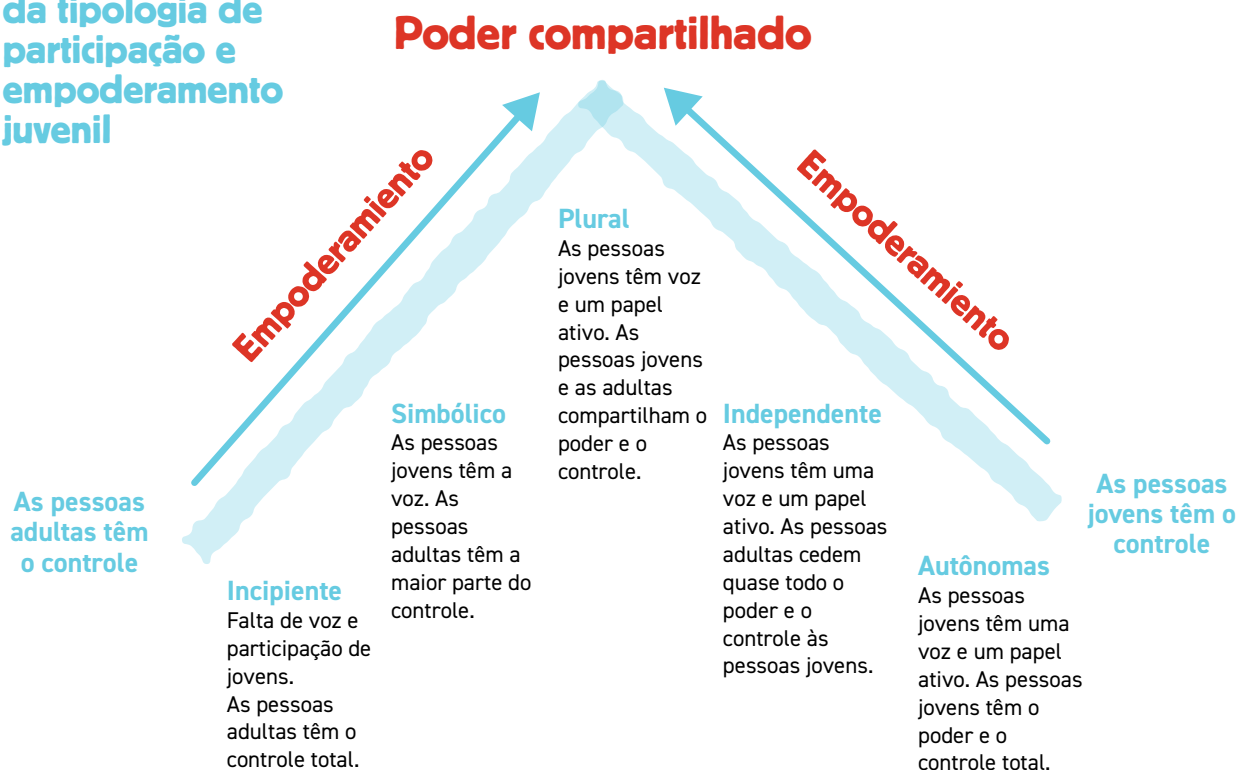
Modelo: Níveis de participação



Fonte: Treseder, 1997

Treseder faz uma iteração ou repetição do modelo da escada de Hart, mas elimina os três primeiros níveis que o próprio Hart não considera como participação real. Entretanto, em vez de colocar os níveis de participação de forma hierárquica, Treseder os coloca de forma circular, o que parece dar o mesmo valor a cada tipo de participação. O que Treseder faz é esclarecer cada forma de participação e isto permite que os programas e políticas que afirmam estar promovendo a participação juvenil façam uma avaliação um pouco mais objetiva do nível de participação que eles estão promovendo.

Modelo: Pirâmide da tipologia de participação e empoderamento juvenil



Fonte: Wong, et al, 2010

A pirâmide de tipologia de participação introduz a questão de poder e controle. Ela contrasta as pessoas adultas com as jovens, de modo que, em uma extremidade, as pessoas adultas têm controle total do processo e, na outra, as juventudes têm controle e poder total. De acordo com esta tipologia, os processos de participação vão desde ser receptoras de políticas e programas até serem autônomas e líderes com sua própria voz e poder. Na medida que se avança em direção a uma participação e colaboração mais autônoma com as pessoas adultas, ambos os grupos alcançam os processos de empoderamento.

Modelo P7: Uma ferramenta para imaginar, planejar, implementar e avaliar a participação juvenil



Fonte: Cahill & Dadvand, 2018

O modelo P7 é um dos mais recentes, se não o mais recente. Nele, os autores, além de considerarem a participação de pessoas adultas e jovens e discutir a questão do poder, trazem à mesa quatro questões fundamentais: a importância da diversidade entre as juventudes, a segurança das juventudes, o contexto no qual a participação deve ocorrer e o objetivo, ou seja, o que deve ser alcançado. Este modelo, embora pareça mais complexo, leva em conta muitos aspectos que na prática afetam o quanto as juventudes podem participar efetivamente e, o mais importante ainda, o quanto elas podem realmente impactar com suas ações.

Perguntas para discussão:

O que você acha dos diferentes modelos de participação?

Quais elementos dos diferentes modelos você achou mais importantes ou relevantes para seu trabalho?

Como você já experimentou seu próprio processo de participação juvenil?

Que elementos são necessários nestes modelos?

Qual seria seu modelo ideal de participação juvenil e o que é necessário para alcançá-lo?

Por que a participação juvenil é importante na questão do CI?

Que contribuições as juventudes podem dar à agenda para prevenir o CI e seu impacto na vida das mulheres jovens?

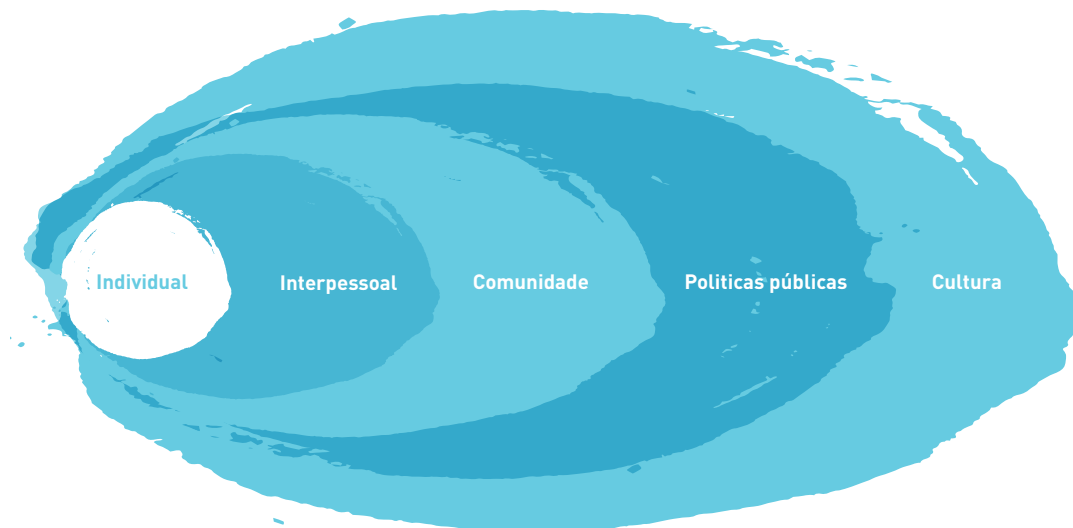
Folha de trabalho: Análise Socioecológica do CI

Instruções:

Revisar os diferentes níveis da estrutura socioecológica e pensar sobre quais fatores afetam ou estão relacionados com o CI. Você pode copiar o seguinte diagrama em um flipchart em branco e fazer uma tempestade de ideias sobre cada nível.

Utilize as seguintes perguntas como orientação:

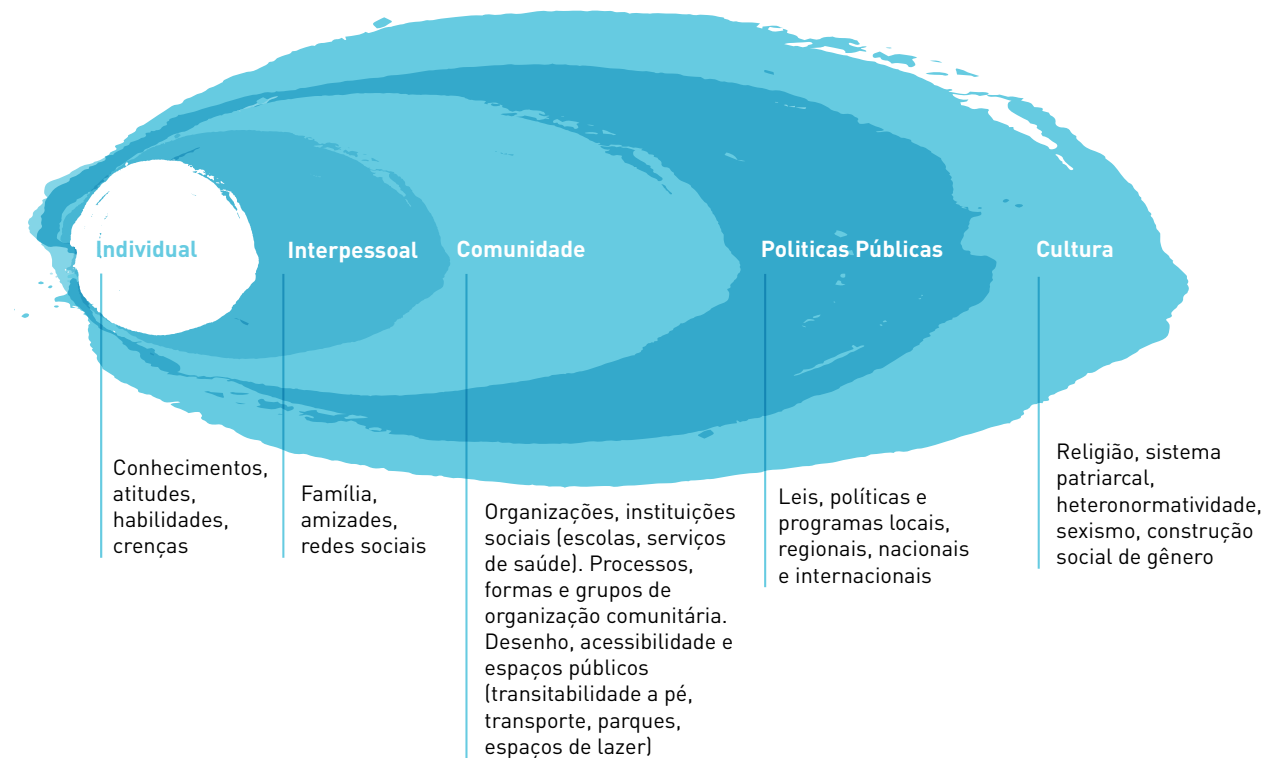
- Que fatores a nível individual influenciam se uma menina, adolescente ou mulher jovem decide (ou é forçada) viver com um par, seja união ou casamento?
- Que fatores a nível interpessoal, ou seja, família, amigos, redes sociais, influenciam meninas, adolescentes e jovens a se unirem ou se casarem?
- Quais condições a nível comunitário facilitam ou promovem o CI?
- Como as leis, políticas e programas influenciam a existência do CI?
- Como a cultura e os sistemas socioculturais influenciam a existência do CI?



Fonte: Glanz, K., Rimer, B.K. & Viswanath, K. (Eds.), 2008, Health Behavior and health education: theory, research and practice, John Wiley & Sons.

Agora pense sobre as ações ou atividades que você gostaria de implementar para abordar a questão do CI:

- Em que nível você tem experiência?
- Em que nível você gostaria de trabalhar?
- Lembre-se que você pode trabalhar na prevenção do CI, mas também pelas mulheres que passaram por um CI e sofreram as consequências adversas. Que tipo de trabalho é necessário para ajudar meninas, adolescentes, jovens e mulheres que experimentaram um CI?



Fonte: Glanz, K., et al, 2008

Folha de trabalho: Análise de risco

A avaliação de riscos é uma ferramenta que ajuda você a pensar nos possíveis riscos e desafios que podem surgir, assim como seus impactos, de forma sistemática e fundamentada. Também ajudará você a pensar em maneiras de limitar estes possíveis riscos e o que você pode fazer para prevenir, mitigar ou reconhecer quando o risco é muito alto e você não deve se colocar em perigo.

Para este exercício, leia o seguinte estudo de caso de um grupo de pessoas jovens e seu trabalho com o CI. Após a leitura do caso, preencha a tabela que é apresentada como proposta para fazer uma análise de risco.

Para utilizar a ferramenta em uma situação real, é necessário:

- Começar a avaliação de risco com bastante antecedência, antes de começar a planejar uma atividade.
- Fazer uma tempestade de ideias grupal para ter a certeza de cobrir todos os riscos possíveis que cada grupo possa enfrentar.
- Começar com a coluna da esquerda e perguntar quais são os possíveis riscos para cada atividade em seu plano estratégico. Depois você pode discutir e completar as outras quatro colunas.
- Priorizar os riscos, avaliando quais são mais prováveis de acontecer e quais são potencialmente mais severos do que outros.

Você também deve pensar em **INTERROMPER** uma atividade se:

- A probabilidade de um risco e sua possível gravidade e impacto são altos (por exemplo, se é muito provável que haja abuso físico ou verbal, ou se há risco de ferimentos).
- Não há serviços de apoio ou organizações parceiras que possam lhe fornecer conselhos ou apoio.

Estudo de caso:

Um grupo de seis pessoas jovens (duas mulheres e quatro homens) do Brasil criou um projeto que visa aumentar a conscientização sobre o impacto das uniões precoces em sua região. Eles são a equipe principal que desenvolveu o projeto e são responsáveis pela sua implementação, com a ajuda de um jovem colaborador. O grupo chega a uma comunidade onde nunca havia estado para realizar um projeto comunitário de conscientização sobre a prevenção de uniões precoces com crianças e adolescentes. A área que visitam é remota e a comunidade tem tido pouco contato com organizações externas. A área também tende a ter condições climáticas extremas durante o mês da visita. Um doador irá visitar a comunidade junto com o grupo de jovens para observar seu trabalho e preparar um relatório.



NOTA

As seguintes perguntas podem ser consideradas por pessoas que são educadoras de pares ou pessoas responsáveis por programas de alcance comunitário ao fazer análise de risco:

1. Quais são as atitudes locais em relação ao CI?
2. Quais são os papéis, normas e estereótipos existentes para meninas, meninos, mulheres e homens jovens?
3. Como a intervenção de sua organização ou grupo de jovens pode afetar diferentes pessoas na comunidade?
4. Que pessoas ou grupos podem se opor ao seu trabalho como ativista?
5. Qual é a sua estratégia para abordar estas questões?

Exemplo de como preencher a tabela:

Existe risco/ameaça potencial?	O que poderia acontecer?	Como você pode mitigar o risco?	Quem é a pessoa encarregada de impedi-lo?	Quando devem ser tomadas as medidas necessárias?
Reação negativa ou violenta na comunidade.	O líder religioso rejeita ou se torna muito agressivo.	Criar um espaço de diálogo aberto e seguro, onde você possa discutir seus pontos sem raiva nem retaliação. Por exemplo, isto poderia ser parte de um programa de rádio. Fale com pessoas que possam ser problemáticas antes do programa.	Esperança e Jacó.	Uma semana antes do programa de rádio.

Agora é sua vez

Existe risco/ ameaça potencial?	O que poderia acontecer?	Como você pode mitigar o risco?	Quem é a pessoa encarregada de impedi-lo?	Quando devem ser tomadas as medidas necessárias?

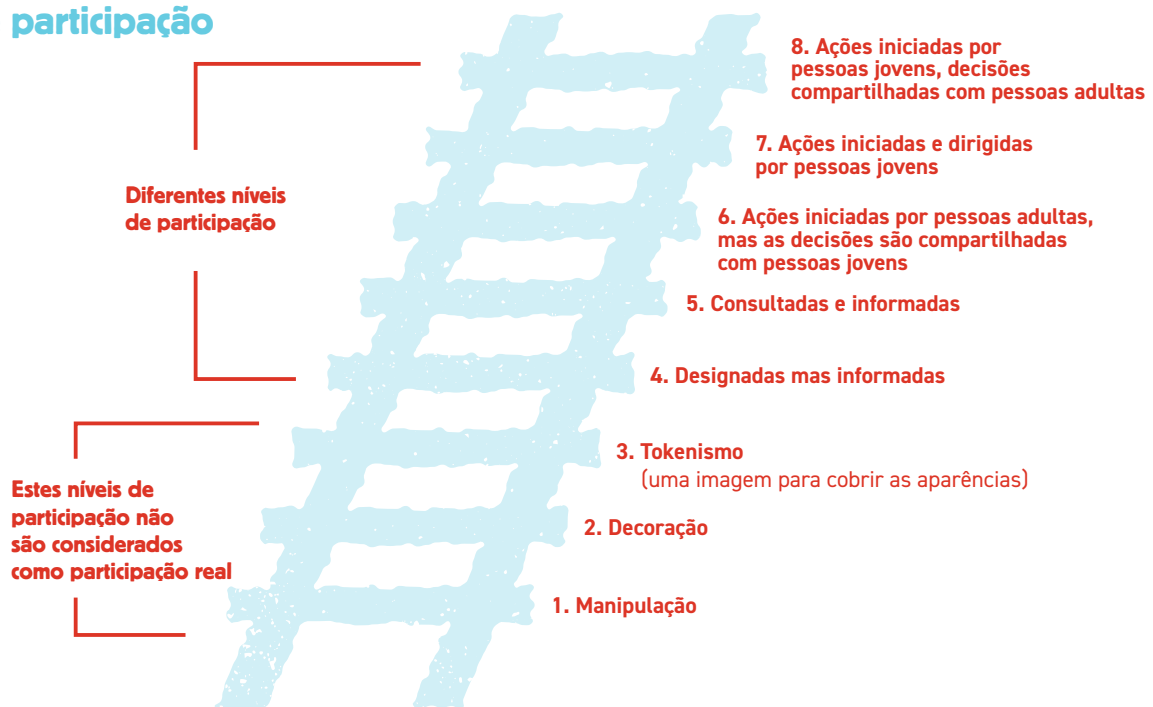
Módulo 4: Fichas informativas

Ficha Informativa: Participação e Liderança Juvenil para abordar o CI

A participação juvenil consiste em tomar parte ativa nos processos de elaboração, implementação e avaliação de leis, políticas e programas que afetam a sociedade em geral e às juventudes em particular. Além disso, a participação é um direito humano, civil e político (de votar em eleições) e um direito econômico, cultural e social (de participar no desenvolvimento de agendas e programas sociais). Algumas das formas concretas de participação são: buscar informação, expressar ideias, assumir um papel ativo em algumas das diferentes etapas do processo de criação de políticas públicas ou programas governamentais, ser informada e consultada sobre decisões de interesse público, particularmente sobre aspectos que as afetam diretamente, e ser capazes de tomar decisões sobre suas vidas e seus corpos.

Diferentes modelos foram desenvolvidos para entender melhor o que é a participação juvenil e como ajudar às juventudes a implementá-la. A seguir, apresentamos um resumo de diferentes modelos:

Modelo: Escada de participação



Fonte: Hart, 1992

A escada de participação descreve os diferentes níveis que a participação pode ter. De acordo com este modelo, a participação tem oito níveis, desde a participação que é considerada “decorativa” até a participação em que tanto pessoas jovens como adultas participam de algum processo como iguais. Neste modelo, o último nível é o ideal de participação, mas veremos que, em outros modelos, este nível nem sempre é considerado como o melhor ou aquele a que devemos aspirar.

Modelo: Níveis de participação



Fonte: Treseder, 1997

Treseder faz uma iteração ou repetição do modelo da escada de Hart, mas elimina os três primeiros níveis que o próprio Hart não considera como participação real. Entretanto, em vez de colocar os níveis de participação de forma hierárquica, Treseder os coloca de forma circular, o que parece dar o mesmo valor a cada tipo de participação. O que Treseder faz é esclarecer cada forma de participação e isto permite que os programas e políticas que afirmam estar promovendo a participação juvenil façam uma avaliação um pouco mais objetiva do nível de participação que eles estão promovendo.

Modelo: Pirâmide da tipologia de participação e empoderamento juvenil



Fonte: Wong, et al, 2010

A pirâmide de tipologia de participação introduz a questão de poder e controle. Ela contrasta as pessoas adultas com as jovens, de modo que, em uma extremidade, as pessoas adultas têm controle total do processo e, na outra, as juventudes têm controle e poder total. De acordo com esta tipologia, os processos de participação vão desde ser receptoras de políticas e programas até serem autônomas e líderes com sua própria voz e poder. Na medida que se avança em direção a uma participação e colaboração mais autônoma com as pessoas adultas, ambos os grupos alcançam os processos de empoderamento.

Modelo P7: Uma ferramenta para imaginar, planejar, implementar e avaliar a participação juvenil



Fonte: Cahill & Dadvand, 2018

O modelo P7 é um dos mais recentes, se não o mais recente. Nele, os autores, além de considerarem a participação de pessoas adultas e jovens e discutir a questão do poder, trazem à mesa quatro questões fundamentais: a importância da diversidade entre as juventudes, a segurança das juventudes, o contexto no qual a participação deve ocorrer e o objetivo, ou seja, o que deve ser alcançado. Este modelo, embora pareça mais complexo, leva em conta muitos aspectos que na prática afetam o quanto as juventudes podem participar efetivamente e, o mais importante ainda, o quanto elas podem realmente impactar com suas ações.

Muitas pessoas jovens que se envolvem em questões sociais tornam-se jovens líderes e ativistas nas questões em que trabalham. O crescimento de uma pessoa jovem líder vem de uma combinação de experiência no campo, educação formal e informal sobre o assunto, orientação por outras pessoas jovens ou adultas líderes, e oportunidades para liderar processos.

Na tabela são apresentadas algumas características que devem ser mantidas ou promovidas para alcançar uma liderança juvenil eficaz:

Para ser um ativista eficaz é necessário:

- Paixão e energia.
- Perseverança para poder manter uma discussão e lutar.
- Uma imagem clara do que você quer ver/ alcançar.
- Capacidade para trabalhar em equipe.
- Disponibilidade para dedicar tempo e energia à causa.
- Entender que nem todas as pessoas compartilham seu ponto de vista e que você precisa de estratégias para persuadir quem não pensa como você
- Habilidades para comunicar sua mensagem de forma clara e simples para colocar as pessoas do seu lado e construir alianças.
- Compromisso de se preparar com pontos-chave para cada evento ou conversa que você tiver com atores-chave.

As pessoas jovens são ótimas ativistas ao abordar o CI porque:

- A situação as afeta e as envolve diretamente.
- Têm acesso a informações que as pessoas adultas não possuem e opiniões diferentes sobre normas sociais e tradicionais que podem variar de geração para geração, ao invés de permanecerem estáticas.
- Podem ajudar a identificar meninas e adolescentes que estão em risco de união e ajudar a intervir.
- Compreendem as pressões que as juventudes sofrem por parte de suas famílias e comunidades, particularmente no que diz respeito às práticas tradicionais.
- Podem realizar uma análise das soluções propostas, determinando se elas funcionarão ou não, e assim propor soluções ou intervenções que não tenham sido consideradas.

Quando devem ser tomadas as medidas necessárias?

Existem diferentes riscos enfrentados pelas pessoas envolvidas na questão do CI. O risco é uma situação que expõe algo ou alguém ao perigo, dano ou perda. O risco é composto de duas partes: a probabilidade de que algo dê errado e as consequências negativas que podem resultar.

O risco pode ser evitado ou mitigado através de uma análise de risco e tomando as devidas precauções. Como ativistas que procuram abordar o CI, as pessoas jovens vão ter que enfrentar muitos sistemas de crenças culturais e valores comunitários profundamente enraizados, o que pode representar um risco para elas.

Para as pessoas jovens líderes, alguns dos riscos são:

- Pontos de vistas ou opiniões de pessoas conservadoras e fundamentalistas que tentarão parar o trabalho que estão fazendo porque não querem que isso cause problemas, desafie as pessoas, ou simplesmente porque não acreditam no que lhes estão dizendo.
- Reações violentas ou ressentimentos da comunidade e de pessoas líderes religiosas, comunitárias ou tradicionais.
- Falta de compreensão por parte das famílias sobre sua posição e ressentimento por insistirem em abordar esta prática, que muitas vezes está profundamente enraizada em suas tradições.
- O tempo usado para abordar o CI pode tirar tempo de outras atividades importantes, tais como sua educação, a procura de um emprego, etc., e pode afetar negativamente sua capacidade de executar tarefas importantes.
- Exclusão social e diminuição da liberdade de expressão como resultado de reações negativas a seus pontos de vista.
- Falta de recursos ou apoio para poder realizar seu trabalho como ativista.

Para meninas, adolescentes e jovens não unidas, os riscos são:

- Aumento do risco de seus tutores as obrigarem a se unir.
- Frustração, ao reconhecer a desigualdade e querer ver uma mudança imediata em sua comunidade e perceber que não têm o poder para provocar essa mudança.
- Impossibilidade de resistência ao CI por parte de meninas e adolescentes e falta de alternativas ou serviços que possam ajudá-las.

Para meninas, adolescentes e jovens unidas:

- Possíveis abusos por parte de seus parceiros (que podem ser verbais, físicos ou sexuais), especialmente quando eles aprendem mais sobre seus direitos humanos, começam a estabelecer limites em sua vida privada e a expressar sua posição contra esta prática.
- Críticas ou represálias da comunidade contra meninas, adolescentes, jovens e mulheres que questionam abertamente suas uniões.
- Dificuldades em equilibrar as demandas familiares e os compromissos domésticos com sua capacidade de ajudar nas atividades de advocacy.
- Reviver o trauma da violência que sofreram se optarem por compartilhar suas experiências com o grupo. Este é um risco especialmente alto se não contarem com acesso aos serviços de apoio.
- Expectativas não satisfeitas por não receber apoio adequado depois de pedir ajuda.
- Potencial perigo de pessoas que se opõem a sua liderança ou se sentem ameaçadas por seu novo papel como ativista na luta pela mudança.

Há muitas maneiras de se proteger como jovens ativistas para a mudança. A ONU tem muitos protocolos para proteger ativistas e defensores dos direitos humanos que buscam um futuro melhor, incluindo o direito à livre associação e expressão. É importante verificar a constituição e as leis de seu país para saber quais leis e políticas podem proteger jovens ativistas. Trabalhar como um grupo torna sua voz mais forte e mostrar força como um grupo é uma maneira muito importante de se proteger conjuntamente.

É importante considerar que as atividades planejadas não devem prosseguir se o risco for alto e a possível gravidade do impacto também for alta (por exemplo, se houver uma alta probabilidade de abuso físico ou verbal ou de lesões). Também não deve prosseguir se não houver serviços de apoio ou organizações parceiras.

A importância das atividades de cuidado

Finalmente, é importante falar sobre o cuidado físico e emocional das pessoas jovens ativistas. Há diferentes maneiras de se cuidar física, emocional, social e cognitivamente:

- Cuidados físicos: dormir, descansar, alimentação saudável, fazer exercício.
- Cuidados emocionais: resiliência, gerenciamento do estresse, grupos de apoio, terapia psicológica especializada para ativistas, e até tratamento psiquiátrico.
- Cuidados sociais: saber pedir ajuda, ser escutada, dar e receber carinho, manter relacionamentos saudáveis.
- Cuidado cognitivo: meditar, conecte-se com a natureza, ler, curtir o silêncio.



Uma jovem participante dos programas da GoJoven na sua casa, em Livingston, Guatemala. Foto: *Girls Not Brides*/Priscilla Mora Flores/Colectivo Nómada.








Módulo 5: Fechamento do workshop

Objetivos de aprendizado

1. Proporcionar um espaço para refletir sobre o que foi aprendido e encerrar o workshop
2. Fazer uma avaliação do workshop, do aprendizado e das oportunidades de melhoria

Módulo 5 – Sessão 5.1

Avaliação do Workshop

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessários
5.1 Avaliação do workshop	Faça uma breve avaliação grupal do workshop para receber feedback das pessoas participantes sobre o que aprenderam e oportunidades para melhorar o trabalho que fazem.	1. Fazer o exercício da cara feliz, cara neutral, cara triste e tempestade de aprendizados	5 min	• Flipchart com uma cara feliz, uma cara neutral e uma cara triste • Marcadores
		2. Discussão em grupo	20 min	

Tempo total: 25 minutos

Atividade 1. Realizar o exercício cara feliz, cara neutral, cara triste e uma tempestade de aprendizados

Instruções:

Dê as boas-vindas às pessoas participantes a este último módulo, dizendo-lhes que as atividades neste módulo procuram ter a oportunidade de receber feedback antes de encerrar o workshop.

1. Coloque um Flipchart na parede com três colunas, como no exemplo no final deste módulo. Peça às pessoas participantes para colocarem uma marca (pode ser um certo ou uma cruz) na coluna da cara que represente como eles se sentem após o workshop.

Nota: esta atividade pode ser feita ao final de cada dia do workshop para fazer modificações ou mudanças.

2. Quando tiverem terminado, diga-lhes para escreverem no flipchart em branco as três coisas mais importantes que aprenderam no workshop.
3. Revise em voz alta as coisas que as pessoas participantes escreveram e agradeça-lhes por sua participação.

Atividade 2. Discussão grupal

Instruções:

Com esta última atividade, você abrirá o espaço para que as pessoas participantes digam o que acharam do workshop, o que aprenderam e as mudanças sugeridas para melhorar o workshop. Você pode usar as seguintes perguntas para orientar a discussão:

- O que vocês acharam do workshop?
- Qual foi sua atividade favorita?
- Que lições foram mais valiosas para vocês?
- Quais são suas sugestões para melhorar o workshop para outros grupos?
- Alguém quer compartilhar algum feedback específico?

Uma vez terminada a discussão, agradeça-lhes por sua participação e recomendações.



Módulo 5 – Sessão 5.2

Estabelecendo compromissos

#	Objetivos da sessão	Atividades em cada sessão	Tempo necessário	Materiais necessário
5.2 Compromissos	Redigir um compromisso para trabalhar na questão do CI	1. Fazer um cartão postal para mim	15 min	<ul style="list-style-type: none">• Cartões postais em branco• Envelopes

Tempo total: 15 minutos

Atividade 1. Fazer um cartão postal para mim

Instruções:

1. Diga às pessoas participantes que esta é a última atividade do workshop.
2. Dê a cada participante um cartão postal e um envelope e peça-lhes para escreverem no cartão postal uma tarefa ou atividade com a qual se comprometem para os próximos seis meses, relacionada ao CI.
3. Diga-lhes que estão escrevendo aquele cartão postal para si mesmas e que o receberão via correio dentro de seis meses como lembrete, portanto, devem escrever um endereço físico no envelope para enviar o cartão postal. Dê-lhes 10 minutos para escreverem o cartão postal e o endereço.
4. Recolha os cartões postais dentro dos envelopes e diga-lhes que há pelo menos tantos compromissos com a abordagem do CI quanto há participantes no workshop.
5. Agradeça-lhes novamente por sua participação e encerre o workshop.



Módulo 5: Materiais Didáticos de Apoio

Folha de trabalho: Cara feliz, cara neutral, cara triste

Este é um exemplo de como colocar as caras no Flipchart para perguntar às pessoas participantes o que pensam do workshop e o que aprenderam durante estas sessões:



Anexo I.

Materiais de apoio

Atividades para dividir o grupo em equipes de trabalho	<ol style="list-style-type: none">1. Figuras em papel2. Frutas3. Sequência numérica
Integração e atividades de quebra-gelo	<ol style="list-style-type: none">1. Trovões2. Fazendo compras no mercado3. O elefante diz
Atividades de apoio emocional	<ol style="list-style-type: none">1. Colagem de sentimentos2. Feijões com energia emocional3. Meditação guiada
História de vida adicional	A história de Renuka

Atividades para dividir o grupo em pequenas equipes de trabalho

Atividade 1. Números em papel

Para esta atividade você tem que conseguir imagens coloridas de revistas. Você tem que preparar estas imagens antes do workshop. Você precisará ter o mesmo número de imagens que o número de grupos, cada uma cortada com o mesmo número de peças que as pessoas que integram cada equipe, dobrada e colocada em um saco plástico ou cestinha. Por exemplo: Cinco equipes = cinco imagens, três pessoas por equipe = três peças por imagem, para que eles possam interagir e procurar as imagens correspondentes. Para utilizar esta atividade, você deve saber com antecedência o número de participantes do workshop.

Divida o número total de participantes em equipes do mesmo tamanho. Por exemplo, se houver 24 pessoas participantes, divida-as em quatro equipes de seis. Ou se você quiser grupos menores, você pode separá-las em seis grupos de quatro pessoas.

Uma vez na sessão, peça às pessoas participantes para tirarem um pedaço de papel da cestinha ou saco plástico. Em seguida, peça-lhes para desdobrar seu pedaço de papel e encontrar três (ou o número que corresponda) pessoas participantes com peças semelhantes para completar o quadro. Depois de encontrá-las, elas devem formar uma equipe.

Atividade 2. Frutas

Você deve calcular com antecedência o número de equipes que deseja ter para o número total de pessoas participantes na sessão. Tente organizar pequenas equipes: se forem 20 pessoas, podem trabalhar quatro grupos de cinco participantes. Se você seguir este exemplo, você precisará dos nomes de quatro frutas diferentes e cinco pedaços de papel com o nome ou imagem da fruta em cada um deles. Explique às pessoas participantes que se dividirão em equipes e retirarão um pedaço de papel com o nome de uma fruta do saco de plástico ou cesta. Então elas devem procurar suas “parceiras de frutas”, para que todas as mangas estejam juntas e assim por diante.

Atividade 3. Sequência numérica

Divida o grupo em equipes de quatro ou cinco participantes (o número dependerá do número total de pessoas participantes e do número de equipes que você deseja ter). Divida o grupo pedindo a cada participante que conte “um”, “dois”, “três” e assim por diante, dependendo do número de grupos que você deseja ter (digamos que você queira cinco grupos, então a sequência acaba com o número cinco). Então, comece novamente com o número um. Todas as pessoas participantes que disseram o número 2 se reúnem em uma equipe; o mesmo vale para os outros números.

Integração e atividades de quebra-gelo

Atividade 1. Trovão

A dinâmica “Trovão” é projetada para gerar boa disposição e energia entre as pessoas participantes. Peça a todas que formem um círculo (ou fiquem onde estão, desde que haja espaço suficiente para que se movimentem livremente). Explique que, através dos movimentos corporais, elas vão representar as seguintes palavras:

- **Chuva:** bater rapidamente as palmas das mãos sobre os joelhos.
- **Trovão:** movimentos rápidos com os pés.
- **Relâmpago:** Abra os braços rapidamente, com o braço direito apontando para cima à direita e o braço esquerdo apontando para baixo à esquerda.

Faça uma demonstração do movimento que corresponde a cada palavra quando explicar. Depois, peça às pessoas participantes que repitam os movimentos em grupo para treinar. Agora elas podem começar. Diga as palavras em voz alta e anime o grupo a fazer os movimentos no ritmo que você estabelecer, primeiro dizendo as palavras na mesma ordem e depois misturando-as. Faça-o cada vez mais rápido, logo todos começarão a interagir e a rir!

Atividade 2. Compras no mercado

Estas atividades ajudam todas as pessoas do grupo a se reunirem e criar uma atmosfera relaxada e divertida. Também servem para garantir que as pessoas participantes estejam bem acordadas, alerta e prontas para trabalhar.

Explique ao grupo que este é um jogo de memória. Peça-lhes que fiquem em círculo: escolha uma pessoa para começar e explique que todas elas têm que acrescentar algo à compra de quem as precederam, então elas devem escutar com atenção. A primeira pessoa diz: “No mercado, eu compro...” e depois deve mencionar um item que elas compram, por exemplo, maçãs. Então a próxima pessoa diz “No mercado, eu compro maçãs e também ... (um novo vegetal, fruta, item)”. O círculo é completado com cada participante adicionando um item e dizendo a lista de todas as pessoas anteriores, sem esquecer de nada.

Atividade 3. O elefante diz

Para esta atividade, peça-lhes que fiquem de pé em círculo ou em duas filas, uma de frente para a outra. Explique as regras do jogo: quando você disser “o elefante diz ...” e acrescenta uma atividade, por exemplo “fique de pé sobre uma perna só”, então o grupo deve fazer o que você diz e ficar naquela posição.

Se você der o comando sem usar a frase “o elefante diz...” então as pessoas participantes devem ignorar o comando (e ficar parados na posição anterior). Pratique! Por exemplo, diga: “O elefante diz ... toque sua orelha esquerda com sua mão direita” e use seu braço como se fosse a tromba de um elefante para tocar sua orelha. Então, diga: “Coce a cabeça e o estômago ao mesmo tempo”. As pessoas participantes devem ficar com a mão direita tocando sua orelha esquerda, porque você não disse a frase, “o elefante diz”. Continue jogando até as pessoas participantes tenham se divertido o suficiente.

Atividades de apoio emocional

Atividade 1. Colagem de sentimentos⁹

Materiais: Papel colorido, marcadores finos e cola

Tempo: 30 minutos

Instruções: Esta atividade pode ser utilizada para que as pessoas falem sobre os sentimentos que o conteúdo do workshop gerou em cada uma. Podem fazer isso em pares ou individualmente.

Diga-lhes que vão fazer uma colagem de emoções. Compartilhe com as pessoas participantes que uma colagem é um desenho feito a partir de diferentes peças, neste caso, de papel. Peça-lhes para pensar sobre as diferentes reações ou sentimentos que tiveram durante o workshop. Para cada sensação ou reação, elas arrancam um pedaço de papel e o colam na folha, mencionando e anotando o sentimento correspondente. Diga-lhes que começarão com os sentimentos ou reações consideradas negativas, como tristeza, raiva ou medo. Para as pessoas que estão trabalhando em pares, diga-lhes para verbalizarem que parte do conteúdo causou esses sentimentos. Para as pessoas que trabalham sozinhas, diga-lhes para fazerem o mesmo exercício em silêncio. Dê-lhes 10 minutos para a primeira parte da colagem.

Passados os 10 minutos, peça-lhes agora que pensem em sentimentos considerados positivos, como alegria, empolgação, curiosidade, e que façam o mesmo que fizeram na primeira parte do exercício, ou seja, rasguem pedaços de papel, pensem e escrevam um sentimento e cole o papel para fazer a colagem. Diga-lhes para compartilhar novamente que parte do conteúdo causou esses sentimentos e comentá-lo com suas parceiras ou internamente.

Depois disso, pergunte às pessoas participantes se gostariam de compartilhar suas colagens e reflexões com o resto do grupo. Deixe que 2 ou 3 pessoas compartilhem. Terminando a atividade, diga-lhes que quando falamos sobre o CI precisamos falar sobre outros tópicos que muitas vezes geram sentimentos difíceis. Isto porque vivemos muitas destas situações pessoalmente ou através de alguma pessoa próxima a nós, mas também porque muitas das circunstâncias determinantes para estas uniões revelam situações injustas e dolorosas para as pessoas. Diga-lhes que é normal ter todas estas emoções e sentimentos e que, ao fazer um trabalho sobre esta ou qualquer outra questão de justiça social, é necessário cuidar da nossa saúde emocional, seja porque ficamos magoados pelo que outras pessoas estão sofrendo (em psicologia isto é chamado de traumatização vicária ou secundária) ou porque já vivemos isso e devemos trabalhar para curar a dor de ter vivenciado estas experiências. Diga-lhes que fazer um trabalho terapêutico, seja um trabalho pessoal por causa dos traumas de experiência vividas ou traumas vicários, está fora do escopo deste workshop, mas é algo que as pessoas ativistas devem considerar como necessário. Agradeça a todas as pessoas por participarem e compartilharem seus sentimentos.

9. Adaptado de Katherine M. Hertlein & Felisa M. Huene, *Anger Collage*. Em Sori, C. F., & Hecker, L. L., 2016, *The therapist's notebook for children and adolescents: Homework, Handouts, and Activities for use in Psychotherapy*.

Atividade 2. Feijões de energia emocional¹⁰

Materiais: Papel em branco para escrever, marcadores finos, pequenos sacos de plástico ou de papel, e um saco de feijão.

Tempo: 30 minutos

Instruções: Esta atividade pode ser usada para falar sobre como os níveis de energia estão entre as pessoas participantes do workshop, particularmente após vários dias de workshop ou de uma sessão em que questões difíceis tenham sido abordadas.

Antes de iniciar a atividade, distribua um punhado de feijões (não mais do que 20 feijões) a cada participante dentro de um saco. Diga-lhes que vão falar sobre os níveis de energia que temos e como cuidar de nós mesmas enquanto trabalhamos em questões complexas como o CI. Diga-lhes que cada pessoa tem uma quantidade finita de energia emocional e que precisamos ter cuidado para não ficarmos sem energia quando estamos trabalhando para a mudança social. Diga-lhes para pensar sobre os dias que passaram juntas no workshop. Diga-lhes para anotar na folha de papel os tópicos do workshop que lhes causaram emoções fortes. Por exemplo, você pode dizer-lhes que algumas delas podem ter tido reações emocionais à questão da pobreza, ou à questão do racismo ou da violência, seja porque elas a experimentaram ou porque alguma pessoa próxima a eles experimentou. As emoções podem ter um nome ou ser sentidas no corpo. Por exemplo, “senti tristeza” ou “senti uma dor no estômago”. Dê-lhes cinco minutos para anotar suas emoções sobre os tópicos.

Quando tiverem escrito suas emoções, diga-lhes para pensarem agora sobre suas responsabilidades como jovens ativistas e nas suas vidas pessoais, e para escrevê-las também. Dê-lhes mais cinco minutos para isso. Quando tiverem a lista completa, diga-lhes para tirarem um feijão do saco para cada coisa que escreveram. Terminado, diga-lhes que cada coisa que escreveram requer energia emocional de sua parte e que o feijão representa a quantidade de energia disponível em um dia. Oriente a reflexão usando as seguintes perguntas:

1. Quantos feijões tiraram do saco?
2. Quantos feijões foram deixados no saco? Como vocês se sentem com os feijões deixados para trás?
3. O que vocês pensaram e sentiram quando viram a lista de emoções e responsabilidades e os feijões?
4. Que atividades vocês realizam para recarregar suas baterias todos os dias? Como vocês cuidam de si mesmas?

Agora diga-lhes que olhem a lista novamente e escolham duas emoções ou responsabilidades que elas podem riscar para hoje. Depois que fizerem isso, diga-lhes para colocarem dois feijões de volta no saco. Diga-lhes para ficarem em uma posição confortável, segurar o saco em suas mãos e sacudi-lo de um lado pro outro. Podem fechar os olhos se quiserem. Diga-lhes que é importante cuidar de si mesmas, especialmente quando se trabalha com questões complexas que buscam mudanças sociais, como o CI. Diga-lhes que continuem sacudindo o saco para aumentar a energia. Diga-lhes para pensarem em algo que gostem de fazer ou em uma música que gostem de escutar ou em alguma coisa que gostem de comer, e que se imaginem fazendo isso. Você pode deixá-las em silêncio por dois ou três minutos, após os quais poderá perguntar

10. Adaptada de Sarah Schonian, 2017, *Emotional Energy and Self-Awareness. An experiential Activity*. Em *The Group Therapist's Notebook. Homework, Handouts, and Activities for use in Psychotherapy*. Routledge.

se alguma delas gostaria de compartilhar como a experiência as fez sentir. Deixe que uma ou duas pessoas compartilhem. Finalmente, diga-lhes que considerem um dever de casa para o resto do workshop e como uma recomendação para o resto de suas vidas pensar como deixar energia dentro no saco para atividades de cuidado pessoal que lhes permitirão permanecer fortes para continuar trabalhando pela igualdade e justiça social..

Atividade 3. Meditação guiada

Materiais: Música tranquila

Tempo: 15 minutos

Instruções: Este exercício serve para ter um espaço de silêncio dentro do workshop, particularmente para quando houver alguma discussão de um tópico difícil. Diga às pessoas participantes que vão fazer uma meditação guiada, na qual você vai ler um texto enquanto elas escutam música, e depois você vai simplesmente deixá-las em silêncio. No final, você dará a indicação com um som ou uma palavra de que a meditação terminou. Diga-lhes que a intenção deste exercício é acalmar a mente depois de ter discutido assuntos complexos.

Peça às pessoas participantes para ficarem em uma posição confortável, que pode ser de pé, sentadas ou deitadas; diga-lhes que podem fechar os olhos se quiserem. Quando já estiverem na posição de sua escolha, você pode tocar música de fundo suave, de preferência instrumental. Em seguida, leia lentamente o texto a seguir:

Imagine que você é a folha de uma árvore. Você nasceu de um belo galho. À medida que as estações passam, você cresce, você passa do verde brilhante para o verde profundo. Quando chega o outono, você muda de cor, até que um dia chega um vento forte e arranca você do seu galho. Você voa pelo ar, gira várias vezes e se confunde com as nuvens. No final, você cai suavemente sobre uma pedra na beira de um riacho que nasce no alto de uma montanha. O vento sopra novamente e agora você voa e vai parar na água. A água não corre com muita força, então você flutua lentamente pelo riacho. Você percebe como no céu as nuvens começam a se juntar, ficam cinzas e uma trovada traz uma chuvarada intensa e pesada que chega até o riacho. Você começa a descer mais rápido, passando por pequenas quedas d'água. Você se pergunta quando a chuva vai parar. A chuva continua caindo com força, fazendo com que o nível da água do riacho suba. Você fica confuso e perdido na água, com outras folhas. Com o passar do tempo, a chuva para, e você continua sua viagem em um riacho que está mais calmo. Você vê um lago no fundo da colina, um lago que parece muito tranquilo. Você vai riacho abaixo, devagar, devagar. Você chega ao lago. Você está flutuando silenciosamente novamente. Você chega lá e flutua. Não há nada além de silêncio. Uma tranquilidade que faz o céu azul se refletir na água do lago como um espelho. Você está lá e está flutuando em paz. Você respira e espera. Tranquilamente. A pequena correnteza o leva até a beira do lago, você chega à terra. Você respira, você chegou e descansa. Chega o inverno e o ciclo começa novamente.

Quando terminar de ler o texto, deixe a música por mais 3-5 minutos e depois diminua o volume até que o grupo fique completamente silencioso. Deixe o grupo em silêncio por 3-5 minutos, dependendo de como elas tenham respondido à meditação. Para terminar, diga-lhes para voltarem lentamente, elas podem mover suas mãos e pés e abrir os olhos pouco a pouco. Você pode pedir a alguma pessoa que comente sobre como se sentiu com respeito à experiência. Após a participação de uma ou duas pessoas, agradeça-lhes pela confiança que tiveram em deixar você guiar esta meditação.

História de vida extra

A história de Renuka

Renuka nasceu na região leste de Trindade e Tobago em uma família indiana tradicional. Ela era a quarta filha de sete irmãos. Sua mãe morreu após o nascimento de seu irmão mais novo. Seu pai permaneceu no comando da família, então ele decidiu começar a comprometer todas as suas filhas em casamento para aliviar parte da pressão financeira. Renuka tinha oito anos de idade quando conheceu o homem com quem casou quando completou 14 anos em 2018.

Embora a lei em Trindade e Tobago proíba o casamento legal antes dos 18 anos de idade, durante muitos anos diferentes comunidades foram autorizadas a ter práticas diferentes em torno do casamento infantil. Por exemplo, meninas muçulmanas podiam se casar a partir dos doze anos de idade, meninas indianas podiam se casar a partir dos quatorze anos de idade e meninas cristãs não tinham limite de idade sob diferentes leis religiosas. Depois de muito trabalho de advocacy feito por vários grupos de mulheres, foi aprovada uma lei que padronizou as leis e proibiu o casamento infantil, mas esses casamentos ainda continuam na prática.


Renuka, agora com 16 anos, tem uma filha e está grávida novamente e não trabalha nem estuda. Seu marido, que é 20 anos mais velho que ela, é uma pessoa muito religiosa e é também muito violenta. Ele chegou a ferir seriamente Renuka, colocando até mesmo sua segunda gravidez em perigo. Renuka quer deixar o relacionamento, mas ela não sabe que seu casamento é ilegal. Ela também não quer engravidar novamente, pois já viu que suas irmãs agora têm muitos filhos. Entretanto, a Renuka também não tem acesso à contracepção.

Perguntas para discussão:

O que levou Renuka a entrar numa união precoce?

Quais são as barreiras à aplicação de leis como as de Trindade e Tobago?

O que pode ser feito para que Renuka possa ter uma vida melhor e deixar o relacionamento em que se encontra?



Anexo II.

Tomando medidas

Como desenvolver uma estratégia de advocacy






Objetivos de aprendizado

No final do módulo, as pessoas participantes serão capazes de:

1. Desenvolver uma estratégia de advocacy
2. Desenvolver mensagens de comunicação eficazes
3. Selecionar as melhores práticas para trabalhar com a mídia

Anexo II. – Sessão All.1

Definindo a mudança que você deseja alcançar

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessário
All.1 Definir a mudança que você deseja alcançar	Definir a mudança que você deseja alcançar	1. Qual seria seu futuro ideal?	30 min	<ul style="list-style-type: none">• Revistas• Tesoura• Cola
	Definir o resultado esperado de advocacy	2. Ver a apresentação sobre o resultado esperado e os objetivos de advocacy	30 min	<ul style="list-style-type: none">• Flipchart• Marcadores• Fita adesiva
	Estabelecer os objetivos de advocacy	3. Analisar como definir um resultado esperado e os objetivos de advocacy	45 min	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação sobre objetivos de advocacy

Tempo total: 1 hora 45 minutos

Atividade 1: Trabalho em grupo - Qual seria seu futuro ideal?

Instruções:

1. Divida as pessoas participantes em grupos e peça-lhes que imaginem que estiveram viajando durante dez anos. Acabam de voltar para descobrir que seus sonhos em relação ao tema do CI, foram realizados. Todos os problemas foram resolvidos e a sociedade está funcionando como sempre desejaram. Peça às equipes que façam um desenho (ou usem os desenhos das revistas) usando cores, figuras, palavras e/ou imagens de como seria esta sociedade ideal. Peça-lhes que definam uma imagem clara de como elas imaginam esta sociedade ideal. Elas têm 10 minutos para desenhar sua sociedade perfeita e discutir seus planos com a equipe.
2. Deixe que cada equipe apresente brevemente seu desenho para o resto do grupo. Durante sua apresentação, anote as palavras-chave dos principais temas que emergem das apresentações. Dedique 10 minutos no total para que o trabalho das equipes seja apresentado.
3. Uma vez que cada grupo apresentou sua imagem, tente ver se, usando as palavras-chave que você observou, todo o grupo pode escolher um objetivo comum de advocacy. Use 10 minutos para abrir a discussão sobre qual deve ser o objetivo geral de advocacy do grupo.

Atividade 2: Apresentação sobre os resultados esperados de advocacy e os objetivos de advocacy

Instruções:

Agora é sua vez de apresentar o que é um resultado esperado de advocacy, o que é um objetivo geral e quais são os objetivos específicos de advocacy, como eles são estabelecidos e o que queremos dizer quando nos referimos à criação de objetivos inteligentes. Use as informações da ficha “Definição de objetivos de advocacy” para preparar sua apresentação.

Atividade 3: Definição de um resultado esperado de advocacy e objetivos de advocacy






Instruções:

1. Diga as pessoas participantes que agora que completaram muitas das sessões do treinamento, já sabem que existem vários fatores importantes em torno do CI, tais como a compreensão dos múltiplos fatores que o causam. Elas têm pesquisado estas questões em sua comunidade ou país. Elas também refletiram sobre como o gênero influencia e impacta essas questões de várias maneiras. Então agora podem tomar medidas e estabelecer um objetivo de advocacy.
2. Divida o grupo em três equipes. Peça às equipes que façam uma tempestade de ideias sobre como escrever um resultado esperado de advocacy, um objetivo geral e dois ou três objetivos específicos de advocacy. Atribua 15 minutos para a discussão em grupo e depois 15 minutos para relatar os trabalhos.
3. Durante os últimos 10 minutos da sessão, você pode fazer algumas perguntas breves e depois passar à discussão. Desta forma, você pode verificar se todas as pessoas entenderam as ideias que foram discutidas:
 - O que é um resultado esperado de advocacy?
 - O que é um objetivo geral de advocacy?
 - O que é um objetivo específico?
 - Quais são as diferenças entre um objetivo geral de advocacy e um objetivo específico?
 - O que é um objetivo MEJOR (ou SMART, em inglês)?

Peça-lhes para mencionar o que foi o mais importante que aprenderam nesta sessão e, em seguida, encerre a sessão.

Anexo II. – Sessão All.2

Como desenvolver uma estratégia de advocacy

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessário
All.2 Desenvolvimento de estratégias de advocacy	Aprendendo a desenvolver uma estratégia de advocacy	1. Ver a apresentação	10 min	<ul style="list-style-type: none">• Folhas de flipchart• Marcadores• Fita adesiva• Apresentação sobre o desenvolvimento de estratégias de advocacy• Cópias da folha de trabalho: Modelo para o desenvolvimento de uma estratégia de advocacy
		2. Desenvolver uma estratégia de advocacy	20 min	

Tempo total: 30 minutos

Atividade 1: Apresentação sobre como desenvolver uma estratégia de advocacy

Instruções:

Cabe agora a você, como pessoa facilitadora, explicar o que o grupo deve fazer para desenvolver uma estratégia de advocacy para o trabalho de advocacy de jovens ativistas. Apresente as principais ideias que estão incluídas na ficha informativa “Desenvolvendo uma estratégia de advocacy”.

Atividade 2: Desenvolvendo uma estratégia de advocacy

Instruções:

1. Divida o grupo nas mesmas três equipes da última atividade e diga-lhes que desenvolverão uma estratégia de advocacy em equipe. Trata-se de uma estratégia ou plano que nos ajudará a decidir o que, quando e quem estará envolvido no desenvolvimento de nossas atividades para atingir nosso objetivo de advocacy. Dê a cada pessoa participante uma cópia do modelo de trabalho para o *Desenvolvimento de uma Estratégia de Advocacy*. Cada grupo deve analisar as colunas da tabela de estratégias de advocacy e preencher o máximo possível para desenvolver sua estratégia. Peça a cada grupo que preencha os objetivos específicos na tabela e pense nas atividades que podem






realizar para ajudar a alcançar esses objetivos, escrevendo todos esses pontos na folha de trabalho. Peça-lhes que utilizem como apoio os objetivos gerais e específicos que desenvolveram na sessão anterior. Este exercício é apenas um exemplo para fazê-las pensar sobre as diferentes áreas e questões que devem ser consideradas ao planejar suas atividades de advocacy, por isso vale a pena testar um modelo para que todas estejam cientes de tudo o que implica o desenvolvimento de uma estratégia. Ressalte que também é importante pensar no tempo, quem será a pessoa responsável por cada tarefa e os recursos de que dispõem para realizar essas atividades. Têm 20 minutos para discutir as seções da folha de trabalho e iniciar seu planejamento estratégico.

2. Terminando este período, peça a cada equipe que faça uma breve apresentação de sua estratégia de advocacy e plano de ação para atingir seu objetivo.
3. Adicione cinco minutos ao final da atividade para receber comentários ou responder perguntas do grupo. É importante que todas as pessoas entendam como fazer este exercício e que compreendam tudo o que é necessário para realizar o plano.



Anexo II. – Sessão AII.3

Desenvolvimento de mensagens de comunicação eficazes

 Número da sessão	 Objetivos da sessão	 Atividades em cada sessão	 Tempo necessário	 Materiais necessários
AII.3 Desenvolvimento de uma mensagem de comunicação eficaz	Aprender as características que uma mensagem eficaz tem para seu público-alvo: como fazê-los pensar, sentir e agir	1. Realizar uma dinâmica de equipe: Sussurro, Sussurro	10 min	• Documentos com manchetes a serem lidas
	Aprender como trabalhar com a mídia e no que implica a realização deste tipo de atividades de comunicação	2. Ver a apresentação sobre gerenciamento eficaz de mensagens e mídia	20 min	• Apresentação sobre comunicação eficaz

Tempo total: 30 minutos

Atividade 1: Conduzir uma dinâmica de grupo: Sussurro, sussurro

Instruções:

Recomendamos que você utilize esta dinâmica de grupo como uma forma muito simples, mas eficaz de demonstrar a sua turma como as mensagens podem ser distorcidas ou alteradas completamente quando são comunicadas. Ajude a destacar a importância de manter a comunicação clara e simples, especialmente quando se trata de um assunto complexo como o CI:

1. Peça ao grupo que forme duas fileiras, de frente para a sala, e certifique-se de que haja algum espaço entre ela. Escreva antecipadamente em pedaços de papel algumas manchetes da imprensa engraçadas ou incorretas ou mesmo algumas crenças sobre o CI.
2. Dê uma dessas sentenças à primeira pessoa em cada fila. Peça-lhes que leiam a mensagem silenciosamente e depois sussurrem-na para a pessoa que está atrás delas. Cada pessoa fará a mesma coisa: sussurrará a mensagem para a pessoa que está atrás dela. Continuar com esta atividade até chegar ao final da linha.

3. Peça à última pessoa que diga em voz alta a mensagem que recebeu. Normalmente o resultado é muito engraçado, porque a mensagem é distorcida à medida que passa de uma pessoa para outra.

Use este exercício como uma boa oportunidade para apresentar a ideia principal desta parte da sessão, criar mensagens-chave, e para discutir a questão do envio de mensagens, bem como as falhas de comunicação que ocorrem durante este processo. Pergunte às pessoas participantes o que deu errado e por quê. Peça-lhes que pensem como poderiam ter evitado esses erros ou melhorado a comunicação. Dê 10 minutos para este exercício e reflexão.

Atividade 2: Ver apresentação sobre mensagens eficazes e gerenciamento da mídia

Instruções:

Prepare uma apresentação sobre mensagens de comunicação e gerenciamento de mídia usando a ficha “Desenvolvendo Mensagens de Comunicação Eficazes e Trabalhando com a Mídia”. Faça a apresentação em 15 minutos e deixe cinco minutos para perguntas e respostas e para encerrar a sessão.



Materiais didático de apoio

1. Folha de trabalho: Modelo para o desenvolvimento de uma estratégia de advocacy
2. Ficha informativa: Como estabelecer objetivos de advocacy?
3. Ficha informativa: Como desenvolver uma estratégia de advocacy
4. Ficha informativa: Como desenvolver mensagens de comunicação eficazes e como trabalhar com a mídia

Folha de trabalho: Modelo para o desenvolvimento de uma estratégia de advocacy

Este modelo se destina a apoiar o desenvolvimento de uma estratégia de advocacy. Siga as instruções e responda as perguntas dentro do modelo. Se você tiver alguma dúvida, pode consultar o modelo de amostra para sua orientação.

Escreva seu objetivo geral de advocacy:

Objetivos específicos O que você quer alcançar? Qual é a mudança que você quer ver?	Público-alvo Quem são as pessoas importantes que você precisa guiar ou influenciar para alcançar a mudança que você quer ver?	Principais atores Com quem você precisa trabalhar e quem pode ajudá-la a atingir seu objetivo geral?	Atividades Que passos concretos ou ações e em que ordem você precisa implementá-los para alcançar cada objetivo específico, que prazo você precisa para alcançar o objetivo de advocacy?	Recursos Que coisas e recursos específicos você precisará para atingir seu objetivo geral? Se você precisar de dinheiro ou de um orçamento, determine quanto será e de onde ele virá.

Riscos potenciais Quais são os possíveis riscos, impactos negativos ou desafios que podem surgir de seu trabalho como ativista? Incluir as questões de gênero.	Prazo Mantenha uma ideia muito clara dos passos que devem ser dados, a ordem em que devem ser implementados e em que prazo devem ser realizados.	Quem está no comando? Seja claro sobre quem é a pessoa encarregada de que tarefa específica e qual é o seu papel para realizá-la.	Critérios de sucesso Como você saberá se atingiu seu objetivo e o que você precisa para registrar o progresso em termos do que você quer alcançar?

Estas perguntas podem ajudá-la a definir possíveis atividades em sua estratégia de advocacy:

1. Quais são as características pessoais de seu público-alvo: o que gostam, o que não gostam, o que lhes interessa, o que você sabe sobre o que fazem e como você pode captar a sua atenção? Pense em quais atividades ou táticas já funcionaram antes com essas pessoas para que você possa chamar sua atenção ou fazer contato direto com elas. Por exemplo, se seu público-alvo for um político tímido que não gosta de receber muita atenção da mídia, então você pode optar por produzir um breve relatório com provas claras do que funciona para abordar o CI, o que será mais apropriado do que organizar um protesto fora de seu escritório ou coletar assinaturas. Nesse documento, você poderá expor os argumentos que mostram porque esta questão é importante, para que seja mais direcionada e relevante para ele.
2. Você tem um orçamento para suas atividades? Caso contrário, a organização de um evento que terá custos como pagamento de alimentos, contratação do espaço, etc., pode ser pouco realista. Pense em coisas que você pode fazer que não custam dinheiro se você não tiver o orçamento para implementá-las: por exemplo, envolver a mídia muitas vezes não custa dinheiro. Ou, se a atividade for fundamental, então considere trabalhar com outra pessoa para que você possa realizar as ações em conjunto; isto pode reduzir os custos e também pode ajudá-la com algum dinheiro extra.
3. Em termos reais, quanto tempo você pode investir neste projeto? Seja realista sobre o tempo que você pode dedicar a este trabalho e o que você espera alcançar.

Exemplo de um modelo completo

Objetivo geral de advocacy: Lembre-se, o objetivo geral é uma breve descrição do que você pretende alcançar a longo prazo, ou seja, uma visão ampla do que você quer alcançar através de seu trabalho como ativista.

Exemplo: Reduzir o número de uniões precoces em 25% em duas localidades de sua comunidade em um ano.

Objetivos específicos	Público-alvo	Principais atores	Atividades	Recursos
O que você quer alcançar? Qual é a mudança que você quer ver?	Quem são as pessoas importantes que você precisa guiar ou influenciar para alcançar a mudança que você quer ver?	Com quem você precisa trabalhar e quem pode ajudá-la a atingir seu objetivo geral?	Que passos concretos ou ações e em que ordem você precisa implementá-los para alcançar cada objetivo específico, que prazo você precisa para alcançar o objetivo de advocacy?	Que coisas e recursos específicos você precisará para atingir seu objetivo geral? Se você precisar de dinheiro ou de um orçamento, determine quanto será e de onde ele virá.
Apresentar um debate no rádio sobre os efeitos do CI	<ul style="list-style-type: none">• Autoridades educacionais locais• Delegados da polícia e outras autoridades• Pessoas da comunidade	<ul style="list-style-type: none">• Mídia local• A polícia	<ul style="list-style-type: none">• Visitar a estação de rádio local para apresentar a ideia• Falar com um primo que conhece um DJ de rádio para obter conselhos sobre como apresentar esta proposta e estruturar a discussão• Assegurar que as mulheres jovens participem do programa/discussão	<ul style="list-style-type: none">• Dinheiro para transportar a equipe e assegurar a participação das mulheres jovens no programa/discussão

Riscos potenciais Quais são os possíveis riscos, impactos negativos ou desafios que podem surgir de seu trabalho como ativista? Incluir as questões de gênero.	Prazo Mantenha uma ideia muito clara dos passos que devem ser dados, a ordem em que devem ser implementados e em que prazo devem ser realizados.	Quem está no comando? Seja claro sobre quem é a pessoa encarregada de que tarefa específica e qual é o seu papel para realizá-la.	Critérios de sucesso Como você saberá se atingiu seu objetivo e o que você precisa para registrar o progresso em termos do que você quer alcançar?
A comunidade local é hostil a estes pontos de vista, portanto, convidaremos uma pessoa respeitada da comunidade para o programa	Em dois meses: a ser concluído até o final de fevereiro	Pedro: Falar com o DJ ou com o apresentador do programa de rádio; Selina: Escrever um roteiro e delinear os principais pontos de discussão; Marta: Convidar uma pessoa idosa para o programa.	Apresentar um debate no rádio sobre os efeitos do CI

Ficha informativa: Como estabelecer objetivos de advocacy?¹¹

Uma estratégia de advocacy tem diferentes etapas. Para começar, é preciso estabelecer um resultado esperado de advocacy, o objetivo geral e os objetivos específicos da estratégia.

Um dos principais aspectos do trabalho de advocacy é ser claro sobre a mudança que se quer provocar. A definição do resultado esperado de advocacy é um dos passos mais importantes para alcançar uma estratégia de sucesso.

Os elementos de um resultado esperado de advocacy são:

- A mudança ou ação política desejada: que decisão queremos ver tomada no âmbito político ou de programa.
- Atores políticos: quem são as pessoas tomadoras de decisão?
- Especificações: que características tem esta decisão. Por exemplo, o período para alcançar o resultado esperado de advocacy, os elementos ou princípios básicos (perspectiva de gênero, direitos de meninas e adolescentes, respeito à diversidade sexual, perspectiva interseccional), alcance geográfico, populações para as quais está orientada a mudança, orçamento.

Um exemplo de um resultado esperado de advocacy relacionado ao CI pode ser o seguinte:

Projetar e implementar um programa social de apoio educacional e econômico com uma perspectiva interseccional para jovens mulheres indígenas da área de Ixmiquilpan em Hidalgo, México, que viveram um casamento ou união precoce e forçada durante o período do governo 2021-2023.

Para estabelecer um objetivo geral de advocacy é necessário:

1. Definir a mudança total para a qual você gostaria de contribuir. É uma ideia clara do mundo que você quer criar, a visão final que você quer ver realizada, e o que você quer alcançar a longo prazo através de seu trabalho. Deve ser inspiradora e explicar claramente a questão pela qual você está lutando. Não é algo que você possa alcançar por si mesma, mas coletivamente. Por exemplo, Girls Not Brides tem a visão de um mundo sem casamento infantil onde meninas, adolescentes e mulheres desfrutam de igualdade com seus pares masculinos e possam alcançar seu pleno potencial em todos os aspectos de suas vidas.
2. Pensar no tamanho e na escala de suas ações. Calcular quanto tempo cada uma de vocês pode investir para atingir seu objetivo geral de advocacy. Seja realista, quanto mais você se informar e trabalhar com mais pessoas, mais poderá aumentar seu objetivo geral e suas ambições. Você pode querer focalizar seu objetivo em uma comunidade específica ou em um grupo particular de pessoas, para que você tenha um grupo chave e trabalhe em questões específicas.
3. Avaliar o que sua pesquisa e análise de gênero revelou em sua comunidade. O que é que agora motiva você e entusiasmo como objetivo geral? Que questões específicas surgiram desta pesquisa que você pode trabalhar de forma oportuna?

11. Informações adaptadas de: Alcalde, M.A. e Cano, G., 2009, *Manual de Planeación en Advocacy*, Federação Internacional de Planejamento da Família, Região do Hemisfério Ocidental.

Definições e diferenças entre objetivo geral e objetivos específicos

Objetivo geral	Objetivos específicos
<ul style="list-style-type: none">• El propósito principal que buscas lograr.• Es la visión amplia de lo que quieres ver que suceda en el mundo.• Es algo que queremos emprender.• Es medible en cuanto a que el cambio que quieres lograr marca una diferencia que puede ser observada.• Pertenece a un marco de tiempo de largo plazo. <p>Ejemplo: “Quiero lograr que se elimine el matrimonio infantil”.</p>	<ul style="list-style-type: none">• Definição• Acciones concretas a las que dirigimos nuestros esfuerzos para lograr la meta.• Consiste en pasos más pequeños y específicos que te ayudarán a lograr tu meta.• Debe ser medible y tangible.• Su marco temporal de acción es de corto a mediano plazo. <p>Ejemplo: Quiero sensibilizar a las autoridades de mi comunidad sobre la importancia de reducir el número de MUITF para finales del año.</p>

Uma vez que você tenha uma visão do objetivo geral, você deve pensar em soluções concretas que ajudarão você a abordar o CI. Isto permitirá que você se concentre em atingir o objetivo geral através de seu trabalho como ativista e priorizando seu trabalho e as tarefas que você precisa fazer para esse fim. Seus objetivos específicos indicam que mudanças e resultados você quer alcançar a curto prazo.

Como grupo, faça uma tempestade de ideias de objetivos específicos que possam ajudá-los a atingir sua meta geral. Estes objetivos devem ter as seguintes características: devem ser Mensuráveis, Específicos, Justo quanto ao período de ação, Oportunos e Realistas, formando a sigla MEJOR. Cada um destes termos é detalhado a seguir.

- **Mensurável:** como saberemos que a estratégia foi bem sucedida? Até que ponto queremos que algo mude?

Você precisa ser capaz de medir o impacto de seu trabalho de advocacy. Alguns exemplos de produtos ou ações que são medidos são: número de pessoas que se beneficiaram com sua estratégia, número de pessoas que receberam a mensagem que você desenvolveu, número de materiais impressos, número de legislações relacionadas ao CI que foram alteradas. Se seus objetivos específicos não puderem ser medidos, eles devem ser alterados.

- **Específico:** que ações concretas devem ser tomadas? Por que queremos alcançar este objetivo?

Isto nos indica especificamente que área você deseja melhorar e devem ser escritos de tal forma que não haja espaço para diferentes interpretações. Quando você pensa nos objetivos específicos, deve pensar em ações mais concretas, em pequenas etapas específicas. Por exemplo, se o objetivo geral de sua estratégia de advocacy é “reduzir o número de CI em minha comunidade”, quando você escreve o objetivo específico, deve ser algo em que você possa começar a trabalhar amanhã, se assim o desejar.

- **Justo quanto ao período de ação:** qual é o prazo para atingir este objetivo? Quando as ações começarão e quando terminarão?

Sua equipe pode desenvolver uma cronologia de quando os objetivos específicos serão alcançados e deve ser clara em sua redação.

- **Oportunos:** o objetivo vale a pena? Podemos nos comprometer com o objetivo?

É importante que haja uma compreensão clara de como estes objetivos específicos se relacionam com a visão geral de advocacy do grupo ou com o trabalho de advocacy que você está fazendo.

- **Realista:** temos os recursos para atingir os objetivos? O esforço que faremos para atingir o objetivo é razoável?

Seus objetivos específicos devem ser realistas, ou seja, a mudança que você deseja ver deve ser possível. Isto significa que eles não só devem ser realizáveis, mas também devem ser possíveis para você, trabalhando coletivamente e com alianças estratégicas, para torná-los bem sucedidos.

Aqui está um exemplo de um objetivo geral e objetivos específicos, mostrando como analisar o objetivo específico. Você pode usar esta tabela em sua apresentação e pedir aos participantes que o ajudem a analisar os outros dois objetivos. O que os torna MEJOR?

Objetivo geral	Objetivos específicos	Elementos que tornam o alvo MELHOR
Reduzir os CI na região do Vale Central de Oaxaca	1. Criar uma aliança de diversas organizações da sociedade civil preparadas para trabalhar na questão do CI até meados de 2021	Mensurável: Uma aliança. O número de organizações que fazem parte da aliança. Específico: Buscar uma aliança. Justo quanto ao período de ação: O objetivo deve ser alcançado até o final de 2021. Oportuno: Uma parceria pode ajudar a conseguir que vários setores da região se comprometam a trabalhar para eliminar os CI. Realista: Se houver tempo e recursos disponíveis, a promoção de uma aliança local é uma atividade viável.
	2. Realizar quatro workshops de conscientização do CI com legisladores na região do Vale Central em 2021	
	3. Reduzir o número de CI na região do Vale Central de Oaxaca em 50% até 2025	

Ficha informativa: Como desenvolver uma estratégia de advocacy

Apresentação ao grupo

Há muitas definições de advocacy. Em geral, entende-se como um processo organizado pela sociedade civil organizada a fim de transformar a realidade e influenciar as leis, políticas e programas públicos. Normalmente, as ações de advocacy são dirigidas às pessoas que tomam decisões ou legislam em um determinado lugar. O objetivo ao fazer um plano de advocacy é conseguir mudanças que beneficiem as pessoas de uma comunidade e que sejam realizadas de acordo com um plano estratégico e dentro de um determinado período.

Agora que você desenvolveu seu objetivo geral e objetivos específicos de advocacy, você está pronta para analisá-los com mais detalhes e pensar sobre quais passos práticos você pode dar para alcançá-los; um passo de cada vez. Uma estratégia de advocacy é uma maneira de começar a planejar este processo: ela permite planejar cada atividade individual que ajudará a alcançar o objetivo final a longo prazo, ajuda você a pensar em quem em sua equipe pode ajudar em qual atividade específica e quem irá compor seu público-alvo ou atores-chave. Isto envolve fazer um plano dos passos a serem dados para alcançar a mudança que você deseja realizar. Sua estratégia justificará o leque de atividades que precisam ser realizadas para atingir o objetivo de longo prazo. Em resumo, vocês devem considerar as seguintes perguntas:

- Onde estamos sobre a questão do CI?
- Para onde vamos com este assunto?
- Como podemos chegar lá?

Cada passo deve incluir:

- Formas eficazes de trabalho, considerando as oportunidades e desafios do contexto no qual você está trabalhando.
- Como distribuir os recursos disponíveis.
- Como gerenciar as relações entre os principais atores e a rede de pessoas com quem você está trabalhando.
- Mensagens feitas sob medida para atingir públicos específicos que a ajudarão a atingir seu objetivo de advocacy.

É muito importante ter uma visão estratégica e sistemática ao planejar o advocacy. Ou seja, planejar passo a passo o que precisa ser feito, garantir que cada ação seja realizada e ajudar as outras pessoas a conhecerem seus planos e se envolverem com eles.

Você deve estabelecer a meta final e depois dividir o caminho em pequenas ações. Isto só pode ser feito por meio de uma abordagem consciente e proativa. As mensagens estratégicas são necessárias e importantes para alcançar a mudança que você deseja ver. É essencial que você direcione estas mensagens para públicos-chave, produzindo assim uma comunicação eficaz e, portanto, fazendo advocacy. Isso ajudará você a dividir objetivos mais amplos em etapas concretas e ações mais gerenciáveis.

Cabe a você determinar se é útil discutir e rever sua estratégia a cada mês ou a cada dois meses, de acordo com o cronograma que você desenvolver e seu objetivo de advocacy. As estratégias de advocacy precisam ser ajustadas e corrigidas à medida que se avança, pois o contexto em que se trabalha também muda. Você precisará rever e corrigir algumas atividades e ações ao iniciar sua implementação na vida real para ter certeza de que está tratando o assunto da melhor maneira possível e que não está deixando ninguém de fora, nem ignorando a realidade do grupo ou comunidade na qual você está trabalhando como ativista.

Em resumo:

Uma estratégia de advocacy ajuda você a planejar cada passo ou atividade para ajudá-la a atingir o objetivo geral de advocacy ou “visão de longo prazo” que você definiu para seu trabalho como ativista. A estratégia ajuda a deixar claro: onde estamos agora, para onde queremos ir e o que precisamos para chegar lá. As atividades de estratégia de advocacy devem ajuda-la a:

- Avaliar as oportunidades e desafios que podem surgir ao trabalhar em um contexto específico, bem como os passos a serem tomados para superar quaisquer desafios ou riscos.
- Certificar-se de ter alocado os recursos humanos, materiais e financeiros disponíveis para as atividades relevantes, e de ter distribuído as tarefas e atividades, incluindo a produção de relatórios e avaliações, entre as pessoas da rede com as quais você realizará o trabalho.
- Gerenciar as relações entre os principais atores e gerenciar suas redes de suporte. Também deve ajudar você a saber com quem precisa trabalhar.
- Criar mensagens personalizadas que persuadam os públicos-alvo que você deseja abordar.

O planejamento estratégico é uma abordagem sistemática que permite que outras pessoas estejam cientes de nossos planos para se envolverem com um determinado assunto. A criação de mensagens estratégicas ajudará a atingir públicos relevantes, produzindo uma comunicação mais eficaz e com maior impacto. Também ajuda a estruturar a visão geral para que você possa definir os pequenos passos ou ações que são mais realizáveis. Isto a aproximará da mudança que você deseja ver como resultado de seu trabalho como ativista.

Ficha informativa: Como desenvolver mensagens de comunicação eficazes e como trabalhar com a mídia

Uma vez desenvolvida sua estratégia de advocacy, é importante que você identifique as mensagens-chave: breves declarações que expliquem sua visão, a mudança que você quer alcançar e como você quer alcançá-la. Uma mensagem transmite claramente ao público alvo qual é a questão principal, por que é importante, o que estão sendo solicitados a fazer para ajudar a alcançar o objetivo, por que vale a pena se envolver e o impacto positivo de tal ação.

Uma declaração única e forte ou uma mensagem geral é importante para unir sua estratégia de advocacy. Se você tiver muitas mensagens ou se elas forem muito vagas ou complexas, elas podem não captar o interesse de seu público-alvo ou seu impacto pode não ser duradouro. A declaração não precisa ser uma única frase, mas tente mantê-la curta e concisa para manter o interesse de seu público-alvo.

As mensagens de advocacy devem:

- Persuadir e motivar as pessoas, fazê-las sentir-se inspiradas a contribuir para uma mudança.
- Aumentar a consciência da questão e fazer com que as pessoas sintam que ela é importante.
- Criar um sentimento emocional sobre o assunto: se você conseguir que as pessoas se mostrem solidárias com as injustiças por trás do CI, você poderá obter mais apoio. Você tem que dizer a eles exatamente por que devem se preocupar com o assunto.
- Conseguir que a mídia e as pessoas influentes de sua comunidade se interessem e se engajem.
- Ter um impacto e destacar-se de toda a “comunicação lixo” que as pessoas enfrentam todos os dias. Todos recebem muitas informações das notícias de toda a mídia; tente manter sua mensagem simples, mas destacada do resto.

Uma mensagem de advocacy deve incluir:

- Uma declaração central que explica sua ideia principal ou a causa do problema. Apresente claramente por que a mudança é importante e qual é seu objetivo geral a longo prazo, o que você quer alcançar através de seu trabalho de advocacy. Todas as pessoas-chave devem ser capazes de entender e captar isto imediatamente.
- Alguns exemplos de provas para apoiar a declaração central, incluindo números e dados que sejam fáceis de entender.
- A linguagem focada em captar a atenção de seu público-alvo. Por exemplo, um caso da vida real que ilustra o impacto que teve pode ser usado para chamar a atenção das pessoas. Também dá um rosto humano à questão que você está comunicando.
- As ações que precisam ser implementadas e o que seu público-alvo pode fazer para contribuir para a mudança, a fim de encontrar uma solução para o problema.

Em resumo, as mensagens eficazes devem ter as seguintes características:

- Resumir a mudança que querem provocar.
- Ser curto e simples.
- Ser direcionado e adaptado a um público específico.
- Incluir as razões pelas quais é importante fazer uma mudança.
- Ser memorável.
- Combinar mensagens emocionais e racionais.

Você pode usar os seguintes elementos essenciais para orientar o desenvolvimento de mensagens-chave:

1. Apelo ao coração. Por que deveriam se preocupar com o assunto? Comunique a necessidade e o que precisa mudar.
2. Apelar para as mãos. O que eles podem fazer? O que você está pedindo a seu público alvo que faça?
3. Apelo para a mente. O que pode ser mudado? Use exemplos inspiradores e ideias poderosas do que é possível fazer.

Trabalhando com a mídia

- Trabalhar com a mídia é essencial para qualquer iniciativa ou campanha de advocacy. Isto inclui todos os tipos de mídia, desde as mais tradicionais até novas plataformas, como as redes sociais. Trabalhar com diferentes mídias será essencial para transmitir sua mensagem ao público alvo com o qual você deseja se conectar, além de ajudá-la a espalhar a palavra a um público mais amplo.

Considere os seguintes pontos:

- Criar uma lista de contatos relevantes com a mídia, incluindo estações de rádio e personalidades/canais de televisão voltados para as juventudes que podem ser aliados importantes.
- Escrever artigos sobre sua causa e envie-os aos jornais locais ou nacionais.
- Falar nas rádios comunitárias é outra forma importante de comunicar sua mensagem e fazer-se ouvir.
- Criar suas próprias plataformas para ampliar sua voz: isto pode incluir atividades como a realização de peças de teatro públicas, criação de arte de rua, elaboração de folhetos ou panfletos, ou escrever um blog online. Há muitas opções que você pode usar a seu favor.
- Pesquisar como outros ativistas e organizações têm criado campanhas e mensagens de sucesso.

Recursos externos para consulta:

- Casamentos e Uniões Infantis, Precoces e Forçados na América Latina e O Caribe, 2020, Folha Informativa, *Girls Not Brides*. <https://www.girlsnotbrides.es/aprendizaje-recursos/centro-de-recursos/matrimonios-y-uniones-infantiles-en-alc/>
- Perfil do casamento infantil e as uniões precoces na América Latina e O Caribe, UNICEF, 2019: <https://data.unicef.org/resources/profile-of-child-marriage-and-early-unions-in-latin-america-and-the-caribbean/>
- Ending child, early and forced marriage is crucial to gender equality, *Girls Not Brides*, 2020: <https://www.girlsnotbrides.org/resource-centre/ending-child-marriage-is-crucial-to-gender-equality/>
- Objetivos e metas de desenvolvimento sustentável, ONU: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/es/sustainable-development-goals/>
- Greene, M. E., 2019, *Una Realidad Oculta para niñas y adolescentes. Matrimonios y uniones infantiles, tempranas y forzadas en América Latina y El Caribe*, Reporte Regional, Plano Internacional Américas e UNFPA.
- *Status da população mundial: Contra minha vontade, desafiar as práticas que prejudicam às mulheres e meninas e impedem a igualdade*, UNFPA, 2020: <https://www.unfpa.org/es/swop>
- Observação Geral número 20 do ano 2016 sobre a efetividade dos direitos da infância durante a adolescência do Comitê de Direitos da Infância: <http://docstore.ohchr.org/SelfServices/FilesHandler.ashx?enc=6QkG1d%2fPPRiCAqhKb7yhsqIkirKQZLK2M-58RF%2f5F0vH%2bg0BeHNYSXl2ulaeIW9Y1jn%2ba4Z2iaNPMKlJhzvzg%2bJKOrQeoR-E7vfMUMHawFfQYybp%2b06K%2fKawf3HS3T64R>
- Cahill, H. y Dadvand, B., 2018, *Re-conceptualizing youth participation: a framework to inform action*. *Children and Youth Services Review*, 95, 243-253.
- Declaração dos Direitos Sexuais, World Association for Sexual Health: https://worldsexualhealth.net/wp-content/uploads/2013/08/declaracion_derechos_sexuales_sep03_2014.pdf

Girls Not Brides
(Meninas, Não Noivas)
é uma parceria
global de mais de
1.500 organizações
da sociedade civil
de mais de 100
países empenhadas
em abordar com o
casamento infantil e
permitir que as meninas
alcancem seu pleno
potencial.



Parceria para Eliminação dos Casamentos Prematuros



pe lo fim do
casamento
infantil

Uma voz. Uma possibilidade. Um futuro.



Publicado em março de 2021 por
Girls Not Brides
Seventh Floor
65 Leadenhall Street
London, EC3A 2AD
United Kingdom

T: 0203 725 5858

F: 0207 603 7811

 www.GirlsNotBrides.org

 info@GirlsNotBrides.org

 www.facebook.com/GirlsNotBrides

Girls Not Brides é uma empresa limitada por garantia (Reg. N° 8570751) e uma organização beneficente registrada na Inglaterra e no País de Gales (Reg. N° 1154230).